Diário de Lisboa

Fundador **Joaquim Manso** Director **A. Ruella Ramos** Director-adjunto **Fernando Piteira Santos**

ANO 61.º N.º 20 764
Janeiro 1982
Quinta-feira
28
15$00

A primeira foto de Dozier depois do rapto, distribuída em 27 de Dezembro último

Polícia italiana libertou Dozier

Cinco brigadistas presos na operação

O general norte-americano e chefe do Estado-Maior adjunto da NATO para o Sul da Europa, James Lee Dozier, foi esta manhã libertado em Pádua, na sequência de uma operação policial desencadeada naquela cidade italiana. Na «prisão popular», expressão que as Brigadas Vermelhas usam para classificar o local de detenção dos seus «prisioneiros», foram detidos cinco «brigadistas». A notícia da libertação do general foi comunicada ao chefe da polícia de Roma pelo perfeito de Verona e representante local do Governo italiano que dirigiu as investigações sobre o rapto do militar da NATO.

Nos últimos dias inúmeros rumores sobre negociações entre as «Brigadas Vermelhas», por um lado, e o Governo italiano ou familiares e «amigos» do general, por outro, foram postos a correr em Itália. Contudo, o comunicado n.º 5 das «Brigadas Vermelhas» divulgado na segunda-feira passada, recusava qualquer negociação. A Imprensa italiana adiantava, no caso da hipótese do resgaste ser acolhido pelas «BV», a soma de 9,8 milhões de dólares, aproximadamente 660 000 contos.

Por outro lado, os jornais italianos na sua edição de hoje de manhã afirmavam estar para breve a libertação de Dozier. O «Corriere de La Sera» titulava «Horas decisivas para Dozier», enquanto o jornal socialista «República» referia o montante do hipotético resgaste e um certo optimismo nos círculos diplomáticos americanos em Roma.

Entretanto, um despacho da agência «AFP» da Roma adianta que o ministro do Interior, Virgílio Rognoni, informou imediatamente o presidente Sandro Pertini da libertação do militar americano.

Por outro lado, e segundo uma fonte policial, o estado de saúde de Dozier «é bastante bom», e o general encontra-se actualmente na prefeitura da polícia de Pádua.

Na Câmara dos Deputados do Parlamento italiano, que hoje se encontra reunida, ouviram-se demorandos aplausos quando foi anunciada a sua libertação.

Espanto em El Salvador

Guerrilha destrói 70 por cento dos aviões da Junta Militar

Colômbia:

"M-19" mantém avião desviado em Cali

Amanhã no "DL"

Estamos no limiar da alteração do regime

— afirma José Tengarrinha em entrevista

No início do repouso, depois da maratona: o sonho frustrado

Arroios partilha decepção do jovem dançarino

António Gomes não bateu afinal nenhum recorde

António Gomes parou às 22h22 e 16 segundos depois de ter dançado cerca de 108 horas consecutivas, mas foi o último a saber que, afinal, não batera qualquer recorde. Lágrimas, desmaios e flores, muitas flores marcaram várias peripécias da maratona da dança que entre sexta-feira e ontem decorreu na acanhada sede do Atlético Clube de Arroios.

Os pais de António Gomes, estavam esta manhã desiludidos com tudo o que aconteceu.

Dona Lídia, a mãe, fez acusações à direcção do Atlético, enquanto que o pai concluiu que em «Portugal não há condições para estas coisas» e «não se ampara ninguém com qualidades».

Dançar tanto para quê, António? Eis o que a mãe quase perguntou, esta manhã, deitando contas à vida, analisando o que viu na sede do Atlético, os milhares de pessoas que lá entraram (pagando cinquenta escudos), enquanto o filho, que se deitou por volta das 3 da madrugada, dormia ao meio-dia. Lamentou ainda que ninguém da direcção do Atlético se tivesse preocupado com o estado do seu filho, que não tinha vinte escudos para tomar um café. Será que não vão dar um tostão ao António Gomes? «Então, que é feito dos envelopes que mandaram para o meu António?» **Pág. 8**

DL ler/escrever Suplemento Literário

«LEVANTADO DO CHÃO»

Espaços e movimentos

Ao ser atribuído o «Prémio Cidade de Lisboa» pela quarta vez, o suplemento literário de hoje publica uma crítica ao romance de José Saramago «Levantado do Chão», da autoria da conhecida especialista da literatura portuguesa e professora universitária Maria Lúcia Kpecki. Além de informação editorial e literária diversa, «Ler/Escrever» inclui ainda colaboração de Carlos Leite, com um poema inédito, e Mario Benedetti sobre «Os filhos de Roque Dalton».

Ainda os funcionários públicos e o seu imposto

Em artigos publicados neste jornal em 28 e 30 de Novembro último procurámos sensibilizar as pessoas a essa falada medida que é a sujeição dos funcionários públicos aos impostos de que têm estado isentos – quanto a nós, e de forma cristalina, uma tremenda insensatez, como procurámos demonstrar.

Procurámos evidenciar que essa medida seria impopular e inconveniente para os funcionários, e se apresentaria sem qualquer vantagem financeira, antes seria gravosa, para o Estado. Na realidade, em tal esquema o Estado, para cobrar o que afinal atribuirá previamente a título de correspondente compensação, impõe-se um aumenno das operações administrativas nas entidades processadoras das renumerações e das tarefas inerentes à cobrança dos impostos que «a priori» se afirma, sem possibilidade de contestação, ser de elevado custo e susceptivel, quanto aos serviços do Ministério das Finanças, de pôr em risco a sua capacidade de resposta.

Procurámos também fazer compreender que os funcionários públicos têm pago duramente os benefícios de que beneficiam ou de que se julga beneficiarem – entre eles a isenção do imposto profissional agora em causa – a preço duma desfavorável discriminação em relação ao sector privado ou pelo menos à sua parte com dimensão e significado económico relevantes. Essa discriminação ainda agora é evidenciada ao ser adoptada uma tabela de renumerações que comporta um aumento médio de apenas 10,7% em relação à anterior, sensivelmente inferior a outros em discussão neste momento.

Mas não tínhamos ainda pensado noutras repercussões que começam agora a entrever-se. Com efeito, começam agora trabalhadores do sector privado a sentir-se prejudicados em relação aos do sector público na medida em que a este vai ser atribuída uma compensação pelas novas cargas fiscais, a que aqueles trabalhadores se consideram também com direito. É evidente que há aqui um defeito de raciocínio: não se olha a que no sector público há uma alteração de circunstâncias que não ocorre no sector privado e a que há que atender, e a que o sector privado há muito está adaptado a uma situação de sujeição à tributação fiscal que nele não pode deixar de existir, pela não coincidência das entidades Estado e patrão (como já referi nos citados artigos de 28 e 30 de Novembro). Mas sem dúvida que está criada mais uma fonte de incompreensões, de reivindicações neste caso menos justificadas, e das correspondentes possíveis perturbações, tão inconvenientes na nossa já tão frágil economia.

Isto é, com esta questão do imposto profissional dos funcionários públicos meteu-se o Governo num bom buraco de que ainda não se viu bem a profundidade, que não agrada a gregos nem a troianos, e que se afigura só poder ser evitado se for feita a tempo marcha atrás. Oxalá haja a coragem e o bom senso de ainda o fazer.

E.G.L.

comunicação social

Jornalistas e Revisão Constitucional

Uma delegação do Sindicato dos Jornalistas, constituída por Manuel de Azevedo (Assembleia Geral), António Santos e Eugénio Alves (Direcção) e Ribeiro Cardoso (Conselho Técnico e de Deontologia), procedeu ontem à entrega, na Assembleia da República, à Comissão Parlamentar de Revisão Constitucional, de um «Memorandum» inserindo os pontos de vista do SJ quanto à revisão em curso da Lei Fundamental.

Trata-se, basicamente, das principais conclusões do colóquio sobre a Revisão Constitucional que o Sindicato dos Jornalistas promoveu em 13 e 14 de Fevereiro de 1981 – e no qual participaram deputados, profissionais da Informação e membros dos Conselhos de Informação e do Conselho de Imprensa.

Aliás, refira-se desde já, é intenção do SJ publicar em tempo útil a síntese das intervenções então proferidas e, deste modo, tornar mais claras e públicas as posições da classe sobre a matéria em questão.

No referido «Memorandum», o Sindicato dos Jornalistas chama a atenção dos partidos com representação parlamentar para o seguinte conjunto de questões:

Os direitos e garantias consignados nos artigos 37.º e 40.º ficariam vazios de sentido se houvesse qualquer alteração do artigo 18.º da Constituição que limitasse o seu alcance. Por sua vez, no artigo 37.º seria necessário introduzir o direito a ser informado, naturalmente um dos direitos fundamentais dos portugueses e complementar do direito à Informação.

Acentua também o «Memorandum» que o artigo 38.º deveria dizer claramente que a intervenção dos jornalistas é feita através dos Conselhos de Redacção. Essa «intervenção», de que fala o texto constitucional, só deveria ter dois limites: os órgãos partidários e os confessionais. Os jornalistas portugueses consideram, de acordo com o «Memorandum», que o reconhecimento do papel dos Conselhos de Redacção, também nos órgãos de comunicação social públicos, corresponderia à consagração de uma das mais sentidas reivindicações da classe.

Especifica-se no documento que a liberdade de Imprensa em Portugal tem de ser garantida mediante um complexo conjunto de medidas. Ao Sindicato impõe-se como uma das mais necessárias a garantia de condições de exercício da profissão, pelo que (lê-se) «o artigo 38.º deveria institucionalizar os direitos fundamentais dos jornalistas, inscritos no seu Estatuto, nomeadamente o direito ao sigilo profissional, à liberdade de expressão, criação e acesso às fontes de Informação e a garantia de independência».

Sublinha-se ainda no «Memorandum» que o direito à Informação e a ser informado «exige uma referência na Lei Fundamental, à existência de um sector público de comunicação social e a garantia de que o Estado apoiará uma Informação descentralizada».

Assevera-se também no documento que a actual Constituição «não coloca entraves à criação de empresas privadas no sector da Informação escrita», o que os jornalistas não contestam, «mas terá de assegurar a permanência de um sector público na Imprensa, sob pena de não poder satisfazer o direito à Informação que ela própria estabelece». Importante: «a limitação de a Televisão não poder ser objecto de propriedade privada é um princípio constitucional a ser igualmente mantido».

Segundo se lê no «Memorandum», a função desempenhada pelo Conselho de Imprensa «concedeu a este órgão um elevado estatuto moral que importa disgnificar,
constitucionalizando-o».

Noutra ordem de ideias, o artigo 38.º deveria, também, «estabelecer limites claros à concentração de empresas jornalísticas que impedissem a formação de monopólios da Informação, que já se começam a desenhar e desenvolver». Também o artigo 39.º deveria «reconhecer os órgãos de comunicação social públicos como instituições de serviço público, como garantia institucional da liberdade de Informação».

Afirma-se no «Memorandum» que os órgãos de comunicação social públicos «devem ser independentes do poder político» – e a Constituição «deveria definir os processos de nomeação e de exoneração dos seus gestores».

Sublinhe-se igualmente no documento que «nos órgãos de comunicação social do sector público, os Conselhos de Redacção devem ter o direito constitucional de vetar, por razões profissionais, os directores de Informação propostos pelas respectivas administrações».

Refere também o documento que «as contigências vividas na comunicação social pública e a experiência iniciada no Conselho de Redacção da ANOP apontam para esta solução 'ousada' que não foi sequer ainda reconhecida na lei geral». E, no entanto, «esta seria uma medida das mais positivas no sentido de dignificar as funções do director de Informação, garantindo não só a insenção como a qualidade da Informação produzida».

Menciona o «Memorandum», por fim, que «a actividade dos Conselhos de Informação tem merecido reservas poronparte da classe». O SJ considera, porém, que «serão de manter esses Conselhos na Lei».

AIND: CCT sem ressalvas

A Associação de Imprensa Não Diária (AIND) assinou o contrato colectivo de trabalho dos jornalistas sem qualquer ressalva às prerrogativas dos Conselhos de Redacção.

Adelaide Paiva, presidente da AIND, considerou que o voto vinculativo do Conselho de Redacção para a promoção dos jornalistas ao III Grupo «contribui para uma vivência democrática nas Redacções».

A AIND – única entidade patronal a assinar o CCT sem qualquer ressalva a este respeito – também não levantou qualquer impedimento à clásula que concede um subsídio complementar de reforma aos profissionais do sector.

«Debate Europa»

Portugal e a CEE foi o tema do programa internacional «Debate/Europa», de cerca de uma hora, gravado nos estúdios da Radiotelevisão Portuguesa e que reuniu, em Lisboa, representantes dos serviços ibéricos da BBC, Deutch Welle, RAI, Radio France, Radio Nederland, além da Radio Nacional de Espanha e da RDP.

O eng. Álvaro Barreto, antigo ministro da Indústria e da Integração Europeia, pronunciou-se sobre os problemas relativos à integração de Portugal no Mercado Comum, tendo sido repetidamente confrontado com as habituais reservasdos opositores a essa mesma integração.

O programa será transmitido, num arranjo de 25 minutos, no dia 3 do próximo mês de Fevereiro, às 23 horas, na Antena Um.

Rectificação

Relativamente a uma notícia publicada na nossa edição de 15 de Dezembro último, esclarece a Edipim (Editores e Produtores Musicais, Lda.) que Rui Ressurreição não é sócio daquela empresa.

CÂMARA MUNICIPAL DO CONCELHO DE ALMADA

P. P. n.º 265/81

EDITAL N.º 5

JOSÉ MARTINS VIEIRA, DA CÂMARA MUNICIPAL DO CONCELHO DE ALMADA.

Faço público que, a partir da data da publicação deste Edital, ficam notificados os actuais e futuros proprietários do prédio denominado Vinha dos Cães-Urraca, freguesia de Caparica, com a matriz cadastral sob o art.º 45 da secção F/Caparica, que nos termos do art.º 1.º do Dec.-Lei n.º 275/76, de 13 de Abril, e em consequência da deliberação tomada em 15/1/82, ratificou o despacho do Presidente da Câmara de 16/12/81 proferido ao abrigo do art.º 65 da Lei 79/77, de 25 de Outubro, face ao qual esta Câmara Municipal tomou posse administrativa do referido terreno onde se efectuou um loteamento clandestino, tendo esta posse como efeitos jurídicos a imediata suspensão dos trabalhos, a proibição de quaisquer trabalhos ou actividades que não respeite a exploração normal do terreno.

Nos termos do art.º 4.º daquele diploma legal poderá reclamar no prazo de trinta dias para esta Câmara alegando e provando a falta de fundamento desta providência.

Se não for apresentada reclamação ou esta for indeferida será feita participação dos factos ao Tribunal Judicial para promover o respectivo procedimento criminal e a consequente passagem da propriedade do terreno para o património municipal.

Almada, 19 de Janeiro de 1982

O Presidente da Câmara
José Martins Vieira

Sindicato dos Trabalhadores das Indústrias Metalúrgicas e Metalomecânicas do Sul

CONVOCATÓRIA

Assembleia de delegados

(Todos os delegados sindicais filiados no sindicato)

dia 29 de Janeiro às 10 horas na S.F.U.A.P., Largo 5 de Outubro — **Cova da Piedade**

NOS TERMOS DO ARTIGO 8. DO REGULAMENTO DA ASSEMBLEIA DE DELEGADOS E DANDO CUMPRIMENTO AOS ARTIGOS 47. DA SECÇÃO IV E 55. DA SECÇÃO V DOS ESTATUTOS DO SINDICATO,

- CONVOCA-SE A ASSEMBLEIA DE DELEGADOS PARA DIA 29 DE JANEIRO, ÀS 10 HORAS, NA S.F.U.A.P., COVA DA PIEDADE COM A SEGUINTE

ORDEM DE TRABALHOS:

1 — APROVAÇÃO, MODIFICAÇÃO OU REJEIÇÃO DO PLANO DE ACTIVIDADES E ORÇAMENTO PARA O ANO DE 1982 ELABORADO E APRESENTADO PELA DIRECÇÃO.
2 — SITUAÇÃO SOCIAL

A DIRECÇÃO
BARREIRO, 20/1/82

CÂMARA MUNICIPAL DO CONCELHO DE ALMADA

EDITAL N.º 7

P. P. n.º 264/81

JOSÉ MARTINS VIEIRA, PRESIDENTE DA CÂMARA MUNICIPAL DO CONCELHO DE ALMADA.

Faço público que, a partir da data da publicação deste Edital ficam notificados os actuais e futuros proprietários das propriedades denominadas Quinta do Foni descrita na matriz sob o art.º 5 secção C1/Costa de Caparica e Carrascalinho, descrita sob os artigos 8, 77, 78, e 79/AE/ Caparica, situadas na Falésia da parte norte das instalações da Nato na freguesia de Caparica, que nos termos do art.º 1.º do Dec.-Lei n.º 275/76, de 13 de Abril, e em consequência da deliberação tomada em 15/1/82, ratificou o despacho do Presidente da Câmara de 16/12/81, proferido ao abrigo do art.º 65.º da Lei 79/77, de 25 de Outubro, face ao qual esta Câmara Municipal tomou posse administrativa dos referidos terrenos onde se efectuou divisão de lotes, tendo esta posse como efeitos jurídicos a imediata suspensão dos trabalhos, a proibição de quaisquer trabalhos ou actividades que não respeite a exploração normal do terreno.

Nos termos do art.º 4.º daquele diploma legal poderá reclamar no prazo de trinta dias para esta Câmara alegando e provando a falta de fundamento desta providência.

Se não for apresentada reclamação ou esta for indeferida será feita participação dos factos ao Tribunal Judicial para promover o respectivo procedimento criminal e a consequente passagem da propriedade do terreno para o património municipal.

Almada, 20 de Janeiro de 1982

O Presidente da Câmara
JOSÉ MARTINS VIEIRA

A profissionalização em exercício e os seus problemas

Reinaldo Varela Gomes(*)

Iniciou-se em Outubro de 1980 um novo sistema de preparação de professores dos ensinos preparatório e secundário. Este novo processo, a que se deu o nome de «profissionalização em exercício», encontra-se consignado nos seus princípios gerais no Decreto-Lei n.º 519-T/79, de 29 de Dezembro, ligeiramente alterado pelo Decreto-Lei n.º 217/80, de 9 de Julho.

Tentava este novo tipo de formação de docentes, que tinha como base um regime de contratação plurianual (2 anos lectivos), colmatar a falta de estabilidade e a diversidade de níveis de formação dos professores, dar início a uma carreira docente estimuladora, criar espaços e tempos livres destinados a actividades educativas complementares e à criação de uma autonomia regional.

A profissionalização em exercício surge como um substituto para o estágio clássico, por não se reconhecer neste, qualidades suficientes para a nova dinâmica que se pretendia imprimir ao ensino, nem este formar docentes em número suficiente para colmatar as assimetrias regionais existentes quanto à qualidade do ensino.

Este processo apresentava bastantes inovações em relação ao que o precedera. Entre as mais importantes salientamos: o período de formação alargar-se por dois anos lectivos; a observação das actividades dos formandos ter sempre o carácter formativo, o que permitiria uma permanente remodelação quanto a estratégias pedagógicas empregues; exigia uma participação activa da Escola e dos docentes já profissionalizados nas actividades; permitir um uma relativa independência das instituições de ensino em relação aos órgãos centrais, etc.

Todavia, não houve o cuidado de preparar estruturalmente os suportes que davam apoio ao sistema. Todos os professores que intervinham tinham tido um estágio clássico e ser-lhes-ia excepcionalmente difícil, sem uma preparação adequada, o inserirem-se num modelo que se poderá considerar revolucionário. Ora, a preparação não foi feita, o que permitiria supor uma falência total do sistema.

Contudo, devido à boa vontade e espírito de dedicação de certos elementos envolvidos no processo, a profissionalização em exercício arranca, apesar das deficiências de que enfermava.

Os intervenientes, por ordem de importância, são os seguintes: Conselho Orientador Direcções-Gerais de Ensino, Equipas de Apoio Pedagógico, Orientadores Pedagógicos, Conselhos Pedagógicos das Escolas com profissionalização, Delegados dos Grupos com profissionalizantes, Conselhos de Grupos Disciplinares, e, finalmente os professores em formação.

Logo no início do processo se notaram grandes dificuldades no seu arranque, pois as estruturas de apoio não estavam em condições de desempenharem as suas funções. Assim, as normas que deveriam servir de base para a elaboração do instrumento central da formação de cada profissionalizando, o chamado PIT (Plano Individual de Trabalho), só chegam às escolas em finais de Dezembro de 1980.

A discussão e aprovação desses planos vêm-se a realizar, nas melhores das hipóteses em Fevereiro de 1981, pois ainda há escolas que passados 16 meses sobre a abertura oficial da profissionalização em exercício nem esse objectivo conseguiram atingir.

Os Planos Individuais de Trabalho dos diversos profissionalizandos deveriam ter por base um Plano Global de Escola que teria em linha de conta não só as carências dos formandos, mas, igualmente as necessidades pedagógico-científicas de todos os outros docentes, profissionalizados ou não, pois a profissionalização em exercício não passava de um primeiro passo na concretização de um grandioso processo de formação contínua de professores.

Todavia, estes grandiosos projectos começam a ruir pela base. Os delegados, todos eles formados no estágio clássico, não conseguem, na sua grande maioria, enquadrarem-se dentro de um processo dinâmico e não centralizado.

As escolas ou não elaboram planos gerais, ou quando o fazem, não conseguem dar cumprimento às actividades previstas.

Os orientadores, por falta de apoio superior, muitas vezes, outras por manifesta impreparação, não aparecem nas escolas e quando vêm, limitam-se a dar conselhos de ordem geral.

As equipas de apoio pedagógico não cumprem as suas funções. Os apoios materiais faltam. É a falência do sistema.

As escassas informações, que vão chegando às escolas, são divergentes. Cada grupo tem as suas normas. Isto, para não falar, nas divergências existentes de região para região.

Todavia, apesar das deficiências estruturais apontadas, o Ministério, através dos seus representantes, diz que tudo caminha bem, apesar de vez em quando reconhecer que nem tudo é tão claro como parece.

Entretanto, aproxima-se a hora da verdade neste sistema. A avaliação. A situação dos profissionalizandos pode dividir-se em quatro grandes grupos:

1 – Os que nunca tiveram delegados;
2 – Os que tiveram delegado no primeiro ano e não o pos-suem actualmente, e o Inverso;
3 – Os que têm delegado só em uma das disciplinas que constituem o objecto de ensino do grupo (caso do 8.º Grupo-B do ensino secundário onde há delegados de Português e faltam os de Francês);
4 – Os que têm delegado desde o início da profissionalização e onde, apesar dos condicionalismos gerais, se tem tentado dar cumprimento aos objectivos propostos pelo processo.

Nos princípios de Janeiro deste ano, chegam às escolas os parâmetros de avaliação onde se incluem objectivos comportamentais que não estavam incluídos nos projectos específicos fornecidos anteriormente pelo MEU.

É o caos. Os delegados ameaçam demitir-se. Os Conselhos Pedagógicos reúnem-se de emergência. Os profissionalizandos protestam. O Sindicato dos Professores da Grande Lisboa organiza comissões para apresentarem as suas reivindicações a todos os níveis desde a Presidência da República até às Direcções-Gerais de Ensino.

Para as pessoas que não se encontram inseridas no processo poderá parecer estranho a movimentação que provoca o aparecimento de um documento que estava previsto na legislação. Todavia, este procedimento explica-se pelo atraso na sua saída e pela falta de enquadramento com as propostas de trabalho apresentadas anteriormente.

Se se tivesse aplicado o que está legislado na Portaria n.º 64/81, de 16 de Janeiro, haveria quatro momentos na avaliação: na 2.ª quinzena de Fevereiro e na 1.ª quinzena de Julho do 1.º ano e na 2.ª quinzena de Fevereiro do 2.º ano, sendo estas de carácter qualitativo, que na maioria das escolas não foram efectuadas, e a quarta e última teria lugar entre 15 e 30 de Junho do 2.º ano da profissionalização.

Para se conseguir uma maior objectividade na apreciação dos comportamentos do professor em profissionalização deveriam ser utilizadas grelhas e fichas de observação e avaliação a ser elaboradas pelos orientadores pedagógicos, segundo critérios gerais estabelecidos pelo conselho orientador e pelas direcções-gerais de ensino.

Ora essas grelhas e fichas não existiam. Daí os mais variados critérios nas avaliações feitas até ao momento e as dificuldades de certos profissionalizandos em darem cumprimento aos objectivos gerais consignados nos projectos específicos da formação.

Entre as ondas de protesto que suscitaram os parâmetros agora distribuídos, parece-nos de salientar a posição tomada pelos presidentes e delegados representantes dos Conselhos Pedagógicos da área 6B (inclui as escolas da zona da Grande Lisboa) na reunião que tiveram no Ministério com representantes das Direcções-Gerais dos diversos graus de ensino.

Esta tomada de posição mostra-se de extraordinário interesse para o processo pois, segundo a Portaria acima citada participam no processo de avaliação o próprio professor em profissionalização, o conselho de grupo, os delegados, os orientadores pedagógicos e o conselho pedagógico. Ora, nessa reunião estavam presentes os representantes de todas as entidades que terão uma palavra a dizer no processo avaliativo, com excepção dos profissionalizandos e os orientadores pedagógicos, apesar de alguns deles estarem presentes como meros observadores.

O documento diz o seguinte:

«Os presidentes e delegados de grupo representantes dos Conselhos Pedagógicos da área 6B, reunidos em plenário, conforme o ofício 236-Proc. Ol. FP/6.139 de 6-LE2, consideram:

1 – Que os apoios previstos na legislação e que são da responsabilidade do MEU não se concretizaram, nomeadamente os expressos na Portaria 64/81 de 10 de Janeiro (4.2 (1), 5.2 (2), 7.5 (3), 15 (4), 16 (5) e 18 (6), tendo o processo sido suportado unicamente pelas escolas.

2 – Que o documento referente à «Avaliação de Formandos», chegou com um dia de antecedência em relação à reunião supracitada, não tendo sequer chegado a algumas escolas.

3 – Que o documento referido, que deveria ter sido acompanhado duma proposta de critérios e de quantificações (7.5 (7) não foi, mantendo-se, no entanto, a exigência de avaliação qualitativa para a 2.ª quinzena de Fevereiro.

4 – Que a convocatória para esta reunião foi altamente incorrecta, não respeitando as condições mínimas exigidas em sessões de trabalho deste tipo

e decidem

1 – Considerar inútil esta reunião face aos objectivos propostos.

2 – Considerar inoperantes os Serviços Centrais face às Escolas no que concerne aos seus processos específicos.

3 – Solicitar, urgentemente, a apresentação da proposta de definição de critérios, níveis, pesos e quantificações dos parâmetros para a avaliação dos formandos e o grau de participação dos diversos intervenientes. Proceder-se-á, de imediato, a uma discussão nas Escolas, com vista a uma reunião posterior com os mesmos participantes.

4 – Apoiar a equipa de apoio pedagógico nas suas tomadas de posição, dadas a conhecer na primeira parte desta reunião.

5 – Não efectivar, caso não seja possível, as avaliações previstas para a 2.ª quinzena de Fevereiro no que respeita ao primeiro ano; em relação ao segundo ano, e ainda de acordo com a equipa de apoio pedagógico da área 6B, as avaliações serão efectivadas um mês após a chegada às Escolas da documentação completa.

6 – Divulgar esta tomada de posição a outras escolas.

7 – Condenar a marginalização dos formandos – principais interessados no processo.»

Esta proposta foi aprovada por 39 votos a favor, 2 abstenções e não houve votos contra.

Apesar dos aspectos positivos que apresenta esta proposta, não pode deixar de causar apreensão àqueles que estão mais interessados no processo, os formandos, a adiar «sine die» o encontrar uma solução para todo este problema.

Sem dúvida que o Ministério é o principal responsável por esta degradação, todavia não se pode deixar de imputar certas responsabilidades a todos os outros participantes no processo, incluindo os próprios profissionalizandos, por, em altura mais conveniente, não terem iniciado uma luta em que as exigências seriam mínimas; unicamente o cumprimento do que está legislado.

Sendo o assunto polémico e actual a ele voltaremos.

---

(1) – 4.2. Definir os apoios a fornecer a nível documental, audiovisual e directo e sugerir esquemas para a sua concretização (compete ao conselho orientador).

(2) – 5.2 (Compete ao conselho orientador e às direcções-gerais de ensino, conjuntamente.) Definir, sob proposta das equipas de apoio pedagógico, o apoio diversificado a prestar aos conselhos pedagógicos.

(3) – 7.5 (Compete às equipas de apoio pedagógico.) Colaborar com os delegados na definição dos critérios de classificação dos professores em profissionalização;

(4) – 15. Para a acção referida no número anterior (este diz: a profissionalização em exercício é centrada na escola, competindo ao conselho pedagógico programar, orientar e avaliar as actividades de profissionalização de docentes). o conselho pedagógico será assistido pelas equipas de apoio pedagógico e pelas direcções-gerais de ensino, nomeadamente no que se refere ao enquadramento das acções de profissionalização em exercício no plano geral da formação contínua.

(5) – 16. Nas cidades sedes de zona serão criados centros de apoio pedagógicos regionais, onde ficarão instaladas as equipas pedagógicas, os quais serão equipados com os necessários recursos documentais, audiovisuais e outros, a fim de poderem auxiliar a formação de professores na escola.

(6) – 18. As direcções-gerais de ensino providenciarão no sentido de serem dadas às escolas as condições indispensáveis para a utilização dos recursos existentes a nível central, fazendo-o, nomeadamente, através da informação actualizada dos recursos disponíveis e da definição dos critérios de utilização.

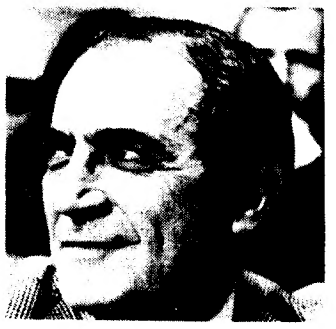
(7) – Ver nota 3.

• Professor de História e investigador

ponto a ponto

● O **Presidente Ramalho Eanes** recebeu ontem o embaixador da Grécia em Lisboa, que lhe foi apresentar cumprimentos de despedida. Dimitris Heraclides, que tinha entregue as cartas credenciais em 24 de Outubro de 1980, vai ser substituído por Gerges Sekeris, de 52 anos, até agora representante grego na NATO, em Bruxelas.

● «Portugal na CEE e as várias tournées dos primeiros-ministros é o tema do colóquio organizado pela Cine-Clube do Barreiro, amanhã, às 21 e 30, com a presença dos economistas Mário Murteira e Carlos Carvalhas.



● Os ex-deputados **Vasco da Gama Fernandes e Artur Cunha Leal** foram admitidos como membros honorários do grupo português da União Interparlamentar. Placas comemorativas vão ser entregues aos homenageados, na próxima terça-feira, na sala de leitura da biblioteca do Palácio de S. Bento, em cerimónia a que estará presente o presidente da Assembleia da República, Francisco Oliveira Dias.

● O Partido Socialista da **Madeira** acusou, no **Funchal,** o PSD-local de «encetar com alguns meses de antecedência a campanha eleitoral para as autarquias, com as visitas que o Governo vem efectuando às juntas de freguesia».

Os socialistas madeirenses afirmam que «é sintomático o facto da comissão política regional do PSD dar instruções aos responsáveis do partido e autarquias para serem duros com a oposição».

● A Juventude Socialista da **Madeira** manifestou-se no **Funchal,** preocupada com «a dependência externa da Região».

Em comunicado o secretariado da organização afirma que «não abdicará de denunciar a forma irrealista como o Governo Regional encara o desenvolvimento da Madeira», e acusa o executivo de violar a lei das Finanças Locais «ao distribuir sem critério verbas às juntas de freguesia».

Para os jovens socialistas esta é uma «acção eleitoralista, centralizadora e prepotente dum Governo que diz tratar com equidade os problemas do povo».

● Os socialistas açorianos solicitaram ontem a realização de uma reunião com os deputados do partido que integram a comissão eventual da Assembleia da República para a revisão constitucional.

A realização deste encontro, pedido pelo secretariado do PS dos Açores, visa a clarificação de questões ligadas às regiões autónimas no processo de revisão constitucional.

● Partiu ontem para o México, o padre Bernardino Queirós, que participará no «I Encontro Mundial de Comités Cristãos de Solidariedade com o povo de El Salvador».

O padre Bernardino Queirós é o animador da Comunidade Cristã de Moselos-Lourosa – que, como muitas outras, vem desenvolvendo, em estreita colaboração com o GSAL, um intenso trabalho de solidariedade com o povo salvadorenho.

O Encontro, organizado pela Comité Mexicano de Solidariedade Cristiana com El Salvador – Monsenhor Romero, terá lugar em Cuernavaca nos dias 30 e 31 de Janeiro e 1 e 2 de Fevereiro.

● O secretário norte-americano de Estado, **Alexander Haig,** visita oficialmente o nosso país nos dias 11 e 12 de Fevereiro, de acordo com uma informação obtida no Luxemburgo pela ANOP junto de uma «fonte oficial portuguesa». Ainda segundo a mesma fonte, o presidente da Comissão das Comunidades Europeias, **Gaston Thorn** deverá deslocar-se a Lisboa em Março ou Abril.

Diz Adelaide Paiva (PSD):

Governo não tem direito a tempo de antena na RTP

O Governo não tem direito a tempo de antena na RTP – confirmou o presidente da Comissão Parlamentar da Comunicação Social, Adelaide Paiva (PSD), numa reunião ontem realizada na Assembleia da República com os directores de Informação da RTP.

«É possível que o PSD apresente na Assembleia um projecto de lei para o preenchimento desta lacuna» – sublinhou a deputada social-democrata. Significa isso, que o Governo, apesar de o saber, tem estado a utilizar o «tempo de antena» que legalmente não está consignado. Abuso de poder?

Para além desta Comissão, a Comissão de Saúde reexaminou o projecto lei da condução automóvel sob influência do álcool, tendo-lhe introduzido algumas alterações na especialidade e que esta tarde serão votadas em plenário.

Reuniram também ontem, na Assembleia da República, as Comissão de Economia (já presidida pelo centrista e ex-ministro Morais Leitão) e do Poder Local.

Novos Cursos de Inglês em VIDEO BBC

na cambridge school

"FOLLOW ME", é um novo e sensacional curso video produzido pela BBC e que está já a ser transmitido, semanalmente, em França e na Alemanha pelas cadeias nacionais de televisão.
Com o fim de permitir o acesso imediato dos alunos portugueses a este curso, a Cambridge School,
em colaboração com a BBC,
apresentará este programa em Lisboa e no Porto durante o ano escolar.

VIDEO "Follow Me" | VIDEO "Sadrina Project" | VIDEO "Bellcrest Story"

Do mesmo modo, se realizarão os cursos mais avançados **"THE SADRINA PROJECT" e "THE BELLCREST STORY".**
Aproveite já esta oportunidade antecipada para aprender a língua mediante cursos de video que, integrados nas características da Cambridge School, já famosa em Portugal pelo seu método de ensino dinâmico e intensivo, permite que aqueles se tornem verdadeiramente activos e eficientes.
Para mais informações contacte a Cambridge School.

cambridge school PORTUGAL
BBC London

CAMBRIDGE SCHOOL
AV. DA LIBERDADE, 173-1º — TEL. 55 47 80 · 55 47 89 — 1200 LISBOA
AV. GUERRA JUNQUEIRO, 8-1º DIR. — TEL. 88 45 44 · 89 96 01 — 1000 LISBOA
EST. DE BENFICA, 729-5º DIR. — TEL. 70 43 29 · 70 36 38 — 1500 LISBOA
PRAÇA DO M.F.A., 12 1º — TEL. 276 02 34 · 275 32 18 — 2800 ALMADA
RUA DUQUE DA TERCEIRA, 381 · 1º / TEL. 560380 — 561130 — 4000 PORTO

APA CS 6/81

poder local

Fiães vota no domingo

APU procura conquistar primeira freguesia de Aveiro

– Vai votar no domingo?
– Vou, sim senhor.
– Isto aqui está animado?
– Se está. Toda a freguesia vai votar.

O diálogo travou-se, ontem à tarde, à beira da estrada, já no interior de Fiães. A acreditar naquela mulher de setenta e tantos, baixa e recurvada, pêlos no queixo esquecidos da «gillete», dir-se-ia que a abstenção não irá marcar pontos nas eleições do próximo domingo naquela freguesia de Vila da Feira.

Outras auscultações porém apontam o contrário. CDS e PS temem que venha precisamente do abstencionismo a sua derrota. E a APU confia nele para vencer os adversários... Quer o PS, quer o CDS, têm como princpal opositor, em termos de resultados, a APU. A vitória decidir-se-á entre CDS e APU, afirma o primeiro candidato centrista. Será entre PS e APU – diz por seu lado o cabeça de lista socialista.

A diferença de votos que separou a APU do PS em 1979 (cerca de 200), o não apoio público pelo PSD da lista do CDS, a composição das listas e a campanha eleitoral apontam para a primazia da APU. «O povo quererá experimentar», foram as palavras de um jovem.

Fiães fica a pouco mais de vinte quilómetros do Porto. Encravada num concelho bastante industrial – Vila da Feira – é, a única freguesia do distrito de Aveiro onde a opção de voto está maioritariamente à esquerda. Se a APU vencer será mesmo a única freguesia do distrito daquela coligação.

Para fazer vingar a sua distinção em termos concelhios, os seus habitantes falam de alto, puxam pelos atributos da terra: grande número de associações culturais e desportivas, posto médico que serve outras freguesias, infantário dos bons, todos os anos se forma alguém nas universidades, um mensageiro – o «Activo», etc., etc. «Se se medisse pelo número de padres (12) e médicos (8) era a freguesia mais santa e mais saudável do mundo», gabam-se com humor os populares.

Implantada num vale amplo e fértil, Fiães está na zona de transição entre a parte mais rural e a mais industrializada do concelho. A terra tem sido progressivamente abandonada, as pastagens e o milho escasseiam, a indústria impõe-se sobre a agricultura. Há dezenas de unidades industriais de cortiça, calçado, cerâmica, tintas e colas, etc. A maior parte dos seus 9000 habitantes trabalha nas fábricas, e ao fim da tarde trata da sua courela. Dá para as batatas, as couves e o feijão, mas a maior parte das terras, férteis como os aluviões do Nilo, estão mortas de abandono.

Também em Fiães, a habitação é um problema grave. A este nível a degradação chama-se Ferradal, Vilar, Grandal, lugares onde as populações vivem em péssimas condições. Saneamento básico não existe em lado nenhum e a iluminação nuns lados é fraca, noutros não há. Os salários são baixos, da ordem dos dez contos para os operários corticeiros e um pouco mais para os do calçado. As rendas de casa são altas, comem-lhes quase todo o ordenado. Os contratos a prazo são muitos, a reivindicação fraca e o patronato, mais pequeno e médio que grande, é forte.

O número de eleitores não chega a 5000, mas Fiães é em importância a segunda das 31 freguesias do concelho.

A eleição intercalar de domingo resulta da queda do executivo anterior, em Outubro de 81. Até lá houve três presidentes (AD) diferentes. O último, Tenreiro de nome, professor primário, delegado escolar, não foi em um ano, uma única vez, à Câmara, juntamente com os outros dois elementos do executivo, expor os problemas da freguesia. A acusação sai da boça do cabeça de lista do PS, Ângelo Teles. Por aquilo, diz, o PS demitiu-se, de seguida a APU fez o mesmo e a junta caiu.

Em 1979 a lista do PSD foi apoiada pelos centristas, hoje estes não recebem o apoio desejado. Fala-se em divergências no campo AD. Sancho da Silva, cabeça de lista centrista, não esconde a sua mágoa, mas tenta esbater a «infidelidade». Afirma-nos que o CDS concorre não para se opor a alguém, mas «como objectivo de ganhar para poder fazer alguma coisa pela terra». Esta é a primeira vez que o CDS concorre: «A lista do CDS é a que melhor poderia servir a freguesia». Para Sancho Silva o PS já deu o que tinha a dar («e é pena») e a APU é pior porque tem à frente um homem sem tempo: Manuel Strech Monteiro, médico, que não é natural nem residente em Fiães, e actual vereador da Câmara. «Ganhe quem ganhar que fique acima da partidarite doentia» – é o voto centrista.

O PS que bateu à porta de algumas figuras locais, não obteve delas a adesão pretendida. Concorre com o mesmo cabeça de 1979, Ângelo Teles, pequeno industrial,. Apesar de não ter figuras de prestígio na lista, o PS conta com a experiência de Teles para ganhar. Ângelo Teles espera que não haja abstenções na área socialista e confessa que os maiores inimigos são eleitoralmente da APU. A sua campanha tem tido um mote: Polónia, precisamente aquele que o PSD tem utilizado em Santo Ildefonso, no Porto.

Por fim, a APU, com uma «lista elitista», (médicos e professores nos primeiros lugares) sonha com a vitória. Strech Monteiro está convencido de que ela não lhe escapa em face dos apoios obtidos. Afirma que há 60 por cento de independentes na lista e promete: «Se ganharmos pretendemos desenvolver um processo que seja exemplo a nível concelhio para estas populações que estão francamente desprotegidas».

Resta aguardar. No domingo à noite já saberemos se a APU meteu a sua lança no distrito. Dezembro está à vista e ninguém esconde que estas eleições são mais um teste do que outra coisa.

Luís Humberto Marco

Proposta de Sousa Tavares e Luís Beiroco

Reforma Agrária na Revisão Constitucional

A subcomissão de redacção que está a elaborar o texto da revisão constitucional a ser votado, ocupou-se ontem dos artigos relativos ao Presidente da República – disse Vital Moreira (PCP).

Contudo, os pontos referentes aos poderes de nomear a hierarquia militar, de exonerar o Governo e de dissolver o Parlamento foram «saltados» e adiada a redacção do respectivo texto – acrescentou.

O plenário da Comissão de Revisão Constitucional efectuou ontem uma das suas mais curtas reuniões de sempre.

A Comissão tem pendentes, antes de iniciar a votação do seu relatório para o Parlamento, o reexame dos artigos sobre a Reforma Agrária, composição do Tribunal Constitucional e Sistema de Governo.

Sobre o primeiro ponto, o deputado Sousa Tavares apresentou uma proposta pessoal de revisão que os deputados da Comissão ficaram de examinar, a fim de iniciarem, não antes da próxima quarta-feira, a sua discussão – disse um dos presentes.

Luís Beiroco (CDS) afirmou à ANOP que também elaborou uma proposta de revisão da parte referente à Reforma Agrária, mas que ainda não apresentou a sua proposta à Comissão.

Sousa Tavares diz no seu texto que «toda a Reforma Agrária deve ter por finalidade a posse efectiva da terra pelo cultivador directo».

Defende também, que, através da expropriação ou do arrendamento compulsivo, o Estado deve promover o melhor aproveitamento dos solos.

A proposta prevê a «limitação jurídica do direito de propriedade e da posse efectiva da terra pela utilidade real da sua exploração em função do bem comum».

«O Estado deverá promover a Reforma ou Reformas Agrárias que se tornarem necessárias em obediência aos princípios do melhor aproveitamento dos solos» – acrescenta a proposta.

«As terras expropriadas por medidas de Reforma Agrária serão transmitidas em propriedade ou posse útil para cooperativas ou unidades colectivas de produção ou lavradores individuais» – acrescenta o texto de Sousa Tavares.

A proposta de Sousa Tavares permite o aforamento das terras do Estado, mas proíbe o das de outras entidades.

A Comissão Parlamentar de Revisão Constitucional recebeu em audiência os presidentes do Supremo Tribunal de Justiça e do Sindicato dos Jornalistas.

A delegação do Sindicato dos Jornalistas chefiada pelo respectivo presidente, António Santos, entregou à Comissão um memorando com os pontos de vista do Sindicato sobre a revisão.

O Sindicato defende a manutenção do grupo dos órgãos de Informação pertencentes ao Estado e a manutenção da disposição que proíbe em Portugal a existência de empresas privadas de Televisão.

Por outro lado, preconiza o estabelecimento de «limites claros à concentração de empresas jornalísticas que impedissem a formação de monopólios da Informação».

O sindicato defende a independência da Imprensa estatizada do poder político, a constitucionalização de alguns dos direitos dos jornalistas e o reforço do papel dos Conselhos de Redacção.

A Comissão recebeu mais uma vez os juízes. É a segunda vez que delegações de magistrados judiciais se deslocam a S. Bento e, entretanto, enviaram um documento a apresentar as suas reivindicações.

Os problemas, que continuam a afligir os juízes têm a ver com a composição do Conselho Superior de Magistratura e do Supremo Tribunal de Justiça. Quanto ao primeiro os juízes têm medo de perder a sua independência se naquele órgão forem maioritários, solução que foi adoptada pela Comissão da Revisão por unanimidade.

Por outro lado, em relação ao STJ, os magistrados tentam continuar a impedir o acesso de não juízes. Actualmente, a Constituição prevê a participação de advogados, professores de Direito e magistrados do Ministério Publico no Supremo. Até agora, através do controlo que têm do Conselho Superior de Magistratura, os juízes de carreira têm boicotado a aplicação dos preceitos constitucionais, situação que deverá terminar quando perderem a maioria no C. S. M.

Caso de Timor continua a ser discutido

CR promoveu Almeida e Costa ao posto de contra-almirante

O Conselho da Revolução, na sua reunião de ontem, promoveu Almeida e Costa a contra-almirante.

O CR foi também ouvido sobre o problema de Timor-Leste, assunto que voltará a ser debatido na próxima reunião daquele órgão de soberania.

O CR foi ouvido nos termos do artigo 307, n.º 2, da Constituição, que contempla o problema de Timor-Leste, o qual é da competência do Presidente da República, assistido pelo CR, e do Governo.

O CR aprovou ainda dois pareceres da Comissão Constitucional – um, respeitante à Zona Económica Exclusiva (ZEE) dos Açores e da Madeira; outro, relacionado com a portaria governamental 257/81, que criou, em consequência da seca, uma taxa sobre os consumos excedentários de energia eléctrica.

Na reunião foi ouvida uma exposição sobre a situaçao militar feita pelo CEMGFA e procedeu-se a uma análise da situação política.

O documento Melo Egídio

À entrada para a reunião o tenente-coronel Vítor Alves disse que o «o documento Melo Egídio» sobre o comando das Forças Armadas, aprovado na última reunião do Conselho da Revolução, se limita a reajustar a legislação existente.

Vítor Alves precisou que se trata de um «simples reajustamento das competências internas das Forças Armadas em termos de comandos, sem introdução de quaisquer figuras novas».

Adiantou que o diploma fixa os poderes do Chefe do Estado-Maior-General das Forças Armadas, alguns dos quais não se encontravam especificados, porque, salientou, estavam englobados na competência militar do Presidente da República.

O documento apresentado ao Conselho da Revolução tinha sido anteriormente aprovado pelo Conselho de Chefes do Estado-Maior.

O novo contra-almirante

Vasco Fernando Leote de Almeida e Costa, de 50 anos, agora promovido a contra-almirante, é desde 16 de Julho passado governador de Macau.

Antes do 25 de Abril pertenceu à Comissão Coordenadora do MFA em Moçambique e tomou parte, com Melo Antunes, nas conversações que culminaram no acordo de Lusaca e na independência de Moçambique.

Fez parte da Comissão Nacional Instaladora da Assembleia Constituinte, da Comissão Nacional de Eleições e foi director-geral do Secretariado Técnico para os Assuntos do Processo Eleitoral (STAPE).

De 19 de Setembro de 75 a 23 de Julho do ano seguinte foi ministro da Administração Interna (VI Governo Provisório) e Primeiro-Ministro interino durante uma doença de Pinheiro de Azevedo.

É membro do Conselho da Revolução na sequência dos acontecimentos do 25 de Novembro (cargo que ainda mantém) tendo sido também, antes de substituir Melo Egídio em Macau, presidente da Comissão Consultiva dos Assuntos para as Regiões Autónomas.

Anunciado em Bissau

Ramalho Eanes vai à Guiné em Março

O presidente Ramalho Eanes deverá efectuar em Março uma visita oficial à Guiné-Bissau, tendo já informado as autoridades guineenses da aceitação de um convite para o efeito.

Informações obtidas pela ANOP referem que Eanes transmitiu recentemente a um membro do Governo Guineense o propósito de visitar Bissau durante alguns dias em Março, não havendo ainda qualquer referência a datas.

Os meios políticos de Bissau referem já a visita do Presidente português como «oficial», embora seja também possível a caracterização de «visita de amizade», prolongada mais alguns dias em curto período de repouso.

Bernardo Vieira, o Presidente guineense, convidou há já algum tempo Ramalho Eanes para uma visita oficial, o que ultrapassaria o relacionamento indirecto entre os chefes de Estado dos dois países verificado após golpe de Estado que derrubou o antigo presidente Luís Cabral.

A libertação recente do antigo secretário-geral adjunto do PAIGC, com que Eanes mantinha laços de estreita amizade, anulou o factor de certa reserva por parte do Presidente português em escalar Bissau, quando em Novembro de 1981 visitou oficialmente três países da África Austral.

Portugal é um dos principais parceiros da Guiné-Bissau no domínio das trocas comerciais e continua a desenvolver permanentemente uma cooperação estreita com este país em numerosos campos.

Balsemão-CEE

"Alargamento ao Sul coloca problemas..."

— *posição do Luxemburgo*

«O alargamento do Mercado Comum ao Sul constitui uma empresa de tal envergadura e complexidade que não poderá fazer-se sem dificuldades e problemas» – afirmou ontem o primeiro-ministro do Luxemburgo, Pierre Werner, durante um jantar oferecido a Pinto Balsemão.

Depois de ter obtido em Bruxelas a promessa de que as negociações tendentes à adesão de Portugal à CEE «continuarão a constituir um objectivo prioritário do Governo belga», Pinto Balsemão, no prosseguimento da sua ronda pelas capitais europeias, chegou ontem ao Luxemburgo.

Neste país, e à imagem do que já se passara em Bruxelas, obteve uma posição de princípio favorável à entrada de Portugal na CEE – «o Luxemburgo permanecerá fiel ao seu compromisso de primeira hora a favor da adesão de Portugal...» –, mas deparou igualmente com reticências: «são grandes os problemas que a adesão de Portugal à CEE levanta para o equilíbrio do mercado do Luxemburgo...»

Pierre Werner terá inclusive afirmado durante o jantar oferecido a Pinto Balsemão: «evitemos criar a paralisia e o bloqueio à custa de uma ausência de reflexão profunda sobre o devir da Europa».

No discurso de resposta, o primeiro-ministro português acentuaria a tónica da emigração portuguesa existente no Luxemburgo, declarando que espera negociar dentro em breve um acordo cultural bilateral.

Acredita-se mesmo que o estatuto da emigração portuguesa antes e depois da eventual adesão de Portugal à CEE tenha constituído o tema principal das discussões travadas no Luxemburgo entre a delegação portuguesa e as autoridades daquele país.

Nesse âmbito, a transferência integral dos abonos para as famílias dos emigrantes não-residentes no Luxemburgo e o regime que limita a mobilidade dos trabalhadores portugueses entre os diversos sectores de actividades terão sido os aspectos mais focados.

SALDOS

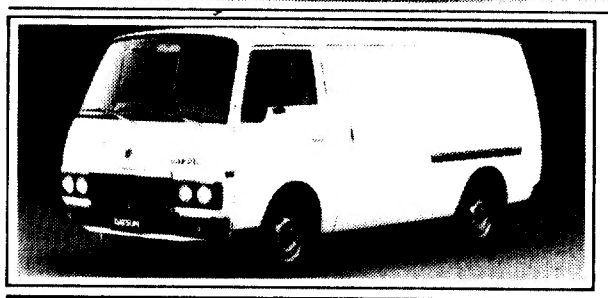
materna

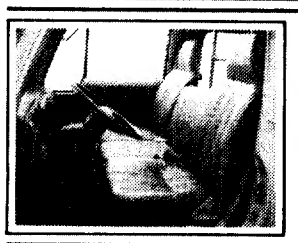
RENOVADOS, CONTINUAM

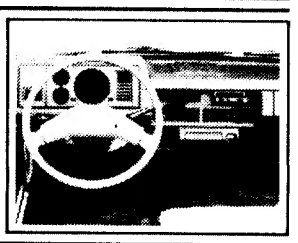
NISSAN

DATSUN-URVAN

o seu melhor investimento







Dinâmica e funcional — eis a nova linha de veículos Comerciais NISSAN - DATSUN URVAN.
Maior espaço interior. Maior comodidade. Linhas agradáveis. Concepção avançada.
Motor Diesel de 2164 cc, 64 cv às 4.000 r.p.m.; 5 velocidades, para a frente, todas sincronizadas; comandos bem posicionados na coluna de direcção; travões de disco à frente, de afinação automática; funcional e atractivo painel de instrumentos; visibilidade absoluta.
Amplo espaço/capacidade, no duplo sentido carga/passageiros: bancos facilmente removíveis e fácil acesso, através de duas portas —uma atrás, de tampão, outra lateral, deslizante. Espaço/capacidade que os números traduzem: comprimento - 3,07 m; largura - 1,53 m; altura - 1,34 m; volume - 6,2 m3; carga - 2.675 Kgs.
Ao optar pela nova Nissan Datsun Urvan está a realizar **o seu melhor investimento.**

ENTREPOSTO para trabalhar

Av. Eng. Duarte Pacheco 21-A – 1092 Lisboa Codex – Telefs. 685175/6/7/8 ● Praça José Queiros, Olivais Sul – 1899 Lisboa Codex – Telefs. 314061-317947-313121 ● Av. 24 de Julho 20-24A – 1200 Lisboa – Telefs. 664209-671756 ● Largo da Biblioteca Publica 10 – 1200 Lisboa – Telef. 360981 ● Av. 25 de Abril 39-D – 2800 Almada – Telefs. 2764191-2763140 ● Av. 25 de Abril lote 1 r/c – 2750 Cascais – Telefs. 2865111-2864666 ● Rua Major Castelino Pais 1 – 2800 Cova da Piedade ● Rua Mario Costa Ferreira Lima – Portela – Telefs. 2932186-2932110 – 2710 Sintra ● Av. Heróis de Angola 74 e 78 – 2402 Leiria – Telef. 25452/3 ● Rua General Teofilo da Trindade 9 e 11 – 8000 Faro – Telef. 25071 ● Av. N.º 2 (zona do porto) – 8500 Portimão – Telef. 24124 ● ROTOR SARL - Rua Alexandre Herculano 355 a 367 – 4000 Porto – Telef. 25321 ● TECNISADO SARL - Av. Luisa Todi 222 – 2900 Setubal – Telef. 25841 ● RIOTECNICA - Cais de Povos - 2600 Vila Franca de Xira

CONCESSIONÁRIOS EM TODO O PAÍS

DC3 PUBLICIDADE UR 1-82

PCP reúne este fim-de-semana

O Comité Central do Partido Comunista Português reúne este fim-de-semana. **«Análise da situação política»** é a agenda, habitualmente anunciada, estando prevista para segunda-feira à tarde, uma conferência de Imprensa com o secretário-geral, Álvaro Cunhal.

A demissão do Governo, que impedisse a **«revisão inconstitucional da Constituição»** foi até agora, a **«linha de força»** dos discursos políticos dos principais dirigentes do PCP. As declarações do porta-voz do Presidente da República e as Jornadas Parlamentares do PS, constituem um novo **«facto»** para análise nesta reunião do Comité Central do Partido Comunista.

Sublinhe-se que, entretanto, o PCP, através do **«leader»** parlamentar, Carlos Brito, já manifestou intenção de apresentar uma Moção de Censura ao Governo de Pinto Balsemão, não o tendo feito já, porque – citamos – e dirigindo-se «às forças democráticas de Oposição» – procura a **«convergência»**. Dirigia-se, naturalmente, ao Partido Socialista. Queda do Governo para evitar a revisão **«inconstitucional da Constituição»**, será a reafirmação desta reunião do Comité Central?

O Partido Comunista considerou sempre um **«erro»** do Presidente da República não ter demitido o Governo de Pinto Balsemão, no Verão passado, quando este apresentou a demissão. E não demiti-lo antes da revisão?

Distrital do PSD de Lisboa

Santana Lopes é o candidato à presidência da Comissão Permanente da Comissão Política Distrital de Lisboa do PSD. As eleições para a direcção da Área Metropolitana de Lisboa realizam-se amanhã à noite, no Hotel Roma, tendo até agora apenas aparecido uma lista conotada com os «críticos».

Duas ausências importantes nesta lista: prof. Cavaco Silva e Helena Roseta. O ex-ministro das Finanças de Sá Carneiro é substituído, no cargo de Presidente da Mesa, pelo dr. Correia Afonso. Como vice-presidente, surge o nome da ex-secretária de Estado da Emigração, Manuela de Aguiar.

Os sociais-democratas preparam, entretanto, a reunião do Conselho Nacional, marcado para o próximo dia 6 de Feveiro. Protocolo para as autárquicas e revisão constitucional serão os dois temas importantes a debater neste órgão mais importante entre congressos. As críticas à actuação do Governo poderão ficar esbatidas com a unidade (e a necessidade) em volta da revisão constitucional.

ASDI recebida em Belém

Referindo-se hoje à degradação da situação social e política portuguesa, Magalhães Mota (ASDI) referiu que qualquer acção passa necessariamente pelo Presidente da República. «Ao PR compete apreciar a situação e não queremos substituí-lo nessa matéria», disse aquele dirigente que acabava de ter um encontro de mais de uma hora com o general Eanes. Colocado pelos jornalistas face à eventualidade da demissão do Governo, Magalhães Mota diria que «uma decisão dessas precisa de ser claramente ponderada», evocando ao mesmo tempo o «complicado quadro institucional» e os problemas que adviriam de sucessivas demissões do Governo. Interrogado sobre a questão da revisão constitucional e dos poderes presidenciais, à luz das mais recentes declarações de Belém, Magalhães Mota, que estava acompanhado por Dinis Carvalho, diria que o tema não foi directamente abordado, na audiência, embora tivesse estado subjacente à troca de impressões sobre a actual situação política. A este respeito Magalhães Mota acrescentaria, no entanto, que «temos um acordo firmado a que somos fiéis», numa alusão clara aos compromissos assumidos, no âmbito da FRS, a quando da reeleição de Eanes. O dirigente da ASDI disse ainda que, no campo das relações externas, tinham sido focados com o PR dois temas: um passando pelas relações com os países africanos de expressão portuguesa e outro pelo caso de Timor, este último enquadrado na proposta da ASDI no Parlamento que aponta para a criação de um «grupo de contacto» encarregado de procurar uma solução. A questão da adesão à CEE foi também focada por Magalhães Mota que atacou a forma como o Governo tem conduzido as negociações e o acusou de esconder os principais «dossiers» sobre a integração.

Por subordinados do chefe "Bailarino"

Primeiro-sargento Carmo Vicente espancado na esquadra do Rossio

Carmo Vicente, primeiro-sargento pára-quedista passado à situação de «reserva extraordinária» na sequência dos acontecimentos do 25 de Novembro de 1975, e simultaneamente deficiente das Forças Armadas, foi detido no Rossio e levado para a esquadra da PSP da zona, onde os subordinados de um chefe, tornado famoso na esquadra do Bairro Alto pela alcunha de «O Bailarino», lhe aplicaram violentos socos e pontapés. Resultado: Carmo Vicente, autor do livro de poemas «Grades de Novembro», da novela «A Sentença» e co-autor com Josué da Silva e António Marquês da obra sobre o conflito colonial «Era uma vez três guerras», ficou com equimoses por todo o corpo e ainda com um profundo rasgão no lábio inferior que teve de ser suturado com três pontos no Hospital Militar.

Carmo Vicente

A propósito do incidente Carmo Vicente divulgou uma «Carta Aberta aos Militares de Abril», da qual iremos transcrever alguns dos parágrafos mais significativos. Escreve Carmo Vicente: «Seriam talvez seis da tarde da última sexta-feira, quando atravessava o Largo do Rossio vindo do Bairro Alto, em companhia de outro camarada deficiente. Tínhamos estado no Clube dos Sargentos da Armada com alguns amigos que ali encontrámos. No Rossio havia mais gente do que usualmente àquela hora em dias de semana. Algumas centenas de pessoas preparavam-se para regressar a casa depois do trabalho, nos autocarros de luxo fretados pelo Governo para furar a greve dos trabalhadores dos transportes. Pedindo licença aqui e ali, fomos percorrendo as várias filas de utentes ao mesmo tempo que íamos comentando um para o outro em voz baixa, a atitude tomada pelo Governo e pelos fura-greves. Passado o grupo de pessoas, continuámos conversando calmamente, seguindo rumo à ADFA (Associação dos Deficientes das Forças Armadas). Já a chegar às arcadas do Teatro D. Maria, do lado da Rua das Portas de Santo Antão, senti-me covardemente agarrado por três indivíduos trajando à civil».

Estilhaços na cabeça

E prossegue Carmo Vicente: «De rastos levaram-me para debaixo das arcadas, onde me encostaram à parede do Teatro tendo então um deles identificado-se como subchefe da PSP. Fiquei atónito. Não me recordava de ter cometido qualquer infracção e por isso perguntei, o mais calmo que pude dadas as circunstâncias, o que significava tudo aquilo. Um deles respondeu-me então, chamando-me filho da p . . . dizendo que eu tinha dito ao passar pelo Rossio: 'Fura-greves do c . . .'. Fiquei ainda mais desorientado, dado que não tinha pronunciado qualquer palavrão, e o termo 'fura-greves' não constitui, que eu saiba, qualquer delito. Por isso retorqui-lhes que era mentira, que eu não tinha proferido semelhante palavra. Um deles, entretanto, tornava-se cada vez mais violento e eu antevi que poderia vir a ser agredido de um momento para o outro. Pelo que meti rapidamente a mão no bolso e tirei o meu bilhete de identidade militar, ao mesmo tempo que gritava: 'Sou primeiro-sargento pára-quedista e deficiente das Forças Armadas'. O mais violento arrancou-me a identificação das mãos e leu o meu nome para logo me aplicar um murro no estômago e outro na cabeça que me deixou estonteado. Isto tudo com os outros dois a agarrarem-me pelos braços impossibilitando-me de me defender.

«O meu camarada tentou intervir para me proteger mas encostaram-lhe uma pistola à barriga obrigando-o a retirar para a distância de cerca de trinta metros. Meio de rastos, fui conduzido para a esquadra e chegado à porta fui empurrado lá para dentro com tal força que fui embater na parede fronteira, e só o facto de ter utilizado a protecção dos braços me impediu de ter partido a cabeça. Na pequena sala que, pelos vistos, serve também de casa da guarda, havia uma dúzia de polícias fardados: onze homens e uma mulher. Todos gargalharam à minha entrada. Em seguida agarraram-me pelo casaco e obrigaram-me a sentar para logo a seguir me mandarem levantar. Como eu não tivesse obedecido, agarraram-me novamente e obrigaram-me a levantar à força. Já de pé, sempre agarrado pelas costas, agrediram-me novamente com murros na cabeça e nos lábios deixando-me a sangrar da boca, pois o soco desferido nos lábios, provocou-me um rasgão no lábio inferior. Gritei novamente que era deficiente e que tinha vários estilhaços na cabeça, do lado esquerdo, pensando assim evitar que me agredissem nessa região, pois alguns médicos já me têm avisado para evitar as pancadas na cabeça. Como resposta, o mesmo agente deu-me uma cabeçada precisamente nesse lado deixando-me marcado com um hematoma. Depois deixaram de me bater e passaram só a chamar-me nomes, dizendo-me que eu tinha procurado fugir ao castigo através da minha 'infelicidade' (a minha 'infelicidade' era ser deficiente;. Comecei por sentir terríveis dores de cabeça e pedi um médico. Mas ninguém fez qualquer caso dos meus padecimentos nem do sangue que me escorria da cabeça. Sentei-me e dispus-me a esperar a vinda do major (comandante de brigada) que segundo o chefe da esquadra (que depois soube tratar-se do tristemente célebre 'Bailarino') viria resolver o meu problema».

O major Martins

«O major que disse chamar-se Martins, chegou finalmente. Olhou para mim, e sem me perguntar porque é que eu tinha a cara inchada e os lábios rachados, precisou: 'Você é o Carmo Vicente?!' 'Exactamente, senhor major'. 'Você esteve envolvido na ocupação das bases aéreas no 25 de Novembro', afirmou. Fiquei banzado. Prodigiosa memória!? . . . Ou o senhor major (comandante da brigada) sem querer estava a dar-me a chave do problema. Agora compreendia talvez porque tinha sido agredido tão selvaticamente, apenas depois de me ter identificado. Respondi ao senhor major, que sim. Tinha estado no '25 de Novembro' e no 25 de Abril e no 28 de Setembro e no 11 de Março, em todas, evidentemente, ao lado do MFA.

«O senhor major disse-me depois, não haver nenhuma acusação contra mim e que podia ir-me embora e apresentar queixa contra quem me tinha deixado naquele estado, se quisesse, naquela esquadra ou em outra qualquer.

«Dirigi-me para a esquadra para participar e exigir a identificação dos elementos que me tinham agredido. Todavia, o 'Bailarino', não estava pelos ajustes. Não só não quis aceitar a participação, nem identificar os agressores, negando que alguém me tivesse agredido, como ainda me deteve contra o parecer do major Martins até cerca das 11 horas da noite, obrigando-me depois com escolta armada, a ir no carro da polícia ao médico da mesma que segundo dizia se encontrava no 'Comando'. Uma vez ali chegado, não havia médico nenhum, para dar a 'sua' versão, sobre os meus ferimentos, mas sim um enfermeiro, também polícia, que eu não permiti que me tratasse, pois já eram polícias a mais. Com os lábios rachados e a cara tumefacta, fui 'convidado' pelo comissário de serviço, a fazer a comunicação do que me tinha acontecido, o que fiz debaixo de grande tensão nervosa e grandes dores por todo o corpo. Sozinho saí do Comando da Polícia e encontrei cá fora alguns amigos, que me levaram ao Hospital Militar, onde recebi assistência de um médico e de um sargento-enfermeiro que me aplicou três pontos no lábio ferido.»

E Carmo Vicente termina a sua narrativa afirmando: «Foi assim, camaradas de armas (. . .) E, tudo isto acontece, quando o fascismo desce à rua, mesmo personificado por polícias inimigos de Abril, travestidos de cidadãos, que hoje como antigamente, passeiam entre as multidões, de ouvidos à escuta à boa maneira da Pide. Que batem em quem calha, pelo simples facto, de estarem sequiosos de vingança e desforra».

Pela nossa parte apenas iremos deixar de pé duas questões: «que resposta irá dar a Polícia Aérea, via Estado-Maior da respectiva arma? Que posição irá tomar a ADFA?».

Manuel Geraldo

PARTIDO SOCIALISTA

GRANDE COMÍCIO

(Pavilhão dos Desportos)

DIA 29 DE JANEIRO, ÀS 21.30

POR UMA ALTERNATIVA SOCIALISTA

COM

Mário Soares
Manuel Alegre
Jorge Sampaio
Beja Santos
César de Oliveira
Jorge Miranda

S. R.

Serviços Municipalizados
do
Câmara Municipal do Barreiro

LEITOR-COBRADOR
DE CONSUMOS DE 2.ª CLASSE

Estão abertas inscrições para concurso de provimento de uma vaga de leitor-cobrador de consumos de 2.ª classe.

EXIGE-SE:
— 5.º ano dos liceus ou habilitações equiparadas
— Condições físicas de acordo com a especificidade das funções que impõem a necessidade de longos percursos a pé.

OFERECE-SE:
— Vencimento correspondente à Letra «O» da Função Pública — 14 800$00 e subsídio de alimentação.

A selecção dos candidatos far-se-á através duma prova escrita de português e matemática, a nível das habilitações exigidas.

As inscrições são aceites no Departamento de Pessoal destes Serviços Municipalizados.

Serviços Municipalizados da Câmara Municipal do Barreiro, aos 21 de Janeiro de 1982.

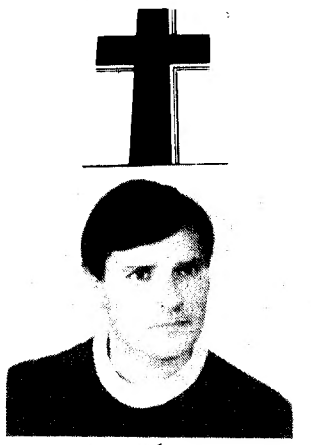
O Presidente
do Conselho de Administração
Alfredo Rodrigues de Matos

COVA DA PIEDADE

Um grupo de ex-alunos dos «cursos de cultura geral e liceus do clube desportivo da Cova da Piedade promovem no próximo domingo, 31 de Janeiro de 1982, pelas 11 horas, uma romagem à campa do seu amigo e professor Gomercindo Jesus Carvalho, no cemitério do Monte de Caparica.

Para o efeito, convidam-se todos os amigos, ex-alunos, colectividades, associações de amizade e quantos se quiserem associar à justa homenagem que o autodidacta e lutador antifascista bem merece de todos nós, pela importante obra de consciencialização que nos legou.

A concentração far-se-á no largo fronteiro ao cemitério do Monte de Caparica cerca das 10,45 horas.



APOLINÁRIO DA SILVA PINHÃO

MISSA DO 30.º DIA E AGRADECIMENTO

Sua família participa que amanhã dia 29, pelas 17.30 horas, será rezada missa pelo seu eterno descanso, na Igreja de Santa Teresinha (à Picheleira), agradecendo a quantos assistirem a este piedoso acto, bem como a todos que a acompanharam na sua dor.

12 fev.82

GREVE GERAL

PRÉ-AVISO

Ao Primeiro-Ministro
Ao Ministério do Trabalho
A todos os Ministérios
Aos Governos das Regiões Autónomas
Às Autarquias Locais
A todos os orgãos e serviços da Administração Pública Central, Regional e Local e dos Institutos Públicos
Às Instituições de Segurança Social e Previdência
Às empresas públicas
A todas as Associações e entidades patronais
Às entidades empregadoras em geral, de qualquer sector de actividade, independentemente da sua natureza jurídica.

A Confederação Geral dos Trabalhadores Portugueses-Intersindical Nacional, ao abrigo do artigo 59.º da Constituição da República Portuguesa e nos termos da Lei n.º 65/77 de 26 de Agosto, nomeadamente dos seus artigos 2.º, 5.º e 12.º, n.º 1;

Dando cumprimento à deliberação tomada por unânimidade do Plenário Nacional de 15.1.82;

Declara a **greve geral** dos trabalhadores portugueses no dia 12 de Fevereiro de 1982, sob a forma de uma paralização total do trabalho durante todo o período de funcionamento correspondente àquele dia, em todas as empresas e serviços, públicos ou privados, seja qual for a natureza jurídica da entidade empregadora, e em todo o território nacional, com os seguintes **objectivos:**

1 – **Contra a política da AD**
- contra o pacote laboral do Governo e, em particular, pela retirada definitiva da Proposta de Lei n.º 70/II - "Lei dos Despedimentos";
- contra o tecto salarial;
- pelo exercício efectivo do direito de negociações colectiva, sem exclusão de quaisquer sectores; contra a publicação de portarias de extensão sem o acordo das associações sindicais; pela vigência efectiva de 12 meses das tabelas salariais;
- contra o aumento do custo de vida;
- contra o desemprego e os contratos a prazo;
- contra a ineficácia da Inspecção do Trabalho; pela melhoria da justiça do trabalho;
- contra os aumentos das taxas dos serviços médico-sociais e hospitalares;
- contra o "pacote da habitação";
- contra a degradação da qualidade do ensino;
- pela defesa da reforma agrária e das nacionalizações;
- pela satisfação do "Caderno Reivindicativo" da CGTP-IN.

2 – **A AD fora do Governo**
- Mantendo-se o actual Governo, não é possível alterar a política que está a ser praticada e que tanto tem lesado os trabalhadores e o povo.

3 – **Pela resolução da crise, com os trabalhadores e no respeito pelo 25 de Abril**
- Só com o apoio e o empenhamento dos trabalhadores haverá solução para a crise. Os trabalhadores não hesitarão em apoiar uma solução política que, no respeito pelos seus direitos, mantenha a esperança no progresso e na justiça social do 25 de Abril.

Se necessário, os trabalhadores em greve permanecerão nos locais de trabalho. Nos termos legais, as associações sindicais e os trabalhadores assegurarão a prestação dos serviços necessários à segurança e manutenção do equipamento e instalações, e dos serviços mínimos indispensáveis, nas empresas, estabelecimentos ou serviços que se destinem à satisfação de necessidades sociais impreteríveis.

A concretização, pormenorização e, eventual adaptação desta forma a luta segundo as condições específicas de cada região, sector de actividade ou das empresas, tendo em conta a respectiva organização do tempo de trabalho, serão efectuadas mediante pré-avisos a emitir pelas Uniões de Sindicatos,, a nível distrital ou concelhio, ou pelos Sindicatos.

A greve geral abrange os trabalhadores portugueses no seu conjunto, segundo o âmbito estatutário da CGTP-IN.

A representação dos trabalhadores em greve é delegada, aos diversos níveis, nas associações sindicais, nas comissões intersindicais e sindicais, nos delegados sindicais e nos piquetes de greve.

O Secretariado Nacional da Confederação Geral dos Trabalhadores Portugueses - Intersindical Nacional

Lisboa, 26.1.82

MANIFESTO

O POVO PORTUGÊS está profundamente descontente com a acção política da AD que tanto o tem prejudicado.

As causas do descontentamento popular são várias e profundas, radicando na política do Governo AD. Vejamos:

Os salários reais são reduzidos mercê da imposição de **tectos salariais.**

Direitos e garantias são abusivamente retirados através de limitações à liberdade de contratação colectiva.

Os preços de bens e serviços essenciais aumentam escandalosamente todos os dias, numa escalada que o Governo propositadamente fomenta em benefício exclusivo dos intermediários parasitas.

O desemprego cresce não se vislumbrando qualquer perspectiva de vida para mais de 400.000 desempregados, sobretudo jovens.

O direito ao trabalho e à estabilidade no emprego já profundamente posto em causa, através do uso abusivo dos **contratos a prazo,** está ainda mais ameaçado com a **"lei dos despedimentos"** apresentada pelo Governo que, se fosse aplicada transformaria todos os trabalhadores em contratos a prazo, sujeitos a despedimentos em massa e lançando na fome e na miséria dezenas de milhar de famílias.

O Serviço Nacional de Saúde, universal e gratuito foi completamente subvertido e, obedecendo ao princípio desumano de "QUEM QUER SAÚDE PAGA-A", obriga os doentes a pagar pelos medicamentos preços exorbitantes e pelos internamentos hospitalares 600$00 por dia!!!

Na habitação o Governo AD, que nas eleições havia dito que era uma das suas prioridades, corta os créditos para compra de habitação própria e prepara-se para alterar a lei do arrendamento para os senhorios aumentarem livremente as rendas.

O ensino degrada-se continuamente, apesar dos protestos dos professores e alunos, dificultando o seu acesso aos filhos dos trabalhadores.

Os direitos e as liberdades dos trabalhadores são desrespeitados pelo patronato e pelo Governo AD que paralisou a Inspecção e os Tribunais de Trabalho com o intuito de permitir a impunidade dos violadores.

Na comunicação Social estatizada, especialmente na Rádio e na Televisão, mente-se sobre a situação do país, calunia-se a luta dos trabalhadores e tenta-se esconder o descontentamento popular.

A Constituição é objecto de constantes violações, por parte do Governo AD, que tenta fazer aprovar leis inconstitucionais para atacar as nacionalizações e a reforma agrária.

Quando o PR e o CR o impedem de alcançar os seus intentos, a AD não hesita em lançar contra estes orgãos de soberania, campanhas de calúnias e de mentiras.

...E PORTUGAL?

Portugal está em crise.

A política de "austeridade" para os trabalhadores e de regabofe para os ricos não resolve nenhum dos graves problemas do país.

Nenhum país está bem quando o seu Povo está mal.

A economia está estagnada. As exportações baixaram. Portugal nunca dependeu tanto do estrangeiro. Tem uma dívida ao estrangeiro nunca antes atingida. O Estado tem uma dívida pública superior a 750 milhões de contos.

O **desemprego** aumenta e a **inflação** não pára de crescer.

HÁ QUE MUDAR DE POLÍTICA. A AD FORA DO GOVERNO.

Ninguém ousa já defender esta política. O Povo não acredita nela, condena-a e repudia-a.

É necessário uma nova política para Portugal, mas isso só é possível com outro Governo.

A demissão do Governo AD é condição necessária para os trabalhadores verem solucionados os seus problemas.

Em democracia o Povo, através das suas organizações e das suas lutas, e no respeito pelas instituições e pela legalidade, exerce o legítimo direito de protesto, de crítica e reivindicação sobre a acção concreta dos orgãos de soberania.

Por isso, exigir a demissão do Governo é um acto democrático.

A AD traiu as aspirações dos portugueses pelo que deixou de merecer o direito de governar.

Lutar contra a política da "AD", e exigir o seu afastamento do Governo, é contribuir para que se encontre a solução para a crise que prejudica os portugueses.

Manter a actual situação de crise é dar pretexto para a propaganda fascista que diz que "o 25 de Abril é que tem a culpa".

PELA RESOLUÇÃO DA CRISE, COM OS TRABALHADORES E NO RESPEITO PELO 25 DE ABRIL

Só com a confiança, o apoio e o empenhamento dos trabalhadores haverá solução para a crise.

Os trabalhadores não hesitarão em apoiar uma solução política que, no respeito dos seus direitos, mantenha a esperança no progresso e justiça social do 25 de Abril.

A Constituição não é factor impeditivo do combate à crise, pelo contrário é no seu cumprimento e no respeito da realidade económica e social do país que ela traduz, que se deverão encontrar as soluções para a crise.

Por isso os trabalhadores não poderão entender que se adie a tarefa nacional e patriótica de combater a crise que os prejudica, a pretexto de que ainda não está concluída a revisão constitucional.

VIVA A GREVE GERAL

É contra esta situação que tanto prejudica o Povo, que os trabalhadores têm lutado.

Por isso, a razão das greves que se têm verificado, designadamente no sector dos transportes, têxteis, químicos, tabaqueira, etc., etc., etc..

A Greve Geral de 24 horas, convocada pela CGTP-IN, para o próximo dia 12 de Fevereiro, que tanta e entusiástica adesão tem tido dos trabalhadores, será uma grande jornada na qual participarão não só os trabalhadores que, no presente momento, estão em luta, mas também todos os trabalhadores que, solidariamente, enfrentam a política do Governo que ataca os interesses de todos e de cada um.

Por tudo isto a Greve Geral de 24 horas, marcada pela CGTP-IN para o dia 12 de Fevereiro de 1982 será uma grande jornada de solidariedade popular:

Solidariedade entre os que têm trabalho e aqueles que sofrem a angústia do desemprego.

Solidariedade entre os que têm casas e continuam a viver em barracas.

Solidariedade entre os que têm saúde e os que se arrastam sem a assistência devida.

Solidariedade entre os que têm trabalho certo e os que estão sujeitos aos contratos a prazo.

Manifestemos todos, democratas e patriotas, a nossa solidariedade por todos e cada um que está pior, unindo os nossos esforços numa jornada demonstrativa do repúdio por uma política virada contra o povo e os interesses do país, num sentimento patriótico para manter Portugal nos caminhos da esperança abertos pelo 25 de Abril.

O Secretariado Nacional da Confederação Geral dos Trabalhadores Portugueses - Intersindical Nacional

VIVA A GREVE GERAL!

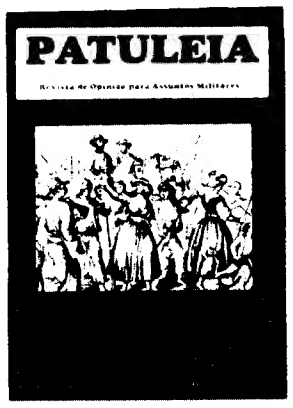
CGTP-IN

de ontem para hoje

O "Careca" no comando

A Polícia Judiciária revelou ontem ter identificado três rapazes e duas raparigas implicados em vários assaltos à mão armada, nomeadamente a um motorista de táxi, em Casal de Marco, nas proximidades do Barreiro. As raparigas são menores e os três jovens dão pelos nomes de «Russo», «Careca» e Vitor, tendo sido localizado e detido apenas o segundo deles, considerado o chefe da quadrilha. Entre as proezas do grupo destaca-se o furto de carteira a uma mulher-polícia.

«Patuleia»: revista militar dirigida por Mário Tomé



No Solar do Vinho do Porto, em Lisboa, irá ser lançada esta tarde, a partir das 17 e 30, «Patuleia» uma nova revista sobre assuntos militares dirigida pelo major Mário Tomé e que tem como colaboradores, entre outros, o coronel Varela Gomes e o capitão Álvaro Fernandes. Alguns dos temas abordados neste 1.º número: «Em defesa dos militares»; «A Constituição e as Forças Armadas»; «Oficial da Armada-que profissão?»; «A paz na mão dos povos»; e «A Polónia e as Forças Armadas».

Viana do Castelo: oito mil assinaturas contra central térmica

Um abaixo-assinado com cerca de oito mil assinaturas, de protesto contra a instalação da central térmico-eléctrica em Viana do Castelo foram ontem enviados ao Ministério da Indústria e Energia pela Câmara Municipal local. As assinaturas recolhidas correspondem a 18 das 39 freguesias do concelho.

Relações com a Europa: senadores americanos nos Açores

Parlamentares «liberais» europeus e dos dois partidos norte-americanos irão reunir-se em Junho próximo nos Açores, segundo anunciou ontem o «Correio dos Açores». O encontro, «que terá a participação de deputados portugueses e espanhóis ligados a área dos partidos reformistas, diz o jornal irá debater as relações entre a Europa e os Estados Unidos», estando a sua organização a cargo da Fundação Friedrich Naumann, da RFA, ligada em Portugal ao Instituto do Progresso Social e Democracia – Francisco Sá Carneiro (IPSD). Bernd Schetterlein, representante em Portugal daquela Fundação, visitará oficialmente os Açores no mês de Março a convite de João Bernardo Rodrigues, secretário regional do Equipamento Social.

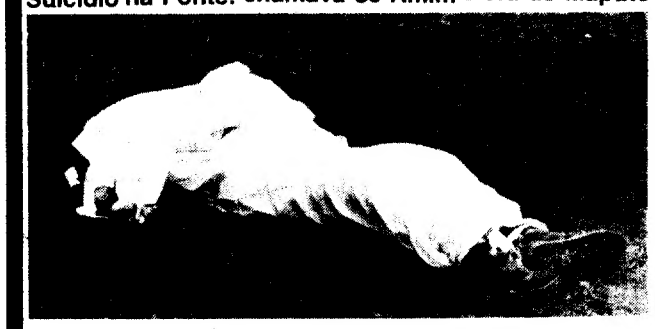
Antiguidade: trabalhadores homenageados pela TAP

O presidente do Conselho de Gerência da TAP Santos Martins salientou ontem a importância daquela empresa para a economia do País, durante uma cerimónia em que foram homenageados dez trabalhadores que atingiram no dia 31 de Dezembro último o limite de idade e 163 que completaram vinte anos de serviço. Aos primeiros foi oferecida uma medalha com o nome de cada um dos homenageados gravado e aos outros um relógio de pulso. A TAP tem presente ao seu serviço 9954 trabalhadores, menos 49 do que no ano anterior.

Mixordices no Porto: 11200 quilos de alimentos impróprios

Cerca de 11200 quilos de produtos alimentares impróprios para consumo, soube-se ontem, foram reprovados e inutilizados em Dezembro pela Divisão de Mercados e Inspecção Sanitária da Câmara Municipal do Porto. Em 56 visitas efectuadas nesse período. As brigadas de fiscalização inspeccionaram cercade 88 mil quilos de carnes verdes, salgadas e preparadas e 96 mil quilos de pescado. Os mesmos serviços vistoriaram ainda cerca de 12 mil quilogramas de unidades de criação.

Suicídio na Ponte: chamava-se Amim e era do Maputo



A Polícia Judiciária de Lisboa já identificou o jovem que conforme ontem noticiámos, se atirou da Ponte 25 de Abril trata-se de Amim Hassanali, de 23 anos, ajudante de enfermeiro, natural de Maputo, e residente em Lisboa. Um informador da PJ disse que a vítima «sofria de crises nervosas», facto que poderá ter estado na origem do seu salto desesperado.

Enviados pela Gulbenkian: oftalmologistas portugueses em Bissau

A equipa médica portuguesa de Oftalmologia enviada à Guiné pela Fundação Calouste Gulbenkian, começou já a trabalhar em Bissau soube-se ontem antes das deslocações a Bafatá, Gabú e Bubaque.

Quatro médicos e um enfermeiro que integram a brigada pertencem aos quadros do Hospital Egas Moniz.

Dançar em vão

António Gomes: foi o último a saber que não batera nenhum "record"

O nome de António Gomes não figurará na próxima edição do «Guiness Book», livro de honra e de recordistas disto e daquilo, preparado em Nova Iorque a partir de uma cuidada actualização. Cada edição é todo um trabalho de renovação, fazendo cair nomes, lançando outros. O de António Gomes, português, 18 anos, não sairá na próxima edição.

António Gomes dançou na sede do Atlético Clube de Arroios, sob o olhar atento de admiradores e admiradoras, curiosos e jornalistas, durante horas a fio, quase sem parar. De quatro em quatro horas repousou meia hora – e foi de mais. Ninguém se preocupou grandemente em averiguar a que tipo de recorde António Gomes se candidatava e qual o tempo a cumprir. Alguém lançou a ideia de António Gomes poder bater o recorde de dança e o jovem, inebriado pelo ensaio de há dias, afoitou-se à proeza... mas em vão.

Nunca o Atlético Clube de Arrois tinha conhecido tanta clientela. Nunca a área de Arroios, onde o Atlético Clube tem a sua sede, fora tão palmilhada e devassada. Nunca tantos jovens espadaúdos impediram a tantos curiosos o acesso não pago à sede da agremiação, no modesto 1.º andar de um prédio exíguo e de traça gasta, acanhado para um bailarico a sério, embora com rosto pintado à pressa.

António Gomes dançou mais que o argentino Carlos Sandrini (que há 25 anos fez 106 horas, 5 minutos e 10 segundos), mas na modalidade de «disco». O recorde de Sandrini foi em «ballroom» (o chamado par). Logo, foi a partir de um dado falso que se aventou a possibilidade de pulverizar um recorde que, de resto, já fora batido, passando para 120 horas. De acordo com os dados de que dispomos o nome do recordista virá no «Guiness Book» deste ano, que condensa e apresenta anualmente todos os recordes actualizados.

Nova Iorque ainda está muito longe

António Gomes não virá no «Guiness Book» mas mereceu, durante os últimos dias, honras de primeira página nos jornais portugueses e, ao que nos dizem, relevo também nos jornais espanhóis. Aliás, mantém-se de pé a hipótese de a exibir-se em Espanha, em princípio quando o Verão se aproximar. Mas está fora de causa ir a Nova Iorque homologar com o seu punho a distinção que o «Guiness» dá.

O jovem dançador foi o último a saber que o seu nome não poderia figurar no célebre «Book». Dirigentes do Atlético Clube de Arroios, os próprios pais, amigos e admiradores resistiram durante as últimas horas da dança à ideia de que o recorde não seria homologado nem constituiria mesmo recorde. Um instante houve, antes das 22 horas, em que os ânimos se iam azedando, à medida que em Portugal se estabeleciam contactos para saber do alcance do feito e se a história o registaria. Os admiradores não se cansavam de o apresentar com como «bom patriota»...

De modo que, quando António Gomes acabou era, por assim dizer, o único a sorrir de verdade. Depois de submetido a exame cuidado e prolongado pelo pessoal da Cruz Vermelha, que foi inexcedível de atenções para com a evolução do jovem ao longo da frustrada maratona, António Gomes saiu, transportado num carro da CVP para a casa que habita com os pais ma Rua Ponta Delgada, ali a Arroios. Estava longe de imaginar que, afinal não batera qualquer recorde, porque nem os pais, que não acreditaram lá muito na versão que corria no clube ontem à noite (o pai de António Gomes chegou a atribuir culpas à Comunicação Social e a ameaçar de falar e deixar mal colocado o bom nome português), tiveram coragem de lhe dizer. Só esta manhã terá sido informado.

Mas nem por isso António Gomes deixa de ser menos célebre para nós, bom povo lusitano. É célebre no bairro, na capital, em toda a Estremadura, enfim, em todo o País, do Minho à ilha do Corvo. Que não fiquem dúvidas. Mas não é recordista de nada nem de ninguém. Já era recordista da Europa na modalidade de «disco»...

Na rua, como prometera, o jovem Gomes dança os últimos cartuchos: ainda não conhecia a versão final do recorde que não era recorde...

Recorde de argentino já fora pulverizado

O recorde de «ballroom» (dança de pares) é deitdo por um outro que não (já) Carlos Sandrini, vindo o nome do último a constar do próximo «Guiness». O recorde do «disco», a modalidade que, segundo os entendidos, o António Gomes dançou desde sexta-feira à noite até ontem, no C.A. parando meia hora em cada quatro dançadas, é de 347 horas. Ainda faltariam muitas horas para António Gomes lá chegar. Mais do dobro. E chegaria, se tentasse? Eis uma dúvida, porventura um convite – nunca um repto – para nova cartada do «grande dançador» de Arroios.

Em causa também estaria, se por acaso António Gomes tivesse dançado a modalidade de «ballroom» (par), o repouso que fez entre cada quatro horas de dança. O regulamento do «Guiness Book» prevê cinco minutos de descanso em cada hora, ou vinte agregados, em cada quatro horas. Ora António Gomes descansou trinta minutos por cada quatro horas, isto é, três horas em cada dia.

Ainda bem, agora que se sabe que o jovem dançador não bateu qualquer recorde, por estar desclassificado em termos do regulamento do «Guiness Book», como os dirigentes do Atlético Clube de Arroios virão a reconhecer e disso dar conta a A. Gomes, que se manteve ontem a calma no bairro e não desandaram para junto da Embaixada Argentina, reivindicando um recorde com o qual aquele país já nada tem a ver nem Gomes tinha pulverizado, de facto.

Até casa numa ambulância da Cruz Vermelha

Guarda da PSP morto por um carteirista

Um guarda da PSP foi esta madrugada baleado por um indivíduo que vinha sendo perseguido por populares após ter roubado uma bolsa de mão. Atingido na cabeça o guarda teve morte quase imediata e o agressor conseguiu fugir.

Tudo começaria cerca da 1 e 30, num café da Rua Luciano Cordeiro, quando um cidadão inglês viu que alguém se apoderava da bolsa que tinha em cima da mesa. Dado o alarme, iniciou-se a perseguição por várias ruas situadas entre o Campo Santana e Santa Marta, sendo na Rua Bernardim Ribeiro que o fugitivo veria a fuga cortada por dois guardas da PSP que haviam acorrido aos gritos de «agarra que é ladrão». No entanto perseguido puxou de uma arma e abriu fogo contra os agentes, um dos quais tombaria de vez.

Mantendo a correria o agressor refugiou-se no hospital de Santa Marta onde saltando janelas e tomando outras atitudes insólitas,se feriu num pé. Quando era assistido por empregados que ignoravam a sua recente actuação ele desapareceria antes dos perseguidores chegarem.

A vítima, Alexandrino Ramos Correia, tinha 36 anos e era natural de Cabo Verde e encontrava-se de serviço de patrulha com um colega que nem teve tempo de fazer fogo sobre o autor da morte do colega.

Foram de imediato mobilizados elementos daquela cooperação para tentarem a captura do homicida juntamente com agentes da Polícia Judiciária a cuja jurisdição competem as investigações.

Leonor Beleza eleita presidente da Comissão Para a Igualdade Entre Mulheres e Homens

Maria Leonor Beleza foi ontem eleita presidente da Comissão para a Igualdade entre as Mulheres e os Homens, criado sob a égide do Conselho da Europa. A eleição ocorreu durante a primeira reunião desta comissão, na sede do Conselho em Estrasburgo.

Leonor Beleza é professora da Faculdade de Direito da Universidade de Lisboa e tornou-se uma referência de algum modo familiar a partir do seu aparecimento na televisão, primeiro avulsamente, através de breves depoimentos sobre questões pontuais, entrevistas e mesas-redondas; depois, através de um programa semanal de divulgação jurídica para o público feminino, «É bom saber». Leonor Beleza foi oportunamente indicada para o Conselho da Europa (Comissão para a Igualdade) pelo PSD.

A Comissão para a Igualdade foi criada para promover a ideia da igualdade entre os sexos, e reúne representantes de cada um dos 21 países membros do Conselho da Europa.

No âmbito das suas actividades previstas figura uma assembleia geral plenária de dois em dois anos e até 1986, data limite do segundo plano a médio prazo do Conselho da Europa.

Grupos do Comité tratarão da identificação dos sectores de acção prioritária nos domínios da Política, da Educação, da Saúde, da Cultura, assim como da violência sexual ou familiar.

Congresso dos Escritores Portugueses marcado para 3, 4 e 5 de Março

Ficou definitivamente marcado para os dias 3, 4 e 5 de Março o II Congresso dos Escritores Portugueses que, promovido pela A.P.E., chegou a estar previsto para 25, 26 e 27 do próximo mês de Fevereiro e foi adiado por razões alheias à vontade da respectiva comissão executiva.

O Presidente da República já foi convidado para presidir à sessão de abertura e, por esse motivo (acrescido de diversos pedidos recebidos pela organização nesse sentido) foi decidido alargar para o próximo dia 31 a entrega de comunicações e inscrições no Congresso.

Entretanto, segundo informou a comissão executiva, registaram-se até esta data mais de oitenta e cinco inscrições para apresentação de comunicações ao Congresso dos Escritores, cobrindo as quatro alíneas do temário já tornado público, havendo ainda cerca de 250 congressistas, sócios e não sócios da Associação Portuguesa de Escritores, inscritos para participarem nos trabalhos.

Encontra-se já assegurada a presença de várias delegações estrangeiras, na qualidade de observadores, nomeadamente de todos os países africanos de expressão portuguesa.

No dia da inauguração terá lugar, a partir das 21 horas, um espectáculo com a participação do Teatro Experimental de Cascais e do Coro da Academia dos Amadores de Música, e um recital de poesia encenada.

O encerramento do Congresso dos Escritores será feito num hotel de Lisboa no decorrer dum jantar-convívio, estando convidados para actuar Carlos do Carmo, Teresa Silva Carvalho, Zeca Afonso, Paco Bandeira e o conjunto cabo-verdiano «Bana». As inscrições para este jantar, que contará com a presença de todas as delegações estrangeiras, termina no dia 10 de Fevereiro.

Pacifistas ibéricos reúnem em Coimbra

O grupo ecológico da Associação Académica de Coimbra vai realizar, dias 30 e 31 nesta cidade, o Segundo Encontro Ibérico Antimilitarista de Objectores de Consciência.

Serão prestadas informações mútuas sobre a situação actual dos objectores.

Uma sessão vai ser dedicada às novidades legais, nomeadamente à análise do estatuto de objector há pouco tempo aprovado em Portugal.

O desarmamento e perspectivas dos movimentos para a paz são outros temas a abordar.

Também vão ser delineadas as campanhas e estratégias a empreender, e abordados temas socilitados pelos participantes.

Segurança no trabalho

Técnicos propõem criação de um instituto público

PORTO, 28 – Um grupo de técnicos do Porto das áreas da higiene, segurança e medicina do trabalho, preocupado com a indefinição do sistema que deveria promover e assegurar o bem-estar físico, mental e social dos trabalhadores no seu ambiente de trabalho, tem vindo a reunir-se no sentido de estudar uma nova estrutura organizativa para este importante sector.

Para tal admite a necessidade da criação dum instituto público, dotado de personalidade jurídica e autonomia administrativa e financeira, cuja gestão deverá ter carácter tripartido: Estado, organizações representativas de trabalhadores e de empregados.

O instituto deverá actuar essencialmente nos domínios da investigação e da formação de técnicos, para além do apoio às empresas no âmbito da prevenção de riscos de trabalho.

Para a prossecução destes objectivos foram já estabelecidos contactos com organismos representativos dos parceiros sociais, tendo-se verificado da parte destes, sem qualquer excepção, a maior receptividade para um problema que directamente lhes diz respeito, e cujas graves consequências bem conhecem, pois representam para toda a comunidade um verdadeiro flagelo social: a sinistralidade no trabalho e as doenças profissionais.

ASDI levantara suspeita de "luvas"

Inquérito de 90 dias à compra de aviões

Saiu hoje no «Diário da República» a resolução aprovada na Assembleia da República no passado dia 12 e respeitante à constituição duma comissão eventual de inquérito com o objectivo de averiguar as condições em que se processou a aquisição de aviões «Boeing B-727/200» e «Lokheed», e a venda de quatro aviões «Atlas Incorporation».

No que toca aos «Boeing B-727/200», a comissão deverá averiguar, «nomeadamente, se foram estudadas as capacidades operacionais, de travagem e de operacionalidade em pistas com menos de 200 metros».

A aquisição dos «Lockheed», a própria resolução lembra que ela se fez «quando existiam dúvidas, que vieram a confirmar-se, quanto ao encerramento do programa de construção de tal tipo de aviões».

Os quatro aviões «DC-6 Atlas Incorporation» foram vendidos, diz também a resolução, «quando o Governo fora alertado para o interesse desses aviões no combate a incêndios».

Esta resolução parlamentar correspondeu a uma proposta apresentada pela ASDI, e foi aprovada por unanimidade. Suspeitava-se de que havia «luvas» por detrás das transacções feitas pela transportadora aérea portuguesa, TAP.

A comissão, de âmbito parlamentar, tem o prazo de 90 dias para apresentar na Assembleia da República, as conclusões a que chegar no seu inquérito. O prazo conta a partir da data da aprovação em que a resolução foi aprovada.

Estado poderá guardar ou vender em haste pública os carros apreendidos

Os veículos apreendidos em processo judicial que sejam considerados passíveis de declaração de «perdido a favor do Estado» podem ser afectados ao parque automóvel do próprio Estado, ou vendidos, se tal alternativa se apresentar aconselhável. Aplica-se igualmente às apreensões no âmbito da actividade aduaneira. Consta de portaria dos Ministérios das Finanças e Plano e da Justiça publicada hoje no «Diário da República».

Esta portaria data de 14 do corrente e trata-se, não de legislação nova mas de regulamentação complementar à já existente, designadamente desde a lei 25/81, de 21 de Agosto, esta alterando a redacção de alguns artigos do Código de Processo Penal e de alguns preceitos regulamentares até então em vigor. A última portaria avança com medidas pontuais a aplicar doravante.

Diz aí, e além de outros pormenores, que o veículo apreendido só será afectado a pedido da Direcção dos Serviços de Gestão dos Veículos do Estado. Se não houver tal pedido, proceder-se-á à sua venda, por arrematação em hasta pública e após as devidas alterações.

Respondendo a Gentil Martins

Ministro reconhece direito dos médicos à greve

O ministro dos Assuntos Sociais reconheceu ontem no decorrer de uma visita de trabalho ao Hospital de Santa Marta, o direito dos médicos recorrerem à greve, «assunto sobre o qual só a Ordem dos Médicos deverá pronunciar-se».

A afirmação do ministro surge na sequência de declarações prestadas ontem ao «DL» por Gentil Martins, presidente da Ordem, que considerou a greve como uma «perspectiva real para alterar a política do Governo em matéria de saúde».

A réplica do titular da pasta dos Assuntos Sociais deixa em aberto possibilidade de um entendimento entre o Executivo e a Ordem, divididos quanto à filosofia que preside à política de saúde do Governo AD.

As acusações de reedição dos princípios-Arnaut mereceram da parte de Luís Barbosa um claro desmentido: «O interesse do Governo é em resolver os problemas de saúde em Portugal não à maneira Arnaut, que era uma forma socialista de o fazer, mas à maneira da AD».

Para o ministro, o que está em causa são os elevados custos de uma medicina convencional, que o Estado não pode suportar.

«O Governo não aceita que médicos de clínica geral ganhem 200 ou 300 mil escudos por mês, remunerações que o País não comporta e que a maior parte das pessoas não aufere ao nível da função pública», sustentou ainda.

A resposta de Gentil Martins não se fez esperar: «O ministro está mal informado», dando a entender, em declarações ao nosso jornal, que haveria contradições entre as posições defendidas pelo titular da pasta e o secretário de Estado da Saúde, a quem caberia a responsabilidade de relançar a «filosofia-Arnaut».

Finalmente, para o ministro Luís Barbosa, grave é que o orçamento da Saúde, que reconheceu ser exíguo, seja mal gasto. Citou, como exemplo, os 14 milhões de contos despendidos em receitas médicas, quando não há dinheiro «para melhorar os serviços de saúde e as condições hospitalares».

Visita a Santa Marta

A visita efectuada ao hospital de Santa Marta permitiu um maior contacto do ministro com a incrível realidade hospitalar do nosso país, e nomeadamente da capital.

O orçamento do hospital, integrado no orçamento geral dos Hospitais Civis de Lisboa, ainda não foi aprovado, o que desde logo dá uma ideia da precaridade do trabalho desenvolvido.

Instalado em velho convento, há muitos anos que apresenta condições totalmente inadequadas à missão para que foi reservado. As obras no novo edifício só estarão acabadas em meados do corrente ano, havendo, entretanto, serviços a necessitar de urgente reestruturação (Cardiologia, por exemplo).

A degradação física das instalações, por outro lado, implicará dentro em breve o encerramento de várias enfermarias, se nada for feito para colmatar a situação.

Entretanto, o plano director do hospital, elaborado em tempos por uma comissão do hospital, foi reprovado pelo Conselho Superior de Obras Públicas, por apresentar «uma grande densidade de edifícios para uma área tão reduzida».

Estes e outros aspectos foram apreciados por Luís Barbosa, que deverá percorrer durante o próximo mês de Fevereiro as restantes unidades hospitalares da capital.

Conselho de Ministros está reunido

O Conselho de Ministros iniciou hoje a discussão de legislação sobre práticas restritivas de concorrência, informa a ANOP citando uma fonte governamental.

A legislação, precisou a informador, visa impedir que uma empresa que tenha posições dominantes no mercado imponha preços a outras empresas no mesmo circuito.

O Conselho de Ministros, presidido por Diogo Freitas do Amaral, (na ausência de Pinto Balsemão no Luxemburgo), continuará também a análise da legislação sobre emissão de excedentes de pessoal na Funação Pública.

Autonomia universitária • Autonomi

Secretariado da RIA de Lisboa:

Ter-se-á o sr. ministro esquecido do direito á livre associação?

Pelo Secretariado da Reunião Interassociações de Lisboa subscreve o depoimento de hoje sobre «Autonomia Universitária» o estudante António Melo. São actualmente membros da RIA de Lisboa 25 Associações de Estudantes.

Para o Secretariado da Reunião Inter-Associações a proposta de Lei sobre autonomia universitária da autoria do ministro Vítor Crespo apresenta grandes e graves deficiências.

Por outro lado, denota uma vontade do ministro de controlar a vida universitária, através de assegurar que os órgãos principais da Universidade não passem de seus representantes, ligando muito pouco ao que é autonomia universitária e ao que tem sido a luta que os estudantes desde sempre têm desenvolvido pela sua conquista, garantia e defesa.

Assim consagra-se um reitor que, como a própria proposta o diz, é um representante do Governo junto das Universidades, que directa ou indirectamente é sempre nomeado pelo ministro, algo perfeitamente incompatível com qualquer conceito de autonomia universitária. O reitor deverá ser um órgão que representa a Universidade junto dos órgãos do poder, e como tal a sua escolha terá de ser efectuada dentro da própria Universidade e nunca estar sujeita aos poderes discricionários do sr. ministro.

Esta orientação bolorenta que o ministério da Educação deste governo manifesta, reflecte-se em toda a proposta onde, na composição de órgãos como a Assembleia Universitária e Senado Universitário, se propõe uma participação maioritária de doutorados que não corresponde minimamente à realidade universitária, onde são um sector do corpo docente em larga percentagem afastados da vivência diária. São antes os restantes sectores do corpo docente e os alunos que se encontram em melhor situação para estarem maioritariamente presentes nos órgãos da Universidade.

Nas competências do Senado Universiário, existe algo de verdadeiramente chocante, para nós, estudantes: a necessidade de os estatutos das Associações de Estudantes serem aceites pelo Senado. Será que o sr. ministro esquece que existe uma Constituição que consagra o direito à livre associação? Será que o sr. ministro ainda vive no tempo em que o governo fascista fazia depender a existência das associações de estudantes da homologação dos estatutos?

A nível de Conselho Administrativo, mais uma vez o Ministério entende que a participação estudantil é algo perfeitamente dispensável, colocando uma situação em que é possível que os estudantes aí não venham a ter qualquer participação.

Reservas gerais pomos a toda esta proposta que se insere na actual política elitista e de forte intervencionismo na Universidade, que tem caracterizado o sr. Vítor Crespo. Veja-se a possibilidade que o ministro tem de suspender a autonomia, em termos que passam por cima de todas as estruturas universitárias.

Não é uma proposta que estranhemos, é uma proposta que reflecte a incapacidade de diálogo que o sr. ministro tem com a Universidade, a incapacidade que tem de resolver os problemas com que os estudantes se debatem (são as prescrições, são as precedências, são as reduções orçamentais, são os Serviços Sociais da Universidade, que não pagam as bolsas, são as cantinas que fecham, é a degradação pedagógica).

Estamos certos que a participação estudantil é fundamental para a resolução dos problemas universitários.

O sr. ministro recusa o diálogo. O sr. ministro não responde aos pedidos de entrevista que o Secretariado da RIA apresentou com um «memorandum» onde foram equacionados os problemas com que a Universidade se debate.

O sr. ministro apresentou um projecto-auti-autonómico.

Os estudantes querem uma verdadeira autonomia, os estudantes não querem o projecto do sr. ministro, os estudantes não querem o projecto do Governo.

Candidaturas de ingresso no Ensino Superior

Decorre de amanhã a 12 de Fevereiro o prazo para apresentação de candidaturas de ingresso no ensino superior, relativamente às vagas ainda existentes.

A relação das vagas estará afixada nas delegações do Gabinete Coordenador e será publicada em portaria no «Diário da República».

Os candidatos deverão fazer acompanhar o boletim da documentação exigida por lei e, designadamente, da comprovativa das habilitações adequadas. Não poderão ser consideradas as habilitações pendentes de recursos ou de equivalência ou aquelas de que se proponham fazer prova posteriormente ao prazo acima referido, o qual não poderá ser prorrogado.

De acordo com a notícia 475/82 de 27 de Janeiro, do Ministério da Educação e Universidades, «está garantida a entrega dos certificados dos exames da segunda época do 12.º ano, nas escolas em que os alunos os efectuaram, dentro do prazo em que decorrem as candidaturas».

Criação de quadros no Preparatório e Secundário

Uma portaria publicada no suplemento ao «Diário da República» de ontem (1.ª série) determina o alargamento dos quadros docentes dos estabelecimentos de ensino preparatório e secundário.

A medida tem por objectivo, tal como se afirma no preâmbulo, criar os lugares de quadros necessários à efectivação dos professores contratados plurianualmente ligados à profissionalização em exercício. Assim, são adicionados 2207 lugares aos quadros das escolas preparatórias e 2274 aos das escolas secundárias.

À portaria, emanada dos Ministérios das Finanças e do Plano, da Educação e Universidades e da Reforma Administrativa, são anexados os mapas dos quadros alargados.

Profissionalização em Exercício: SPGL envia Carta Aberta ao Ministro da Educação

«Senhor ministro: A gravidade da situação é-lhe totalmente imputada, não há argumentos que possam escamotear as responsabilidades do Ministério. Possuímos abundantes provas desta afirmação. Tal gravidade não se compadece com mais adiamentos (...).»

Este é um parágrafo da «Carta aberta» que o Sindicato dos Professores da Grande Lisboa enviou ao ministro Vítor Crespo a propósito da caótica situação da profissionalização em exercício. Perante o escândalo de não ter sido planeada por parte do MEU um conjunto de acções com vista à implementação do modelo da profissionalização em vigor, nem cumpridos os compromissos assumidos com milhares de professores, os dirigentes do SPGL dão ao Ministério um prazo até 15 de Fevereiro próximo para que as suas reinvindicações sejam satisfeitas.

«Perdeu-se já tempo excessivo de modo irrecuperável», prossegue o SPGL. «A partir de 15 de Fevereiro não haverá possiblidade de executar em tempo útil soluções minimamente correctas. Os professores não aceitarão outras porque significarão a desvalorização da função docente e, como tal, da escola.»

«Tantas vezes nos temos dirigido...»

Na «Carta aberta» ao ministro, os professores começam por lembrar as muitas vezes que se têm dirigido ao Ministério da Educação, aos secretários de Estado e a altos funcionários do MEU para descrever a gravidade dos problemas da profissionalização em exercício e evocar as medidas prometidas e os compromissos assumidos pelo MEU bem como o não cumprimento da legislação publicada, sem que qualquer resposta eficaz lhes tenha sido dada.

«É de um escândalo que se trata efectivamente», continua o SPGL assim definindo a situação. O Ministério fez contratos com milhares de professores, obrigando-se, com cada um deles, a profissionalizá-los mediante um modelo e estruturas de formação consubstanciados em diplomas legais e assinados pelo ministro Vítor Crespo.

Mas dos milhares de professores envolvidos neste processo muitos não receberam até agora qualquer formação embora, como afirma o SPGL, «a profissionalização dos professores é uma necessidade urgente com vista à estabilização do sistema escolar português. É ao mesmo tempo, a satisfação de uma das mais justas reivindicações dos docentes: a garantia de uma profissão estável e valorizada mediante uma formação de qualidade».

Em dois anos, o Ministério da Educação não só não elaborou qualquer plano que coerentemente previsse as acções indispensáveis à implementação da profissionalização, como «tudo o que tem feito é descoordenado em função de situações de ruptura que se vão gerando sucessivamente porque nada é previsto e planeado com a mínima antecedência».

1900 profissionalizandos sem delegado

A situação dos professores é caracterizada do seguinte modo no documento: 1900 professores profissionalizandos sem delegado; faltam 1000 delegados à profissionalização; há milhares de profissionalizandos que recebem apoios insuficientes; há muitas centenas de professores contratados que não foram convidados a profissionalizarem-se e nem têm sequer qualquer garantia de que o serão no próximo ano; anuncia-se que haverá uma redução drástica do número de contratos no concurso de 1982; anuncia-se que em 1982, dos 2299 professores contratados, apenas um pouco mais de metade – 1209 – será «convidado» a profissionalizar-se, não havendo profissionalização em muitos grupos.

O MEU não cumpre, portanto, o que prometera a milhares de professores, de lhes assegurar uma formação de qualidade e de «fazer dessa formação um pólo de dinamização pedagógica das escolas e o meio único de lançar um sistema de formação contínua de todos os professores».

Como serão avaliados os que não receberam formação?

«Milhares de professores vêem ameaçado o seu futuro profissional, pelo modo como está a ser criado e lançado o modelo de avaliação, do qual resultará uma classificação que os ordenará num concurso nacional. Modelo imposto e não discutido, modelo não aferido, modelo que não tem em conta a diversidade de situações que na realidade existem, modelo que em Janeiro de 1982 indica algumas regras de um «jogo» que começou a ser «jogado» em Janeiro de 1981 quando foi legislado o modelo de profissionalização».

«Que critérios serão definidos para a sua aplicação? Terão os critérios em conta a diversidade dos casos existentes? Que coordenação será feita a nível nacional para evitar que a avaliação crie situações da maior arbitrariedade e injustiça quer a nível pessoal, quer a nível profissional?»

Depois de formular estas dúvidas na «carta aberta», o SPGL lembra que muitos professores concorreram para lugares muito afastados das suas famílias a fim de se profissionalizarem. E nessa situação se têm mantido, fazendo duros sacrifícios, vivendo em quartos alugados para, ao fim deste tempo, não saberem sequer quando terão adquirido a estabilidade profissional.

Perante esta situação, o SPGL, traduzindo a vontade de profissionalizandos, de delegados e de orientadores pedagógicos, finaliza o documento com uma série de reivindicações ao MEU, das quais destacamos: cumprimento dos deveres contratuais legalmente estabelecidos; satisfação imediata das reivindicações consideradas indispensáveis na alínea anterior; formação adequada para todos os professores em profissionalização, incluindo para os profissionalizandos sem delegado e sem orientador pedagógico, no respeito pelos direitos que a legislação consagra; adopção de medidas que garantam a entrada em profissionalização e as efectivas condições para a sua concretização de acordo com os termos de contrato, no próximo ano lectivo, com professores que já se encontram abrangidos por contratos plurianuais; divulgação pelo MEU de: quadro da situação da profissionalização a nível nacional; do que foi feito pelos Serviços Centrais para apoio à Profissionalização em Exercício e à Formação Contínua; do plano existente de acções de apoio até final do presente ano lectivo; divulgação das verbas disponíveis para a Profissionalização em Exercício e a Formação Contínua e ainda realização de cursos de formação para formadores e instalação dos Centros de Apoio Regional, entre outras reivindicações.

É a resposta a estas reivindicações que o SPGL aguarda até ao próximo dia 15, data a partir da qual «não haverá possibilidade de executar em tempo útil soluções minimamente correctas.»

Turismo

Revista distingue "personalidades do ano"

Fernando Barata, José Carrasco (Direcção-Geral de Turismo), João Carlos Abreu (Direcção-Regional de Turismo da Madeira) o director dos hotéis «Palácio do Estoril» e «Madeira» e o director do Centro de Turismo de Portugal em Nova Iorque, Nuno Mendes de Almeida, integram – a par da agência «Abreu», da «Avis», da «Sociedade Estoril-Sol», da «Grã-Pará» e da TAP-Air Portugal» – a lista das 10 pessoas e entidades ligadas ao sector turístico que a revista «Portugal Turismo e Actualidade» distinguirá com o título de «personalidades do ano» de 1981 na próxima segunda-feira, dia 25, no decurso dum «cocktail» comemorativo do seu primeiro aniversário a realizar no «Restaurante Algarve» em Lisboa.

A «Portugal e Actualidade» galardoará nessa altura 10 outras empresas e figuras como «personalidades do ano», nomeadamente a Fundação Gulbenkian, a Caixa Económica do Funchal e o Automóvel Clube de Portugal, Cavaco e Silva, Artur Santos Silva e Mário Mesquita (director do «Diário de Notícias»), os desportistas Humberto Coelho e Fernando Mamede, e (ainda) o cineasta Manuel de Oliveira e o locutor-animador Júlio Isidro.

Transportes podem voltar a parar devido á intransigência do Governo

Face ao resultado nulo das negociações, por um lado, e à abertura afirmada pelo Governo, por outro, dirigentes das Federações dos Sindicatos Ferroviários e dos Transportes Rodoviários e Urbanos reunidos a noite passada com representantes dos trabalhadores do Metro, Carris, Transtejo, CP e Rodoviária Nacional, decidiram aguardar as próximas reuniões de negociação, tendo no entanto convocado uma concentração para o dia 4 de Fevereiro, junto ao Ministério dos Transportes, a fim de denunciarem a «política de estrangulamento e intransigência negocial» do Executivo.

Segundo um comunicado emitido pela Federação Rodoviária (Festru), nessa reunião foi igualmente decidido o desenvolvimento de novas acções no sector a partir de 15 do próximo mês, tendo para o o efeito sido marcada nova reunião para o dia 5. Nesta reunião será analisada a situação decorrente da eventual materialização da abertura anunciada pelo Governo e seus resultados práticos.

O documento diz também que foi decidido «considerar a jornada de luta do dia 12 de Fevereiro como um ponto alto da luta dos trabalhadores portugueses em geral e dos transportes em particular, contra a política desastrosa do Governo e como facto fundamental para a resolução dos conflitos existentes e a satisfação das reivindicações dos trabalhadores».

Entretanto foi marcado para amanha um plenário geral dos trabalhadores do Metro, em Sete Rios, para debate das negociações e das formas de luta, «caso não se verifique uma mudança significativa do comportamento do CG e da atitude do Governo».

Na terça-feira e ontem, decorreram reuniões com os secretários de Estado dos Tansportes e do Trabalho, onde foram tratadas questões respeitantes aos conflitos na CP, Metro e Carris. Idênticas reuniões estão marcadas para hoje, com os representantes dos trabalhadores da Transtejo e da Carris.

Dessas reuniões, onde mais uma vez os representantes do Governo mantiveram uma posição de intransigência, embora manifestando uma certa abertura ao diálogo, não se registaram resultados práticos. Os dois membros do Governo, diz a Festru, tentaram «alijar a responsabilidade da situação colocando-a nos sindicatos», o que «foi repelido e cabalmente rebatido, pois os sindicatos não estão a lutar pelos valores reivindicados, que são para negociar, mas sim, e fundamentalmente, contra os valores que o Governo lhes tenta impor, sendo portanto a responsabilidade dos conflitos do Governo e não dos sindicatos».

Citando uma «fonte segura», um matutino de hoje anuncia paralisações no sector de transportes para a semana de 8 de Fevereiro, informação esta que não nos foi possivel confirmar junto das organizações sindicais. Segundo a referida notícia, na Carris a greve dos sindicatos filiados na CGTP e na UGT será coincidente, paralisando o Metro no dia 10 de Fevereiro. Não exclui igualmente a hipótese de a CP parar no dia seguinte.

Por outro lado, a comissão negociadora sindical dos chamados Sindicatos Democráticos da Carris anuncia em comunicado que efectuará reuniões dos trabalhadores seus associados a fim de decidir as formas de luta a adoptar, caso o Governo mantenha a sua posição intransigente sobre as reivindicações dos trabalhadores seus representados.

Arrasto costeiro voltou à faina

Os pescadores do arrasto costeiro regressaram ao trabalho depois de terem obtido a garantia de que os tripulantes do barco «Ferreira da Cunha» não seriam despedidos.

O sector do arrasto costeiro, que emprega cerca de 1700 pessoas, distribuídas por 130 embarcações, esteve paralisado na segunda-feira em defesa de regalias contratuais.

Na terça-feira foi prolongada a greve depois de o armador do «Ferreira da Cunha», embarcação registada no porto de Matosinhos, ter anunciado o despedimento dos pescadores.

O conflito foi ultrapassado depois de o armador garantir a não concretização dos despedimentos – revelou um dirigente da Federação das Pescas.

Greve geral será um êxito

— *afirmam dirigentes sindicais*

Cerca de 14 uniões sindicais e distritais já decidiram sobre a sua participação na paralisação geral de 12 de Fevereiro decretada pelo plenário de sindicatos que a CGTP, efectuou em Lisboa, no dia 15 de Janeiro.

De facto, já estão a decorrer em todos os distritos diversas acções por forma a mobilizar os trabalhadores a levarem à prática aquela grande jornada de luta.

A última estrutura distrital a aderir à paralisação foi a União dos Sindicatos de Vila Real que no passado dia 20 reuniu em plenário tendo decidido organizar reuniões nas empresas e em todos os locais de trabalho para esclarecer os trabalhadores dos objectivos da iniciativa da CGTP. Entretanto o departamento da juventude desta União distrital vai levar a efeito «uma semana de luta pelo direito à habitação» na semana que precede a greve geral.

Também na EDP, CP e nas empresas do sectores de cerâmica e cimentos, construção civil, metalurgia, minas e função pública estão em preparação plenários de trabalhadores. Os delegados sindicais e delegados de base da Lisnave reunidos em plenário, no passado dia 26, dão «o seu incondicional apoio e total empenhamento na jornada de luta de 12 de Fevereiro» afirmam em documento agora distribuído, como a Federação Nacional dos Sindicatos da Construção Civil e Madeiras que consideram estar o país a atravessar a pior situação desde o 25 de Abril «quer a nível económico, financeiro e social, cuja responsabilidade é dos Governos AD, e resultante de uma política cujo objectivo é beneficiar a classe a que pertencem e que querem fazer pagar aos trabalhadores e ao povo em geral a crise que eles próprios provocaram». Da mesma forma se pronunciam os sindicatos agrícolas e os secretariados e uniões das UCP's/Cooperativas agrícolas de Beja, Évora, Portalegre Santarém, e Setúbal que «saúdam a histórica decisão da CGTP-IN» e apelam à «mobilização para a greve geral de todos os trabalhadores da agricultura».

Também as estruturas sindicais de Braga já organizaram uma comissão coordenadora de greve que tem levado a efeito toda uma série de acções no distrito onde já se efectuaram mais de 30 plenários de empresa e distribuídos documentos sectoriais

Em Abril ou Maio

Governo vai apresentar pacote laboral ao Parlamento

Afinal o Governo «não desistiu» nem «vai reformular» o conteúdo das leis inseridas no chamado «pacote laboral».

Efectivamente, o ministro do Trabalho, Queirós Martins, afirmou numa reunião dos socio-profissionais do PSD a disposição do Executivo de enviar à Assembleia da República, em Abril ou Maio, os projectos leis sobre despedimentos e contratos a prazo. Na mesma ocasião o ministro Queirós Martins afirmou ainda que o seu Ministério tentará sentar à mesa de negociações os representantes do patronato e as «centrais sindicais».

A propósito, um porta-voz da CGTP afirmou ao «DL» que a central sindical considera «ser intenção do Governo apresentar **este** ou **outros** «pacotes» desde que em prejuízo dos trabalhadores e **sempre** e **desde** que o possa fazer».

Sobre o adiamento da discussão da legislação laboral na AR o mesmo informador da Inter declarou que ele «foi determinado pela luta dos trabalhadores e que constituiu uma vitória sobre este Governo». No entanto, adiantou, «enquanto a AD se mantiver no poder continuará a haver uma espada de Dâmocles sobre os trabalhadores que continuarão a manifestar a sua oposição firme a esta política e que têm força não apenas para impedir a publicação do pacote laboral mas também para obstar a todas as manobras da AD e contribuir para a afastar do Governo».

Quanto à reafirmação pela UGT da sua disposição de convocar uma greve geral, caso o Executivo vá para a frente com o «pacote laboral» a CGTP considera que essa «é mais uma afirmação folclórica da UGT. A UGT não tem força, nem está interessada em fazer uma greve geral e se de facto estiver disposta a lutar contra a política do Governo, encontrará, por certo, formas de apoio à greve geral que a CGTP decretou para 12 de Fevereiro».

Sobre este assunto pretendeu o «DL» ouvir os dirigentes da UGT. Não havia ninguém disponível pelo que lamentamos não poder informar os nossos leitores da opinião desta organização sindical sobre um tema tão importante e que conduziu, aliás, a UGT a convocar, há semanas atrás, uma greve geral.

Cooperativas de Produção Operária vão criar Federação

As Cooperativas de Produção Operária vaõ reunir no próximo dia 30, sábado, às 14 horas, na Uniurba, na Rua Neves Ferreira, tendo como ponto central da ordem de trabalhos a constituição das Federações Nacionais dos três ramos cooperativos: Produção Operária; Produção de Serviços e Pescas.

Tabaqueira

Sindicato e CNS entregam amanhã novo pré-aviso de greve

O Sindicato dos Trabalhadores da Indústria de Tabacos e comissão negociadora sindical (CNS) da Tabaqueira vão fazer amanhã a entrega de um pré-aviso de greves a cumprir na empresa durante a próxima semana, em moldes que ainda não foram definidos.

Estava marcada para esta manhã uma reunião da comissão de trabalhadores (CT) da Tabaqueira, que não chegou a realizar-se devido à não comparência dos elementos afectos à UGT. A reunião visava a convocação para amanhã de um plenário geral de trabalhadores, destinado a definir novas formas de luta na empresa. Este facto, segundo uma fonte sindical, vai levar a que o plenário só venha a ser realizado no sábado.

O conflito na Tabaqueira, não obstante o «acordo de traição» assinado ontem de madrugada pela Fetese, Sindeq e outros sindicatos, como noticiámos, prossegue. Os trabalhadores lutam pela actualização dos salários, contra o tecto salarial e a retirada de regalias que o Governo, através do conselho de gerência, lhes pretende impor.

Como é do conhecimento público, os «stocks» de tabaco da empresa, em consequência das greves em cadeia cumpridas nas últimas semanas, estão esgotados, o que levou à importação de tabaco espanhol. Esta operação, pela maneira como é feita, é considerada pelos trabalhadores como «contrabando» autorizado pelo Governo. O tabaco espanhol, da marca «Fortuna» custou dois milhões de dólares e está a ser comercializado em selo, ao preço de 72$50 o maço, implicando a movimentação de cerca de um milhão de contos.

«Desmentido» que não desmente

Relativamente à notícia na nossa edição de ontem, sobre o conflito na Tabaqueira, a Fetese enviou-nos uma nota em que declara «que não assinou qualquer acordo com o conselho de gerência da Tabaqueira».

Acontece que, segundo confirma o Sindicato dos Tabacos, aquela organização sindical assinou efectivamente um «acordo de princípio» que não aparece na acta das negociações. Segundo esse acordo, a Fetese aceitou, sem salvaguardar o prazo de vigência da tabela, um aumento de 20,9. Aceitou igualmente que o conselho de gerência desconte nos salários dos trabalhadores não apenas as horas de greve, mas também as quebras de produção

Hoje a Fetese está a efectuar um referendo na Tabaqueira, sobre o acordo que assinou. Ontem levou a efeito um plenário de trabalhadores e como não conseguiu que as suas posições fossem aceites, decidiu-se por esse referendo, prática esta que é sobejamente utilizada pelos sindicatos da UGT, em casos semelhantes.

Amanhã reunem-se em plenário os restantes trabalhadores da Tabaqueira, filiados no Sindicato dos Tabacos.

Indústrias Eléctricas

Terminou ontem a greve de 48 horas dos trabalhadores das Indústrias Eléctricas que, segundo fonte sindical, registou uma adesão da ordem dos 80%.

A greve, que abrangeu 28 mil trabalhadores, cujo salário médio ronda os 12 mil escudos, apoiava reivindicações salariais de 25%, enquanto a associação patronal do sector (ANIMEE) contrapropõe 18,85%.

Amanhã os sindicatos do sector reúnem-se para analisar a situação e na primeira semana de Fevereiro efectua-se um plenário de organizações sindicais onde serão decididas novas formas de luta.

CIP e Governo pretendem alterar a lei da greve

Avolumam-se as informações quanto à preparação pela CIP de um projecto de alteração da Lei da Greve.

Primeiro foi o ministro dos Transportes que afirmou a necessidade de introduzir alterações a essa legislação. Posteriormente, o secretário de Estado dos Transportes, Abílio Rodrigues, em declaações prestadas ao semanário «O jornal» acentuava a mesma tónica dizendo, nomeadamente, que não será **por isso** (pela mofificação da Lei da Greve) **que seremos um país menos democrático – pelo contrário, se isso levar ao exercício do direito à greve de uma forma mais ordenada e consciente.** A greve política ou não política faz cada vez mais parte do vocabulário dos membros do Executivo que quer ser «árbitro» na sua definição. Isto é, o Governo AD quer **armar-se** de legislação que lhe possibilite **permitir ou não** a grve. Para Balsemão e os seus pares é tudo uma questão de palavras, de interpretações **e não de direitos.**

Depois foi um vespertino afecto à AD que ventilou a questão. O «DL» contactou a confederação patronal. «Não podiam adiantar-nos nada sobre o assunto. Olhe, ligue-me lá para 15 de Fevereiro», acrescentou o porta-voz da CIP. A data é curiosa. A Confederação da Indústria Portuguesa aguarda **também** o desfecho da paralisação geral que a CGTP convocou para o dia 12 do mesmo mês.

Para esta central sindical «a política laboral deste Governo corresponde às deliberações tomadas no chamado Congresso das Actividades Económicas, pelo que não é de estranhar que seja a CIP a elaborar a proposta de revisão da Lei da Greve que este Governo haveria de apresentar se ainda se mantivesse no poder». De qualquer forma, adianta-nos um dirigente sindical da Inter, «os trabalhadores e o movimento sindical saberão dar a respectica resposta aos ataques que lhe são movidos pelo grande patronato e pelo Governo». Quanto à UGT, Torres Couto afirmou repetidamente, durante a última conferência de Imprensa, que aquela organização sindical, «não permitirá qualquer alteração à Lei da Greve. Faremos um combate cerrado a todas as tentativas nesse sentido». Parece, pois, que também a UGT não parece sequer disposta a negociar com o Governo nesta matéria.

A.S.

Acordo sobre o gás siberiano

Mitterrand reafirma independência política

O presidente Mitterrand regozijou-se ontem com o caminho da França em direcção a uma política independente, a propósito de críticas que lhe foram feitas pela assinatura do contrato franco-soviético para o fornecimento de gás siberiano. «A França está empenhada num caminho do qual nada a conseguirá desviar: o da construção de uma política independente, garantia da sua segurança e condição da sua acção para a paz e a liberdade», acentuou Mitterránd durante uma reunião do conselho de ministros.

O presidente francês afirmou ainda que a independência e a segurança do seu país residem na sua «capacidade de assumir o domínio da sua economia e baseiam-se igualmente no seu próprio esforço de defesa, no respeito pelas suas alianças e na organização da segurança colectiva na Europa».

Fontes na capital francesa salientaram que em caso de uma intervenção soviética na Polónia a França poderia sempre cancelar o contrato com Moscovo, situação de que se faz eco o jornal «Le Monde» na sua edição de ontem. «Longe de constituir um alheamento em relação à União Soviética o contrato franco-soviético de compra de gás siberiano permite à França dispor de um meio de pressão suplementar sobre Moscovo» – escreve o «Le Monde».

As mesmas fontes oficiais francesas precisaram que, «à semelhança da Alemanha Federal, a França indicou claramente que não aprova a política de sanções económicas enquanto a União Soviética não intervir directa e maciçamente na Polónia».

Os ecos do encontro de Genebra

Gromyko acusa Estados Unidos

O ministro soviético dos Negócios Estrangeiros, Andrei Gromiko, acusou ontem em Berlim os Estados Unidos de quererem conduzir os outros países ocidentais para uma política «destinada a neutralizar os preciosos resultados obtidos durante a era do desanuviamento».

Washington procura «envenenar a atmosfera em qualquer local onde decorram negociações sobre os problemas mais importantes da actualidade, em Genebra (euromísseis), em Madrid ou Viena, salientou Gromiko.

O ministro soviético censurou por outro lado o Governo americano por se imiscuir, segundo afirma, nos assuntos «estritamente internos da Polónia» para transformar esse país num foco de tensão na Europa.

Entretanto, fontes do Departamento de Estado em Washington adiantaram que o encontro de Genebra entre Haig e Gromiko decorreu em conformidade com a vontade do presidente Reagan de tornar a vida dura para a URSS, sem espantar os aliados europeus.

Esse duplo objectivo da política Leste-Oeste dos Estados Unidos explica (segundo as mesmas fontes), que o secretário de Estado Alexander Haig afirme ter criticado violentamente perante Gromyko a posição soviética em relação à Polónia, mas que as negociações sobre os euromísseis continuam a progredir.

Trata-se de mostrar firmeza e, simultaneamente, tranquilizar os aliados europeus, «demasiado sensíveis», segundo Washington, a declarações proferidas em tom de «guerra aberta». A «ligação» do movimento pacifista europeu e o alastramento das correntes neutralistas, determinaram, segundo notam os observadores, o retorno ao tempo do duplo objectivo (firmeza com a União Soviética e maleabilidade com os aliados europeus), anteriormente praticado por Kissinger.

Por outro lado, esta táctica tem também feitos a nível interno. De facto, a direita americana começou a clamar contra o abandono da «ligação» quando o encontro Haig-Gromyko foi mantido apesar dos acontecimentos na Polónia. A Administração Reagan apazigou-a ao anunciar que não ia a Genebra para decidir sobre o recomeço das negociações sobre a limitação dos armamentos estratégicos, mas apenas para falar da Polónia.

Repressão continua na Turquia

Forças de segurança turcas prenderam em Istambul, na terça-feira, 31 militantes comunistas e um extremista de esquerda arménio, Garbis Altinoglu, segundo se soube ontem em Ancara.

Os militantes comunistas eram procurados sob a acusação de 18 homicídios. Garbis Altinoglu já fora condenado a 20 anos de prisão, em 1971, por assassínio de um membro do seu próprio partido, mas fora libertado três anos depois, ao abrigo da amnistia que se seguiu à eleição do presidente Bulent Ecevit.

Segundo o diário de direita «Tercuman», Garbis Altinoglu e o seu grupo seriam também responsáveis pelo massacre de Karamanmaras, que em Dezembro de 1978, provocou uma centena de mortos e um milhar de feridos, levando à declaração do estado de sítio em 13 departamentos turcos.

Entretanto, mais de 50 advogados de defesa boicotaram ontem o julgamento de 52 dirigentes sindicais de esquerda, que poderão ser condenados à morte por alegada «conspiração marxista-leninista» e incitamento à rebelião armada.

Os advogados protestavam contra alegadas tentativas do juiz para escamotear os «direitos da defesa» e impor «condições extraordinárias» durante a audiência.

Os 52 réus são dirigentes da agora proibida Confederação dos Sindicatos Revolucionários Turcos (DISK) e foram presos após a tomada do poder pelos militares na Turquia, em Setembro de 1980.

O julgamento iniciou-se em 24 de Dezembro, após um longo adiamento, e o juiz Cetin Guvener expulsou três advogados da sala de audiências afirmando que perturbavam o curso regular do processo. As expulsões originaram uma paralisação maciça e um boicote a todas as sessões

Força aérea d

Espectacular contra aeroport

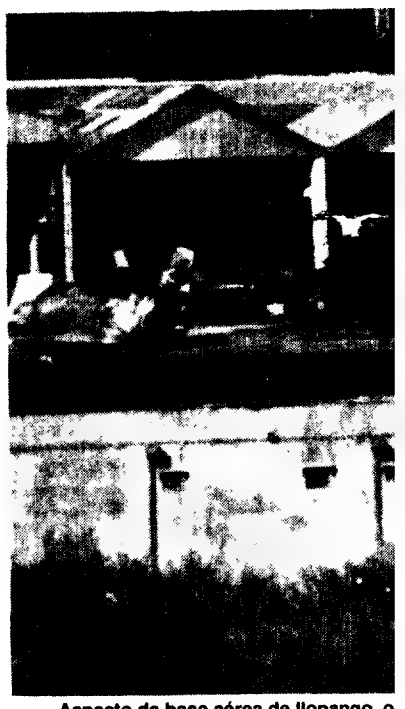
A Frente Farabundo Marti de Libertação Nacional de El Salvador (FMLN) afirmou ontem em San José (Costa Rica), que um dos seus comandos tinha «destruído» vinte e oito «aparelhos de combate aéreo, ou seja 70 por cento das forças da aviação salvadorenha.

Um porta-voz da FMLN indicou que a acção, desencadeada de madrugada, contra o Aeroporto Militar de Ilopango, perto de San Salvador, tinha conduzido à destruição de seis aviões «Fouga Magister», oito aviões «Ouragan», oito helicópteros «Iroquois», seis aviões «C-47» de transporte de tropas e uma peça de DCA.

O comando, segundo o porta-voz da FMLN, «enganando a vigilância dos militares, conseguiu colocar cargas explosivas nos aparelhos, retirando-se depois, sem nenhum problema».

Depois da destruição dos aviões, acrescenta a FMLN, o Exército cercou a zona da base aérea e tentou « sem êxito» uma operação de «limpeza».

Com esta operação, indicou o porta-voz, a FMLN queria, em particular, «prestar homenagem aos milhares de pessoas mortas no Departamento de Morazan, em Dezembro último, numa operação do Exército» treinado pelos norte-americanos.



Aspecto da base aérea de Ilopango, o que destruiu 70 por cento da força aére

A confirmação de Garcia

O ministro salvadorenho da Defesa, general Guillermo Garcia, confirmou que guerrilheiros atacaram a Força Aérea de El Salvador e causaram avultados prejuízos.

«O ataque teve por objectivo destruir os meios com que as Forças Armadas se estão a opor à subversão comunista no país, que é dirigida pela União Soviética através de Cuba e da Nicarágua» – disse Garcia.

Acrescentou que «houve prejuízos, mas não aqueles

Caíu Governo irlandês

O presidente Patrick Hillery aceitou ontem a demissão do Governo irlandês de Garret Fitzgerald, e marcou eleições para 18 de Fevereiro, segundo anunciou um porta-voz.

O Governo de coligação, formado há seis meses, caiu ao ser rejeitado no Parlamento o seu Orçamento para 1982.

O presidente Hillery dissolveu o Parlamento, e indicou que a nova assembleia reunir-se-á no dia 3 de Março.

O Orçamento derrotado previa aumentos nos preços da gasolina, cigarros, bebidas alcoólicas e do Imposto de Transacção, estes últimos com agravamentos de 15 para 18 por cento e de 25 para 30 por cento no que respeita a bens sumptuários. Continua igualmente o corte dos subsídios ao leite e manteiga e a imposição de uma taxa de dez libras (1040 escudos) por pessoa que saísse do país em voo charter.

O Orçamento proposto visava reduzir o défice de 1982 para 715 milhões de libras esterlinhas, face aos 802 milhões de 1981.

No Parlamento agora dissolvido, o partido «Fine Gael» do primeiro-ministro demissionário e os trabalhistas, seus parceiros na coligação góvernamental, detinham 80 dos 166 lugares da câmara, enquanto o «Fianna Fail», na oposição, contava com 77. Com a deserção de quatro dos cinco independentes que o apoiavam,

Argélia:

Acidente ferroviário causa a morte de 130 pessoas

Um comboio de passageiros descarrilou na linha Argel-Orão, durante a noite de anteontem, causando segundo o último balanço, 130 mortos e 146 feridos.

A catástrofe, cujas causas se desconhecem ainda, ocorreu perto da aldeia de Beni Helouane, na região de El Asnan, já desvastada há dois anos por um violento terramoto.

Foram imediatamente mandados socorros para o local, com participação do Exército, de elementos da protecção civil e de trabalhadores de sociedades nacionalizadas implantadas na região.

Durante a manhã de ontem o primeiro-ministro, Mohamed Benhamed Abdelgani, juntamente com os ministros da Saúde e dos Transportes, foi encarregado pelo presidente Chadli Benjedid de ir observar pessoalmente, no local, as operações de socorro. O chefe de Estado já apresentou condolências às famílias das vítimas.

Foi constituída uma comissão de investigação para determinar as causas deste acidente, o mais grave desde a independência da Argélia, há vinte anos.

Conselho da Europa conde estado de sítio na Polóni

A Assembleia Parlamentar do Conselho da Europa condenou ontem em Estrasburgo, por unanimidade, os acontecimentos de 13 de Dezembro de 1981 na Polónia.

A resolução, contida na proposta do parlamentar francês Jacques Baumel (gaulista), foi apoiada por todos os grupos políticos. «Não pode haver uma Europa justa sem uma Polónia independente». Estas palavras do Papa João Paulo II são citadas na resolução que saúda o «corajoso papel» desempenhado pela Igreja polaca.

Os parlamentares europeus denunciam vigorosamente o recurso à força dos militares polacos e consideram que o golpe de 13 de Dezembro pôs fim a uma evolução democrática mais respeitosa dos direitos humanos. sob a acção do «Solidariedade».

A Assembleia Parlamentar do Conselho da Europa mostra-se convencida de que a ordem actual, «recusada pela maioria do povo polaco», não pode prolongar-se sem que sejam afectadas as relações entre as duas partes do velho continente.

A resolução solicita aos 21 países membros que coordenem os seus pontos de vista sobre as medidas a tomar perante a Polónia e a URSS, no campo político, económico e financeiro, a breve prazo e a longo prazo.

O auxílio alimentar à população polaca e o asilo político e humanitário aos exilados é também pedido na resolução, que estima que «o Conselho da Europa, pela sua vocação e composição, é a organização internacional mais qualificada para tratar do caso polaco».

Uma emenda socialista, pede urgentemente que os governos dos Estados Unidos e da URSS cheguem a um rápido acordo sobre a limitação do papel e número de armas estratégicas nucleares na Europa.

Outra emenda dos conservadores britânicos apoia plenamente a iniciativa do presidente norte-americano Ronald Reagan para que em 30 de Janeiro se convoque um «Jornada de Solidariedade» com a Polónia nos 21 países do Conselho da Europa.

Por seu lado, o Conselho Económico e Social (CES) da comunidade europeia, reunido ontem em Bruxelas, pediu o le-

Haig no Cairo

Autonomia palestiniana em deba

O secretário de Estado norte-americano, Alexander Haig, chegará hoje ao Cairo, no cumprimento da segunda fase de um périplo pelo Médio Oriente.

Em Telavive, onde manteve conversações com as autoridades israelitas, Haig terá apresentado ao ministro dos Negócios Estrangeiro de Israel, Yitzahak Shamir, e ao chefe da delegação do Estado hebreu às negociações de autonomia, Burg, novas ideias há muito bloqueadas sobre a autonomia palestiniana.

Segundo Burg, as novas propostas poderão superar as diferenças entre o Egipto e Israel nas questões relacionadas com o processo de autonomia. Instado pelos jornalistas a pronunciar-se sobre se as sugestões pareciam promissoras, Burg limitou-se a responder que «em parte sim, em parte não».

No Cairo, onde travará conversações com o presidente Hosni Mubarak, Haig deverá também ser posto ao corrente do encontro ontem realizado entre o presidente egípcio e o seu homólogo sudanês, Gaafar El Nimeiry, sobre a delicada situação política que se vive no Sudão.

O Conselho de Segurança da ONU concordou reunir hoje para votar uma resolução patrocinada pela Jordânia, apelando para que uma sessão especial de emergência das Nações Unidas discuta a anexação israelita dos montes Golã.

A Jordânia requereu a sessão especial após os Estados Unidos terem vetado uma resolução no Conselho de Segurança sugerindo sanções voluntárias contra o Estado judaico por desafiar uma resolução de 17 de Dezembro do Conselho exigindo a anulação da anexação.

... diminuída em 70 por cento

... ataque da guerrilha ...to militar salvadorenho

..., onde a guerrilha salvadorenha levou a cabo uma acção espectacular ...rea ao serviço da Junta de Napoleon Duarte. (Telefoto UPI/ANOP/«DL»)

que os atacantes pretendiam».

Honduras

O médico Roberto Suazo Cordova tomou ontem posse como presidente das Honduras, país da América Central que há dez anos vinha sendo governado por um regime militar.

Suazo Cordova é dirigente do Partido Liberal (da direita).

No seu discurso de posse, no Estádio Nacional de Tecucigalpa, prometeu conduzir o país para uma situação económica e social mais desafogada.

A cerimónia assistiram delegações de 50 países, alguns dos quais se fizeram representar pelos seus chefes de Estado.

As Honduras, país de 112 mil quilómetros quadrados, tem 3,5 milhões de habitantes.

Satisfação em Washington

A subida ao poder, nas Honduras, de Roberto Suazo Cordova, é «um excelente exemplo» para aquela região – declarou a Casa Branca, em comunicado.

A «eleição» de Cordova, que decorreu a 29 de Novembro passado, representa «o regresso dos civis ao poder» nas Honduras, explica a Casa Branca.

O senador Jesse Helms, republicano ultra conservador da Carolina do Norte, chefiou a delegação norte-americana às cerimónias de posse de Suazo Cordova.

«Esquadrão da Morte» na Bolívia

Um comando anticomunista que se intitula «Esquadrão da Morte» reivindicou ontem os atentados contra o ex-presidente general David Padilla e contra o general Lúcio Anez.

A casa do general Anez foi atingida pelo rebentamento de uma bomba, enquanto as cargas de dinamite colocadas na residência de Padilla não chegaram a deflagrar, talvez por a mecha se ter apagado.

Na mensagem enviada ao vespertino «Ultima Hora» o comando diz que actuou contra o general Anez «por estar ligado ao comunismo».

Os generais Anez e Padilla pertencem à corrente institucionalista das Forças Armadas da Bolívia.

Expectativa na Colômbia

Comando do "M-19" mantém em Cali avião desviado

As autoridades da cidade colombiana de Cali e os autores do desvio de um avião das linhas internas da Colômbia iniciaram esta madrugada conversações sobre a libertação das mulheres e crianças que se encontram a bordo do aparelho – um «Boeing-727».

À hora a que escrevemos, as notícias são ainda muito difusas sobre o acontecimento.

Segundo a France Presse, testemunhas afirmaram que foram disparados tiros no aeroporto.

De acordo com testemunhas oculares citadas pela mesma agência noticiosa, não confirmadas oficialmente, não teria havido confrontação entre o comando colombiano «M-19», que assaltou o avião e os militares que cercaram (cercam?) o aeroporto.

Os elementos do «M-19» teriam, nervosos e impacientes, disparado contra os «curiosos» que se acercaram. Tiros de intimidação. A companhia proprietária do avião aceitou pôr outro aparelho ao serviço do comando guerrelheiro, depois de ter sido detectada uma fuga de combustível no «Boeung» desviado. O «Boeing», segundo as últimas informações, algumas contraditórias, continua imobilizado no aeroporto de Palmaseca, a 800 metros da torre de controlo.

O avião desviado pelo «M-19» ainda antes de levantar vôo

Últimas

Entretanto, o comando guerrelheiro deixou sair do avião 43 mulheres e crianças, em troca do abastecimento de combustível e de mapas aeronáuticos da América Central.

Por enquanto, os guerrilheiros ainda não fizeram exigências concretas. Em Bogotá (capital da Colômbia) tinham reclamado a presença a bordo duma jornalista e dum membro da «Comissão de Paz» criada pelo governo para, alegadamente tentar pôr termo à violência ocasionada pelas actividades do «M-19».

Foi uma hora depois de pousar em Cali que o comando do «M-19» anunciou estar esta acção a ser levada a cabo em memória de Luís Javier Cifuntes, dirigente sindical colombiano raptado, e depois assassinado, no começo do ano, acedeu à exigência das autoridades de libertar as mulheres e as crianças. A companhia «Aerotal» acedeu à exigência dos guerrilheiros, dizem as últimas informações de que dispomos. Outro «Boeing 727» pousou ao lado do avião desviado e a transferência dos 74 reféns em seu poder parece iminente, assim como de a tripulação e do comando guerrilheiro.

Tragédia no Peru

Seiscentos mortos no vale do Tocacha

Todo o vale do Tocache, situado a 600 km para nordeste de Lima, foi desvastado no passado sábado, de madrugada, pelo rio Chontayacu, transformado em torrente pelas águas dum lago andino que transbordou, na sequência de chuvas torrenciais.

Segundo um primeiro balanço oficial haveria pelo menos 200 mortos. Mas, segundo informações chegadas da zona sinistrada, a catástrofe teria causado mais de 600 mortos e 5 mil desaparecidos, sobretudo entre os habitantes das cidades de San Pedro de Chonta e de Uchiza. Segundo certas testemunhas, 17 aldeias foram apagadas do mapa somente na região de Uchiza.

Engrossado pelas águas do lago, situado a 3500 metros de altitude, o rio Chontayacu abateu-se sobre o vale, «varrendo» tudo e afogando sob as ondas lamacentas as aldeias de Ajenjo, San Pedro de Chonta, La Speranza, San Miguel, Pampayacu, Rio Blanco, Trinejas e Ollas. «Ouvimos durante uma hora um rugido que descia para o vale», declarou um sobrevivente.

Foi sobretudo a parte baixa da pequena vila de Uchiza que ficou coberta por toneladas de lama e de pedras. Em alguns sítios, segundo as equipas de socorro, só se vem os telhados das casas.

Aviões da Força Aérea peruana estão a trazer equipamentos de primeira necessidade para Tingo Maria, a vila mais próxima do local da catástrofe. Daí são levados de helicóptero para o vale de Tocache.

As chuvas torrenciais também provocaram inundações e desprendimentos de terras noutras zonas do país, fazendo cerca de 50 mortos.

O Peru já foi vítima de catástrofe semelhante em 1970. Na altura morreram cerca de 50 mil pessoas. A cidade de Yungay desapareceu sob um mar de lama e de pedras.

...ena ...ia

...vantamento do estado de sítio na Polónia, bem como a libertação de todas as pessoas internadas. O CES convidou, por outro lado, os governos a certificarem-se de que o auxílio humanitário à Polónia será efectivamente distribuído aqueles que dele precisam.

A concluir, considerou que a assistência económica ou financeira prestada à Polónia por governos ou bancos deverá subordinar-se ao acatamento daquelas condições.

Reunião da NATO

Os países membros da NATO não conseguiram chegar a acordo quanto à táctica a adoptar sobre a crise polaca na conferência de Segurança Europeia de Madrid, revelaram ontem fontes da organização em Bruxelas.

...ate

O Conselho, de 15 membros, reuniu ontem informalmente à porta fechada para finalizar os preparativos para a sessão de hoje.

A convocação de uma sessão especial de emergência é considerada uma questão processual pelo Conselho, não podendo portanto qualquer dos cinco membros permanentes do conselho – Estados Unidos, Grã-Bretanha, França, União Soviética e China – vetá-la.

A resolução deverá obter os nove votos necessários para a aprovação.

Partido neo-nazi proíbido na RFA

A organização neonazi «Movimento Socialista e Popular da Alemanha – Partido do Trabalho», foi ontem proibida pelo ministro do Interior da RFA, Gerhart Baum.

Na sua ordem de proibição, o ministro salienta que o movimento em questão tinha objectivos idênticos aos do Partido Nacional-Democrata (hitleriano) e que agia contra a ordem constitucional.

Segundo o comunicado divulgado à Imprensa, esta decisão foi comunicada ao presidente do movimento em questão, Friedhelm Busse, de 52 anos, que está detido na prisão de Landsberg (Baviera) desde 21 de Outubro de 1981. Em Outubro do ano passado, cinco membros desta organização travaram em Munique uma troca de tiros com a Polícia, que fez dois mortos (membros da organização) e dois feridos graves (um membro da organização e um polícia).

Os nazis pretendiam atacar um banco para «alimentar» a caixa da organização.

Só a roupa?

Doze contaminados da central nuclear "Ginna"

Doze trabalhadores da central nuclear «Ginna», de Ontário, ficaram ligeiramente contaminados quando da fuga que ali se registou na passada 2.ª feira. As primeiras informações diziam que só tinham sido expostas às radiações cinco pessoas.

Um porta-voz da central anunciou, porém, que nenhum dos trabalhadores teve de ser hospitalizado, visto a contaminação radioactiva só ter atingido a roupa.

Recorda-se que, na passada 2.ª feira, se registou por três vezes naquela central, uma fuga de vapor radioactivo, enquanto 45 000 litros de água radioactiva se espalhavam no subsolo da central.

Noticiário em colaboração com as agências ANOP, France Presse, Inter Press Service, Novosti, Prensa Latina

Droga é agora o pretexto

Cuba desmente indignada acusações de Washinton

Cuba desmentiu «com indignação» estar implicada no tráfico de droga e de utilizar as redes do contrabando para fazer chegar armas aos guerrilheiros actuando na Bolívia ou na Colômbia, tal como afirmou, na passada terça-feira, o Departamento de Estado americano.

Num comunicado publicado ontem, o Ministério cubano das Relações Externas declarou que tais afirmações constituem «uma mentira e uma verdadeira infâmia».

«Cuba é o único país da América Latina que conseguiu livrar-se do vício das drogas, afirmou. Nenhum outro país da América Latina luta com mais energia e determinação do que Cuba para impedir o contrabando aéreo e marítimo dos narcóticos destinados aos Estados Unidos.»

O ministério cubano sublinhou, por outro lado, ter «já dito que Cuba não enviou armas à guerrilha na Colômbia». «Mais uma vez, repetimo-lo categoricamente» acrescentou o porta-voz do ministério.

Por último, aludindo à recente libertação de quatro prisioneiros americanos detidos em Cuba por tráfico de droga, concluiu: «Não somos obrigados a cooperar (...) com o Governo superpotente dum país que mantem um embargo económico criminoso contra a nossa pátria, ocupa ilegalmente um pedaço do nosso território nacional (a base militar de Guantanamo, no Sudeste da ilha) e mantém uma política constante de hostilidade, de agressão e de ameaças contra o nosso povo».

Encontros de Haig com Rafael Rodriguez

O presidente Ronald Reagan confirmou que o secretário de Estado norte-americano, Alexander Haig se avistou secretamente no passado Outono com o vice-presidente cubano, Carlos Rafael Rodriguez.

Numa entrevista concedida à cadeia de Televizão CBS, o chefe do Executivo dos Estados Unidos explicou que o encontro teve lugar «antes que fosse aparente a importância do reforço militar de Cuba. Verificou-se, precisou, correspondendo a certos pedidos vindos de Cuba».

Reagan frisou que «havia indícios de que os cubanos tinham coisas a dizer».

«E disseram-no?» – perguntou um jornalista.

«Não suficientemente alto» – replicou o presidente, e ex-actor.

De acordo com informações da Imprensa, o encontro entre Haig e Rodriguez ocorreu a 23 de Novembro passado na Cidade do México, quando duma deslocação do secretário de Estado americano a esta capital, por iniciativa do ministro dos Negócios Estrangeiros mexicano, Jorge Castanesa. O encontro nunca tinha sido confirmado, nem pelos Estados Unidos nem por Cuba.

Na entrevista Reagan não se esqueceu de acusar Cuba de ser um «fantoche» de Moscovo. E recusou-se a arredar a possibilidade de um bloqueio da ilha e a discutir as opções que estão ao seu dispor para acabar com os fornecimentos de armas soviéticas e Havana, que os Estados Unidos consideram os mais importantes desde a crise dos mísseis de 1962. «Não elimino nada – disse. Nem num sentido nem no outro». Reagan revelou que esta questão foi abordada no encontro que teve, em Genebra, o secretário de Estado, Alexander Haig com o ministro dos Negócios Estrangeiros da URSS Andrei Gromyko.

«Se os cubanos fossem inteligentes – na opinião de Ronald – reflectiriam e pensariam em se juntar ao hemisfério ocidental».

exclusivo

Hector Mujica ao "DL"

Esquerda Unida para mudar a Venezuela

A unidade das forças de esquerda nas próximas eleições presidenciais venezuelanas foi um dos temas da entrevista que Hector Mujica, ex-candidato à Presidência da República da Venezuela, concedeu, em exclusivo, ao «Diário de Lisboa». Para além da sua actividade política (membro da Comissão Política do

Comité Central do PCV), Hector Mujica é um observador atento dos movimentos culturais, escritor, ensaísta, cronista, jornalista e professor universitário. De grande poder comunicativo, Mujica falou-nos da realidade política da América Latina e, com o sentido crítico que lhe é próprio, da actual situação na Polónia.

«Ganhar a Presidência e golpear a espinha dorsal da economia monopólica e oligopólica venezuelana»

«DL» – Em 1978, o PCV designou-o candidato á Presidência da República. Porquê uma candidatura própria?

Hector Mujica – De facto, em 1978 o Partico Comunista da Venezuela decidiu apresentar, pela segunda vez, um candidato próprio às eleições presidenciais. Em 1947, nas primeiras eleições para a Presidência da República por voto universal, directo e secreto, apresentamos ao eleitorado a figura lendária de Gustavo Machado que, aos 84 anos, é o presidente actual do partido.

Trata-se de uma grande figura do movimento comunista internacional, lugar tenente de Sandino nas montanhas da Nicarágua, nas Segóvias, que comandou os trabalhadores e estudantes que, em 1929, assaltaram a ilha de Coraçan tomaram o forte da Rainha Guilhermina, Willenstadt, apoderaram-se de todas as armas, ocuparam um navio e invadiram a Venezuela para a livrar da tirania de João Vicente Gomez. Em 1936, depois da morte de Vicente Gomez, entrou clandestinamente no país e, numa conferência no Teatro Nacional de Caracas, foi o primeiro venezuelano que afirmou publicamente:Eu sou comunista».

Esquerda Unida em 1983?

«DL» – A situação na Venezuela não aconselharia a apresentação de um «candidato de unidade de esquerda» às eleições presidenciais de 1978?

H. M. – Na altura fracassaram os nossos esforços para apresentar um candidato único de esquerda. Toda a nossa campanha de 1978 foi feita para conseguir a unidade de esquerda. Este objectivo já foi alcançado na eleição municipal de Junho de 1979, quando a esquerda unida obteve mais de 18 por cento dos votos, em relação aos 10 por cento do conjunto de todos os candidatos da esquerda à eleição presidencial de Dezembro. Estamos hoje a procurar viabilizar a apresentação de um candidato de esquerda às presidenciais de 1983. Por isso, apoiamos a pré-candidatura do deputado José Vicente Rangel, do Partido Movimento ao Socialismo (MAS).

«DL» – Que é uma cisão do Partido Comunista Venezuelano...

H.M. – Exacto. A cisão foi em 1971.

«DL» – Quais os motivos?

H.M. – Razões ideológicas. Negaram a teoria marxista marxista-leninista o que lhes deu benefícios eleitorais. São o maior partido da esquerda, estão próximos do Partido Socialista Português e pretendem aproximar-se da Internacional Socialista. Com muitos elos, num caso com a direita, noutros com a esquerda da I.S.

«DL» –Quais as possibilidades dessa aliança?

H.M. – É uma aliança eleitoral que pretende «mudar as coisas» na Venezuela, romper com o bipartidarismo, «Accion Democrática» (A.D.) e Democracia Cristã (COPEI), que durante vinte anos monopolizou o poder, tendo facilitado a corrupção. Estas duas forças repartem todos os poderes do Estado. Acreditamos que podemos romper com esta situação, edificar um dique de contenção à corrupção e conquistar algumas reformas dentro do sistema.

«DL» – Reformas apenas políticas, ou alterações económicas?

H.M. – Fundamentalmente modificações do quadro político, o que significa algumas mudanças no quadro económico, porque apresentaremos um programa comum de governo (o regime venezuelano é presidencialista), que visa ganhar a Presidência e golpear a espinha dorsal da economia monopólica e oligopólica venezuelana. Entre 30 a 40 grupos económicos controlam a economia do país-banca, seguradoras, transportes, mercado dos produtos agro-pecuários e indústria manufactureira. A indústria básica venezuelana é do Estado-petróleo, ferro, aço, alumínio, electricidade. Contudo, estes sectotes não são rentáveis, à excepção da indústria petrolífera, porque são geridos em termos políticos. Há que alterar esta situação e passar a geri-las em termos económicos.

«DL» – Quando das eleições presidenciais de 1978, os observadores políticos atribuiram a vitória do candidato democrata cristão, Luis Herrera Campins, ao descontentamento dos novos eleitores pela situação económica do país. A dívida pública era de cerca de 11.000 milhões de dólares, a balança de pagamentos, deficitária, e a desvalorização do «bolivar» acentuava-se. Hoje, mais de três anos passados, qual é a situação económica da Venezuela?

H.M.– A situação económica é má. Pela primeira vez, e em três anos consecutivos (1979/80-/81), o produto nacional bruto não teve crescimento, como resultado da política monetarista adoptada. Uma política que foi consequência da prática «faraónica» da anterior Administração. Em Em 1978 era necessário reforçar a economia. Este governo, com as restrições de crédito, congelou a economia ao ponto de levar à falência centenas de pequenas e médias empresas. Esta situação foi, e é, negativa para os trabalhadores. Pra além da diminuição dos salários reais, houve, nestes três anos, um aumento do desemprego que ronda 8 por cento da população activa, havendo agora cerca de 400.000 desempregados. Quando à dívida externa ela é ultrapassável.

Política externa democrata cristã

«DL» – Após a eleiçãção de Herrera Campins, tem sido notado o alinhamento da política externa venezuelana com as teses de Ronald Reagan, nomeadamente sobre El Salvador e Cuba, como o atesta a visita do ministro das Relações Exteriores da Venezuela a El Salvador, onde ratificou o apoio à Junta Militar Salvadorenha. Pensa que exista uma subordinação da política externa da Venezuela à política norte-americana?

H.M. – Não se pode dizer que a Administração venezuelana esteja cem por cento de acordo com a política de Ronald Reagan no que respeita à América Latina. Mas, em todo o caso, é uma política débil face ao Imperialismo, que significa um retrocesso em relação à política de Carlos Andrés Perez. Na actual política externa venezuelana há um ingrediente próprio, especial, que é o expansionismo democrata-cristão na América Central, razão para qual Herrera Campins apoiou em El Salvador a junta militar «democrata-cristãs de Napoleon Duarte, que parece mais pagão que cristão pois, em nome de Cristo, permite o genocídio de todo um povo. Perto de 11.000 mortos em 1921, mais de 300 por dia.

«DL» – Qual é a posição do PCV sobre a declaração franco-mexicana, que parece constituir uma porta para a negociação em El Salvador?

H.M. – Pensamos, de facto, que a declaraçao Mitterrand-Portillo abre as portas a uma negociação. Mas uma negociação em El Salvador supõe sentar à mesma mesa, sem condições prévias, a Frente Democrática Revolucionária (F.D.R.) de Guilhermo Ungo, que é um social-democrata. Esta é a posição do Partido Comuista da Venezuela. Para além disso recusamos as eleições propostas por Napoleon Duar.

«DL» – Continuando ainda na América Latina e na política de Reagan. Os Estados Unidos parecem estar dispostos a um bloqueio, o que poderá aumentar a tensão na zona...

H.M. – O bloqueio está destinado ao fracasso, como fracassou durante 20 anos. Contudo, não é bom que continue. Todo e qualquer bloqueio é insidoso e negativo, faz sofrer os povos ao dificultar o abastecimento de vários géneros e medicamentos. Toda a atitude oficial de um Estado contra outro Estado é reprovável e deve ser reprovada. O bloqueio é uma das armas características da acção externa do Imperialismo. Por isso nós a criticamos vivamente.

«Pistola nas mãos de cowboy»

«DL» – O fracasso da Cimeira de Cancum veio evidenciar as dificuldades de um diálogo sério entre o Norte – mais desenvolvido, pelo menos teórico e globalmente – e o Sul, subdesenvolvido ou em vias de desenvolvimento. Há possibilidades desta situação ser ultrapassada, e dar lugar a um diálogo efectivo Norte-Sul?

H.M. – A Cimeira de Cancum, de resto como todas as que houve, foi apenas mais uma reunião... e uma frustração do chamado diálogo Norte-Sul. Não se pode dialogar com a pistola na nuca e, muito menos quando a pistola está nas mãos de um «cowboy». Acredito mais nas possibilidades de um diálogo Sul-Sul, entre os países do Terceiro Mundo, e entre eles Portugal – é absurdo que a classe dominante portuguesa pense de outro modo – do que no Norte-Sul. Já levam nesse diálogo catorze anos de conversa.

«DL» – Na América Latina a Igreja tem tomado posições contra as ditaduras que violam os direitos humanos. Como é que o Partido Comunista Venezuelano encara esta posição da Igreja?

H.M. – Há pelo menos três igrejas católicas e uma protestante que actuam politicamente na América Latina. A protestante, actua em nome de Deus, como agente de penetração neocolonial em todas as favelas das grandes cidades da América Latina. No seio da Igreja Católica movem-se três tendências fundamentais: a conservadora, que prefere o «statu quo» e que não move uma única «erva no bosque»; uma corrente intermédia que quer algumas modificações de fachada para que nada mude, «il gato pardo»; por fim, uma terceira, representativa das mais avançadas correntes teológicas, a nova teologia da libertação, das quais são expoentes o bispo brasileiro do Recife, D. Helder Câmara, muitos bispos mexicanos e alguns da Venezuela, Colômbia, Equador e Peru, além de muitos sacerdotes que na América Central estão ao lado dos nossos povos, como monselhor Romero de São Salvador, assassinado na sua própria Igreja.

A importância dos meios de comunicação social

«DL» – Como teórico e professor de comunicação social, gostaria que comentasse a seguinte afirmação: «a maior revolução da época contemporânea X foi o rádio de pilhas.

H.M. – O rádio de pilhas é o pai das novas gerações. A televisão é a mãe. É esta a razão que determina que os aparelhos ideológicos do novo capitalismo sejam mais poderosos e efectivos e subtis. E também esta a explicação do fenómeno do apoliticismo das novas gerações. Fenómeno perigoso, pois o apoliticismo da juventude é o campo de cultivo do fascismo.

Polónia: «os erros de Gierek»

Hector Mujica quis também falar da actual situação na Polónia, um problema que, como nos afirmou, diz respeito ao movimento comunista no seu todo.

H.M. – A principal luta que os partidos comunistas no poder têm que fazer é a luta contra a burocracia e o autoritarismo. Não é o sistema socialista que está em discussão, mas sim os homens e grupos que conduziram a construção da nova sociedade. Tal é o caso da Polónia. Aos velhos erros do estalinismo, há que juntar os clamorosos erros, «erros faraónicos» de Gierek. Durante dez anos repetiu e multiplicou os malefícios da forçada industrialização estalinista, com planos de gigantismo económico que conduziram a Polónia socialista ao endividamento à banca capitalista em cerca de 30 mil milhões de dólares. Gierek esqueceu os trabalhadores, sobre quem recaiu o preço da dívida externa. Se a isto juntarmos que a Polónia é a Nação mais católica do mundo, mais que a Itália e a Espanha juntas, que o actual Papa é polaco, «o cura Woytila», Sua Santidade João Paulo II, e que proeminentes polacos residentes nos EUA desde 1938 têm sido e são conselheiros da política externa norte-americana (veja Brezinski) podemos entender por que razão a «pomba da paz» chamada Ronald Reagan qualificou de tragédia nacional o que se passa na Polónia. Mas também é curioso que todos os governantes dos países capitalistas quando há a mais insignificante greve operária, digam o mesmo: «um país não se constrói com greves». Mas, em contrapartida, parece-lhes bem que a Polónia tivesse greves diárias durante 18 meses, e, que só em 23 de Dezembro, tenha sido o primeiro dia sem greves. Parafraseando Shakespeare, «algo vai mal no reino da Dinamarca». Há uma tentativa para desestabilizar a Polónia socialista, e passá-la ao campo capitalista. Não aplaudo as medidas de excepção de Jaruzelski, nem nenhum socialista científico pode fazê-lo. Mas parece-me que aos capitalistas e socialistas, de mui delicadas epidermes, conviria mais uma intervenção do Pacto de Varsóvia, com tanques soviéticos e um milhão de mortos. Que socialistas são estes, meu Deus (para utilizar uma linguagem «walesiana») que preferem a imolação à salvaguarda das vidas? Que socialistas são os que preferem a repressão a fundo, que um Estado de emergência temporal? Que marxistas são os que analisam em abstracto as realidades concretas, sem tomarem em consideração os factores históricos, geográficos e geopolíticos? Nada tenho a ver com eles.

«DL» – E o futuro?

H.M. – Creio que Jaruzelski salvou a existência do Estado polaco. e nisto coincido com um estadista distinto da minha ideologia, o chanceler da República Federal Alemã, Helmut Schmidt. ■

(Entrevista de Nuno Ribeiro – Fotos de Rui Pacheco)

Mujica por ele próprio

«Não tenho medo intelectual de dizer que sou comunista» –afirmou-nos Hector Mujica. Perante um olhar de surpresa, adianta: «Digo isto porque hoje em dia está na moda entre os intelectuais afirmar que se diferenciam dos comunistas. O que não significa – conclui – que acredite em dogmas ou catecismos. Sou comunista, porque isso me permite uma moral colectiva, que ensina a conjugar os verbos na primeira pessoa do plural – Nós».

Foi deste modo que Hector Mujica justificou a sua militância política, como membro do Partido Comunista Venezuelano. Ex-candidato à presidência da República da Venezuela nas eleições de 1978, membro da Comissão Política do Comité Central do PCV, Mujica é também um observador atento dos movimentos culturais, escritor, ensaísta, cronista, professor universitário e jornalista. Galardoado em 1962 com o prémio internacional da OIJ (Organização Internacional de Jornalistas), prémio nacional de jornalismo da Venezuela em 1978, recebeu em Dezembro passado o prémio nacional da Narrativa-1980. Autor de mais de vinte livros, onde se destacam os seus trabalhos sobre comunicação social, «Império da Notícia» e «Sociologia da Comunicação Social» campo em que é um teórico inovador e director dos cursos de pós-graduação da Universidade Central da Venezuela, Mujica colabora em diversas publicações, entre as quais o «Tribuna Popular», órgão do Partido Comunista Venezuelano.

Amigo de Allende e Neruda, com eles viveu a esperança do Chile popular em três anos de exílio. Preso onze vezes, torturado uma, não fala do seu tempo de prisão como de um cartão de visita. Apenas o refere como um exemplo da repressão na América Latina.

Bom conversador, convicto nas suas ideias, ele próprio se definiu: «Sou um índio de pele escura, perfil espanhol, amante da vida, gastador de solas de sapatos.»

Banco Mundial cortou crédito aos países mais pobres

O conselho executivo do Banco Mundial decidiu reduzir em mais de um terço os créditos preferenciais concedidos aos países mais pobres, soube-se junto daquela instituição internacional, pertencente ao sistema das Nações Unidas.

O volume desses créditos, para o ano fiscal que terminará em 30 de Junho, foi baixado para 2600 milhões de dólares contra os 4100 milhões anteriormente previstos, acrescenta-se da mesma fonte.

Estes créditos de 50 anos e sem juros são distribuídos por intermédio da Associação Internacional para o Desenvolvimento (IDA). A redução do seu volume tornou-se necessária pela diminuição da contribuição do Governo americano para o financiamento da «IDA». Esta contribuição foi baixada pelo congresso para 700 milhões de dólares este ano fiscal, contra os 1080 milhões de dólares projectados pelo presidente Carter.

A redução diz respeito principalmente à India (principal beneficiária dos créditos da IDA) e aos outros países em vias de desenvolvimento do sul da Ásia. Esta região do mundo verá os seus créditos da IDA baixados de 2800 milhões de dólares para 1600 milhões relativamente ao período em questão.

Os países em vias de desenvolvimento africanos da região subsariana verão a sua parte baixada de 1100 milhões de dólares para 900 milhões.

Para compensar parcialmente a redução de 1500 milhões de dólares de empréstimos preferenciais da IDA, o conselho executivo decidiu um aumento de 800 milhões de dólares do volume dos créditos normais.

Arrestados na África do Sul

Banco português vai tentar evitar leilão dos pesqueiros

Uma entidade bancária portuguesa mostrou-se interessada em intervir junto dos credores sul-africanos de seis pesqueiros da Sociedade Nacional de Armadores de Pesca de Arrasto, no sentido de impedir leiloamento dos barcos que deveria ter lugar no próximo dia 4 de Fevereiro.

O leiloamento foi decidido depois de os pesqueiros terem sido arrastados por ordem dos credores, a quem a SNAPA devia cerca de 140 mil contos de combustíveis e outros serviços de abastecimento. Antes da arrestação, porém, os barcos já se encontravam imobilizados há bastante tempo na Cidade do Cabo por falta de dinheiro para assegurar a sua actividade normal.

A iniciativa do banco português teria como objectivo conseguir condições de venda mais compensadoras, em outros locais onde a transacção se pudesse concretizar. A venda que é discutível do ponto de vista da salvaguarda dos postos de trabalho, parece contudo corresponder à solução encontrada pelo actual Governo para resolver algumas das dificuldades do sector nacionalizado das pescas.

Entretanto, recorde-se, que a situação em que se encontram os pesqueiros foi divulgada oportunamente graças à intervenção das estruturas representativas dos trabalhadores da SNAPA, que forneceram a diversas entidades cópias dos telexes enviados pelos credores e recebidos na empresa sobre o assunto.

Cooperação luso-brasileira em análise

Delfim Neto encontrou-se com o ministro da Indústria

O ministro da Indústria, Energia e Exportação, Baião Horta, recebeu ontem em Lisboa o ministro brasileiro do Planeamento, Delfim Neto, com quem debateu diversos aspectos relativos à cooperação bilateral.

Durante a audiência, foi analisado o ponto da situação relativamente à efectivação do protocolo de cooperação luso-brasileira assinado em Outubro, por aqueles dois governantes, no termo da visita a Portugal do ministro Delfim Neto.

Em relação aos diversos pontos desse protocolo encontram-se já concretizadas encomendas do Brasil a Portugal no valor de 80 milhões de dólares (cinco milhões de contos) no sector da construção e reparação navais e encomendas de Portugal ao Brasil no valor de r0 milhões de dólares (2,5 milhões de contos), estando em fase de estudo e negociação outros aspectos da cooperação referidos naquele protocolo.

Em 1980, o volume das exportações portuguesas para o Brasil foi de apenas 2,5 milhões de contos e o das importações de 7,5 milhões de contos, pelo que os valores acima referidos representam o início da correcção do desequilíbrio da Balança Comercial entre os dois países.

A CEE ANUNCIOU ontem a concessão a Angola de uma ajuda alimentar no valor de três milhões de dólares (195 mil contos).

Já foram ultrapassados os 3 milhões de desempregados

Política monetarista do Governo em causa em Inglaterra

O número de desempregados na Grã-Bretanha ultrapassou este mês os três milhões – um total nunca atingido, nem durante o pior da recessão dos anos trinta.

O próprio Governo conservador, embora tentando aparentar a maior calma, admitiu que ainda não foi atingido o número máximo de desempregados e que não sabe quando é que esse número começará a descer.

Já há muito que se previa que a continuação, sem tréguas, da dura política monetarista do Governo de Margaret Thatcher faria o desemprego atingir níveis impensáveis.

O facto do número de desempregados ter ultrapassado a marca dos três milhões é, contudo, um duro golpe psicológico para o Governo e para o país em geral.

A gravidade da situação só não está a ser mais explorada politicamente, porque o partido trabalhista continua a padecer de dissenções internas que lhe tiram a possibilidade de desenvolver uma alternativa que o eleitorado considere já viável. O movimento sindical também ainda não conseguiu desenvolver uma campanha efectiva sem medo de que as suas reclamações tenham um sentido político, como o têm económico.

Isto, contudo, não quer dizer que a oposição trabalhista, assim como a nova oposição social-democrata, não levantasse uma vigorosa barragem de críticas na Câmara dos Comuns contra a primeiro-ministro.

O deputado trabalhista Dennis Skinner apelidou Margaret Thatcher de «violadora de Westminster» e acusou-a de estar a provocar mais danos no país do que os causados pelo alto comando alemão durante a Seghunda Guerra Mundial.

O dirigente trabalhista Michael Foot exigiu que o próximo orçamento (a ser apresentado em Março) não tenha «mais cortes, mais deflação e mais loucura monetarista».

Michael Foot exigiu que a primeiro-ministro diga claramente no Parlamento até que ponto é que o Governo está disposto a deixar subir o desemprego – clarificação que Margaret Thatcher se recusou a fazer.

Enquanto a primeiro-ministro tenta provar que a situação está a melhorar, o ministro do Trabalho Noreman Tebbit, frisa que, embora o actual número de desempregados seja mais elevado do que nos trágicos anos 30, a situação, sob o ponto de vista social e humano, não é comparável.

Argumentos deste tipo são, sem dúvida, pequeno consolo para o eleitorado em geral – visivelmente farto da experiência monetarista – e para os 3 milhões de desempregados em especial.

Margaret Thatcher reiterou no Parlamento que há indícios de que a crise está a passar: disse ela que o número de contratos a curto prazo está a diminuir, o número de horas extraordinárias a aumentar e que nos centros de trabalho houve um aumento de vagas anunciadas.

O Governo conservador continua a não dar indícios de que está a planear uma mudança de política, embora a crise esteja a provocar dissenções e desentendimentos no seio do partido conservador e, mais grave, no próprio gabinete.

Uma recente vitória dos chamados «moderados» foi terem obrigado a primeiro-ministro a permitir que as discussões ministeriais sobre o próximo orçamento fossem iniciadas já.

Até agora o chanceler do Tesouro, Sir Geoffrey Howe, arranjou sempre maneira de comunicar ao gabinete os «factos» um ou dois dias antes do orçamento ser anunciado na Câmara dos Comuns, o que roubava ao Governo a possibilidade de discussões prolongadas ou de efectuar mudanças significativas no seu conteúdo.

Foi uma pequena vitória, mas não deixa de ser um sinal de que os moderados continuam ao ataque e que não abandonarão tão cedo a luta, o que possivelmente está a prejudicar a «batalha de nervos» em que o Governo se deixou envolver».

Demissão do Governo: a única saída

Por parte da oposição, já nem sequer é suficiente que a primeiro-ministro mude de política: para muitos trabalhistas e para os sociais-democratas também, 3 milhões de desempregados só poderão levar a uma coisa – a demissão de Margaret Thatcher.

Manuel Caleral da ANOP

CEE

Começou a batalha dos preços agrícolas

A Comissão Europeia propôs ontem em Bruxelas um aumento médio e quase 9 por cento nos preços a pagar em 1982 aos oito milhões de agricultores da CEE.

O aumento sugerido ao abrigo do sistema comunitário de preços garantido para todos os principais produtos alimentares é o mais generoso recomendado pela comissão nos últimos anos.

Mas, mesmo assim, esta proposta da Comissão deverá provocar reacções pouco calmas dos agricultores dos «Dez» que pretendem um aumento de 16,3 por cento para os compensar dos custos que estão a subir em espiral.

Os produtores de leite, carne de vaca, porco e carneiro, azeite, açúcar e vinho encontram-se entre os que foram agora contemplados com um aumento de 9 por cento mas os produtores de cereais da região norte da CEE receberão apenas um aumento de 6.6 por cento.

As propostas da Comissão assinalam o início de meses de duras e muitas vezes azedas conversações entre os Governos dos países membros da CEE que conduzirão à determinação final dos aumentos de preços.

Parlamento critica conselho de ministros

A comissão agrícola do Parlamento Europeu ontem em Berlim Ocidental, criticou a «incapacidade» do Conselho de Ministros dos Negócios Estrangeiros da Comunidade Económica Europeia.

Os chefes da diplomacia dos «Dez», recorda-se, não conseguiram chegar, segunda-feira em Bruxelas, a um acordo quanto à diminuição da contribuição britânica para o orçamento comunitário e quanto a facilidades a conceder aos produtos lácteos franceses.

Em telegrama dirigido ao presidente do Conselho de Ministros, Leo Tindemans (Bélgica), a comissão agrícola pede ao conselho que dê provas de «maior espírito comunitário», e que tome as medidas políticas necessárias.

Cheysson também fala de crise

As «graves» divergências surgidas no último Conselho de Ministros dos Negócios Estrangeiros da CEE abriram uma «crise no seio da comunidade», declarou ontem o ministro das Relações Exteriores francês Claude Cheysson.

Segundo Cheyson, citado pelo secretário-geral do Eliseu, «as discussões sobre a reorganização do Mercado Comum só poderão recomeçar se o debate de fundo (contribuição inglesa) for resolvido, sem que isso possa contudo prejudicar o funcionamento da CEE»

Subida de preços em 82: 12,7 por cento

Elevou-se a 12.7 por cento o aumento médio de preços, nos países da CEE, em 1981, segundo estatísticas da Comissão Europeia.

A taxa mais alta foi a da Grécia, com 22,5 por cento em 12 meses. Contudo, entre Novembro de 1980 e o mesmo mês de 81, a taxa mais alta foi a da Irlanda com 23,3 por cento.

OBRIGAÇÕES

QUIMIGAL 81

I — ENTREGA DOS TÍTULOS DEFINITIVOS

Avisam-se os Srs. Obrigacionistas que poderão dirigir-se às Instituições de Crédito onde efectuaram a subscrição a fim de procederem a troca das cautelas pelos títulos definitivos.

II — PAGAMENTO DE JUROS

De acordo com as condições de emissão, encontra-se a pagamento, a partir do próximo dia 1 de Fevereiro, o juro correspondente ao cupão n.º 1. O valor líquido deste cupão é de 119$72 conforme se discrimina a seguir:

Juro ilíquido	126$02
Imposto s/Sucessões e Doações	6$30
Líquido	119$72

O pagamento dos juros será efectuado nas seguintes Instituições de Crédito:

Banco Totta & Açores
Caixa Geral de Depósitos
Banco Borges & Irmão
Banco do Brasil
Banco Espírito Santo e Comercial de Lisboa
Banco de Fomento Nacional
Banco Fonsecas & Burnay
Banco Nacional Ultramarino
Banco Pinto & Sotto Mayor
Banco Português do Atlântico
Crédito Predial Português
União de Bancos Portugueses
Bank of London and South America, Ltd.
Crédit Franco-Portugais
Montepio Geral

Lisboa, 28 de Janeiro de 1982

O CONSELHO DE GERÊNCIA

QUIMIGAL QUÍMICA DE PORTUGAL, E.P.
Av. Infante Santo, 2 — 1399 LISBOA CODEX

DESPORTO

"Enciclopédia Mundial de Futebol"

Jogo-rei saltita na história

De uma (feliz) assentada surgem-nos na banca de trabalho os tomos 3 a 11 da «Enciclopédia Mundial de Futebol», uma das mais acertadas realizações da prestigiosa Livraria Bertrand, incontestavelmente editorial votada totalmente ao presente e ao amanhã, no que toca ao interesse dos leitores portugueses.

Como houve ensejo de salientar nas etapas anteriores, a «Enciclopédia Mundial de Futebol» ganha (velozmente) um lugar indiscutível e de permanente primeira fila na nossa bibliografia desportiva, não apenas mercê do conteúdo e da sua excelente apresentação gráfica mas, igualmente, porque trata com alegria e precisão momentos deveras importantes do jogo-rei, do espectáculo favorito das multidões de todas as latitudes.

Nestes nove últimos tomos da «Enciclopédia», há textos que vão tornar-se primordiais em qualquer história do futebol: o nascimento das grandes «Taças» (envolvendo mundos díspares de interesses confusos mas fundamentalmente confluentes), recordação de jogos inesquecíveis, a projecção obtida pelos campeonatos mundiais e europeus, o papel de Jules Rimet na criação da «Taça do Mundo», o nascimento desse torneio (1930) no Uruguai, quando Enrique Fernandez (que seria no termo da década 50 o técnico do Sporting) comandava um meio campo que seria titular universal, lado a lado com Scarone, Andrade, Mascheroni e Cea, Iriarte e Dorado. Quando a empolgante final com a Argentina eriçou todo o sul-América e Stabile (o goleador argentino) melhor atirador do campeonato, teve de acompanhar os colegas na veneração ao poderio da «celeste».

Veio depois, 34: Itália, título para os alunos de Vittorio Pozzo e Mussolini impante no trono. Passou-se a França (38), «velavam-se as armas»: foi a época de Planicka e Meazza, de Leónidas e Sarósi, de quando o famoso Domingos da Guia se tornava o melhor defesa mundial.

E aparece 1950: lembram-se do tremendo balde de água fria despejado pelo golo de Ghiggia sobre 200 mil, num Maracanã já a festejar o sucesso? Todo um país ficava soterrado em sonhos, sepultado à sombra das cantadas proezas de Barbosa, Bauer, Danilo Zizinho, Jair, Ademir, de Chico e Friaça, tantos deles depois **atendidos** pelo mixto Benfica-Sporting-Belenenses, no nosso Jamor, e daí retirando com uma derrota que, não sendo mácula para o «team» que defendiam (Vasco da Gama) era incentivo enorme para a **saída** portuguesa até ao pulo além-fronteira.

Suíça, 1954: tempo de surpresa perante o êxito (adivinhado mas não atirado afoitamente como palpite) de Rahn e seus colegas da Alemanha Federal, quando os 11 golos de Kocsis e todo o brilhantismo colectivo do grupo da Hungria não conseguiu levar de vencida Morlock e seus pares. Foi o ano da revelação ímpar de Hidegkutti e Puskas, Czibor e Ocwirk (o austríaco que nunca teve **sombra tão negra** como Fernando Cabrita, aquela tarde, na Cruz Quebrada). Estava o calendário no tempo de Maspoli e Santamaria, Mendez e Schiaffino, Fritz Walter e Toth. Faltavam quatro anos para o **prodígio** Pelé surgir na Suécia, num mundial talhado à imagem dos europeus mas que, por graça e dom brasileiro, iria atapetar Vicente Feola até ao Rio de Janeiro, ao longo abraço do Brasil de Juscelino Kubitschek, que quase viajou nos astros, entre cachaça e samba, graças às proezas de Edson Arantes do Nascimento e da sua guarda.

Foi na Suécia, no topo europeu, que homens do velho continente ganharam carta de plena alforria: Yachine (a aranha negra), Fontaine e Kopa mais o caseiro Hamrin. Mas, para todo o sempre, entravam no bloco de ouro Bellini e Nilton Santos, Orlando e Didi, a perna bamba de Manuel Francisco dos Santos (Garrincha) e o remate, insidioso e maquiavélico, do negrito Edson, vindo lá de Baurú sob o nome de Pelé. Ficavam pelo caminho Piantoni e Vicenti, Silvio Parodi e Beara, Milutinovic e Sekularac, Simonsson e Liedholm. Como aconteceria também a Carvajal e Finney, Swoboda e Jonquet. Estavam **no páreo** Gilmar, Vavá e Zagalo: o galo cantava para o Brasil, o futebol maior falava português.

Adiante: estamos no Chile, corre 1962. Em dez grupos e um preliminar abrangendo mais quatro blocos, jogou-se pela viagem até Arica ou Santiago, Viña del Mar ou Rancagua. O Brasil continuaria dono do «caneco»: 3-1 à Checoslováquia enquanto o Chile (1-0 sobre a Jugoslávia) definitivamente afastava a Europa para lugar subalterno. Corria-se, de boca em boca, o nome das vedetas que eram título em corpo 78, **manchete** de todo o tamanho: Zito e (outra vez) Vavá, Garrincha e Gilmar entravam por nossas casas dentro, eram imitados até pelo pé descalço que sempre foi forja de campeões.

Saltavam também da peneira truculenta, que dia a dia devorava ambições, a popularidade e o renome de Voronine e Masopoust, Gento e Altafini, do português Neto (defendendo cores da URSS) e Garay (o espanhol que todos os meses vinha repousar a Portugal), parceiro de Carmelo que disputava com Araquistain a defesa da baliza de **nuestros hermanos. A Argentina tinha Nelson Rossi, a Hungria contava com Sarosi, a Inglaterra jogava em Moore, o Brasil (impossibilitado Pelé) atirava Amarildo.**

Zózimo e o formiguinha Zagalo foram os primeiros a descer no Aeroporto do Galeão segurando ao alto a «Jules Rimet»: o delírio tinha (novamente) tomado de assalto todo um país.

●

Saltemos sobre 1966 e o trajecto português até uma fama de que foi prontamente afastado: isso merece outro debruçar sobre quanto nos recorda a «Enciclopédia Mundial de Futebol», uma espécie de lâmina introduzida na memória, retalhando factos e acontecimentos que poucos tinham coragem de evocar com tão perfeita identificação de casos e nomes. À porte da época-Eusébio, pausa para meditação.

NEVES DE SOUSA

Pelé e os jornalistas Duda Guennes e Neves de Sousa: cadê compromisso feito na «Cornélia», negrinho?

Nilton Santos (ao lado de Quarentinha) duas dúzias de anos a menos no calendário, contava então para Neves de Sousa, da sua experiência no mundial-58

Manuel Francisco dos Santos: o perna-namba **que o mundo conheceu como Garrincha.**

«Ora conte lá, Zagalo»: e o «formiguinha» (em 58, longe de se tornar treinador e seleccionador) soltava a história da «epopeia» sueca.

Aconteceu na Minicopa, disputada no Brasil (Julho de 1972), quando a presidência do futebol português estava entregue ao dr. Martins Canaverde (na extrema direita) e o enviado especial do «DL» (Neves de Sousa, na ponta esquerda) tem a seu lado o famoso Domingos da Guia, o «Queixadas», porventura o defesa lateral mais famoso em largas décadas do futebol brasileiro e mundial.

assim vai o TOTOBOLA

PROGNÓSTICOS DOS ÓRGÃOS DE INFORMAÇÃO PARA O CONCURSO Nº 24 DE 31 DE JANEIRO DE 1982

Defesa de Espinho, 1X1 11X 211 X111; Eu Sei Tudo, 111 11X 2X1 2X1X; Folha do Domingo, 11X 11X X1X X111; O Jornal de Felgueiras, 11X 112 21X 21XX; Jornal de Santo Tirso, 1XX 112 211 11X1; Jornal Linhas de Elvas, 111 111 2x1 211x; O Algarve, 111 112 21X X111; Reconquista de Castelo Branco, 11X 112 2X2 211X; RDP /SECÇÃO DESPORTIVA, 1XX 11X 2XX 2111; A Voz das Beiras, 11X 112 X11 1111; A Voz do Domingo / Coluna Desportiva, 11X X1X 221 2111; Grafonola Ideal, X12 112 1X1 111X; A Voz do Domingo / Palpitações, 111 111 211 2111; Rádio Renascença / Secção Desportiva, 112 X12 1X1 1X11; Rádio Renascença / Música e Não Só, 11X 11X 2X1 X111; RDP /Ponto de Encontro, 1X1 211 2XX 211X; RDP / Pátio das Cantigas, 111 X12 X12 X122; A Comarca de Arganil, 1X1 112 2XX X111; Rádio Totobola, 111 112 X11 2111; Correio de Coimbra, 11X X12 21X X112; Correio do Vouga, 111 11X 2X1 2111;Diário de Coimbra, 11X 112 2X1 11X1; Ecos do Cacia, 11X 11X 2X2 2111; Litoral, 11X 111 221 X111; Maria da Fonte, 1XX 112 2XX 2X11; Notícias de Felgueiras, 1XX 11X 2X1 X11X; Notícias de Gouveia, 1XX 112 X11 1111; Notícias de Guimarães, 111 X12 221 X211; RDP / CENTRO – diário Desportivo, 11X 11X X1X X11X; Voz de Lamego, 111 112 21X 2112:; Jornal do Sul, 11X 11X 2XX 1111; Cardeal Saraiva, 11X 111 211 1X11; Diário de Lisboa, 111 11X X2X 2X11; Estrela da Manhã, 111 112 221 211X; Jornal da Beira, 11X 112 21X 2111; O Jornal da Lixa, 111 112 XX1 11X1; Notícias de Évora, 1XX 11X X1X 211X; Jornal «A Ordem», 11X 112 X12 X112; A Voz de Palmela, 1XX 112 2X1 1111; Alvo Desportivo, 1XX 11X XXX XXXX; O Comércio de Leixões, 1XX 112 2X2 21X1; Jornal de Gaia, 11X X1X 21X 211X; Jornal da Graça, 11X 11X XX1 X11X; Jornal de Notícias, XX1 112 1XX X111; Manchete Desportiva, 1XX 11X 2X1 2111; Penalty, 112 112 221 1111; O Primeiro de Janeiro, 112 112 X21 1111; Quadrante Norte, 11X 112 2XX 21X1; Rádio Alvo, 111 X1X XXX X222; Repórter do Dia, 11X 112 21X X111; Resenha Desportiva, 1XX 11X X11 21X2; A Voz dos Ridículos, 1XX 112 2XX X111; Jornal a Voz do Ave, 111 112 X11 1111.

RESULTADOS	1	X	2	BOLAS a) 1	X	2
1. PORTO - BELENENSES	51	2	0	11	1	1
2. RIO AVE - BRAGA	37	16	0	8	4	1
3. ESTORIL - SETÚBAL	18	31	4	4	7	1
4. AMORA - PENAFIEL	45	7	1	9	2	1
5. GUIMARÃES - ESPINHO	53	0	0	12	1	1
6. U. LEIRIA - BOAVISTA	5	19	29	1	4	7
7. PORTIMONENSE - BENFICA	3	16	34	1	4	7
8. AMARANTE - SANJOANENSE	21	25	7	5	6	1
9. VALDEVEZ - BRAGANÇA	27	21	5	6	5	1
10. PORTALEGRENSE - O. DO BAIRRO	13	18	22	3	4	5
11. BARREIRENSE - LUSITÂNIA	45	6	2	10	1	1
12. AMADORA - VASCO DA GAMA	43	8	2	9	2	1
13. NACIONAL - JUVENTUDE	34	13	6	7	4	1

a) - Nos termos do Artº 14º do Regulamento Geral dos Concursos, se houver necessidade de sortear o resultado dos jogos não realizados na data do concurso, as bolas entrarão na esfera do sorteio nas quantidades do presente mapa.-

A "CHAVE" LÓGICA SERÁ:
11X 112 2X1 2111

DESPORTO

Jogadores "indisciplinados" na base

Pedro Gomes deixa Belenenses

• *Nelo e Carlos Pereira no comando da equipa*

Pedro Gomes: a «última lição»

Como na nossa edição de ontem anunciáramos, a permanência de Pedro Gomes à frente da equipa do Belenenses decidia-se numa reunião a realizar na noite de ontem entre o técnico e elementos da direcção azul. O resultado da reunião viria a ser divulgado aos órgãos de Informação através de um comunicado de que damos conta:

O treinador das equipas principais de futebol, Pedro Gomes pediu a demissão do seu cargo. Analisando todo o processo que levou a tal atitude e lamentando tal situação a Comissão Directiva resolveu aceitar a referida demissão. Transitoriamente e enquanto não for resolvida definitivamente a escolha do novo treinador as equipas principais de futebol ficarão sobre a orientação conjunta do professor Nelo e do «capitão» da equipa de seniores Carlos Pereira.

Diga-se que a decisão de Pedro Gomes foi especialmente tomada na sequência do mau ambiente que vinha existindo, decorrente do facto de alguns dos titulares da equipa serem deixados no banco. A atitude de um desses jogadores, Baltasar, de se recusar a apertar a mão a Pedro Gomes teria mesmo feito transbordar a taça da paciência do técnico, que viu assim ser impossível continuar a trabalhar com a equipa. Refira-se que Pedro Gomes, quando inicialmente traçou este ambiente à direcção de Belém, chegou a pedir o afastamento de alguns jogadores.

Rei posto, rei morto e, apesar da saída de Pedro Gomes de Belém não ter a ver com as habituais chicotadas ditas psicológicas, uma vez que a iniciativa pertenceu ao próprio técnico, dois nomes são já adventados para suceder ao também ex-técnico do União leiriense. Referência directa ao «desempregado» Rodrigues Dias e a Joaquim Meirim.

Para Belém está marcada, entretanto, uma assembleia geral, de carácter extraordinário, tendo por ordem de trabalhos a **avaliação da gestão da Comissão Directiva** e a **resolução do problema directivo do clube.** A assembleia decorrerá a 5 do próximo mês, às 20 horas.

Justiça da FPF: Vitória de Guimarães «sem campo»

A justiça federativa fez recair castigos em diversos jogadores da 1.ª Divisão, nomeadamente, suspendendo por um jogo, Alhinho e Luís Horta do Belenenses, Eurico, do Sporting, Cerdeira, do Vitória sadino, Alberto do Amora e Coelho, do Portimonense.

Na onda de castigos, para além de um rol bastante extenso relativamente às segunda e terceira divisões nacionais, a salientar o processo disciplinar ao Vitória de Guimarães interditando preventivamente o seu campo por acontecimentos ocorridos num encontro de juniores.

Garrido e Oliva juntam-se a Dante

A acompanhar a nomeação de Alder Dante para arbitrar, como ontem anunciámos, o encontro de juniores entre as selecções de Espanha e Malta, novas nomeações de juízes portugueses se seguiram. Assim, Graça Oliva foi destacado para «julgar», a 10 de Fevereiro, em Paris, o França-RFA, em juniores, jogo do campeonato europeu e António Garrido apitará, a 17 de Março, o Eintracht de Francoforte - Tottenham, para os quartos-de-final da «Taça das Taças».

Folha marcoooou... UFA!

O Benfica confirmou-se como campeão distrital de reservas ao bater o Sporting por 3-1. Mas, atente-se na constituição das equipas onde alinharam alguns craques de primeiro plano, nomeadamente Filipovic, que assinou uma exibição de certo nível, como que a chamar as atenções de Baroti, talvez numa tentativa um bocado tardia em relação à sua entidade patronal para evitar o que se sugere como mais certo, ou seja, a sua transferência de emblema.

Benfica: Botelho (Jorge); Gabriel, Laranjeira, Carlos Manuel II e João António; Carlos Manuel I (Carlos Ferreira), Padinha e Paulo Campos; Reinaldo, Filipovic e Folha.

Sporting: Fidalgo; José Eduardo, Zezinho, Bastos e Feliciano; Meneses Lito e Esmoriz: N'Wokocha, Freire e Alberto.

Os golos do Benfica pertenceram a Folha (17m), a Reinaldo (25m) e Filipovic (57m). Pelos visitantes marcou o nigeriano N(Wokocha (61m).

Na classificação final sobressai o Benfica com um total de 28 pontos, seguido do Sporting (21), Belenenses (19), Amadora (18), Estoril (17) e Sacavenense (17).

Estoril-Praia: «A guerra dos primos»

O empresário Jorge Figueiredo que anunciou o propósito de se candidatar a presidente do Estoril-Praia disse que será **«o presidente de todos os estorilistas, se a massa associativa assim o entender».**

Jorge Figueiredo, empresário considerado da área da AD e que apoiou o general Ramalho Eanes nas últimas eleições presidenciais, manifestou-se contra o modo como o Estoril-Praia tem sido administrado pelo seu primo José Benito Garcia.

Fonte estorilista disse que a **«guerra dos primos»** como é designada na zona do Estoril a luta entre Benito Garcia e Jorge Figueiredo, poderá ajudar o clube a sair do impasse em que se encontra e anular o défice que ronda os 20 milhões de escudos.

«Não quero o poder, até admito ficar no clube com o meu primo, mas o que pretendo é ajudar o Estoril-Praia a sair do estado em que se encontra. Julgo que comigo a administrar o clube, ele poderá dar um salto em frente», referiu Jorge Figueiredo.

No entanto, Figueiredo diz poder apresentar uma candidatura, se os actuais corpos gerentes lhe derem tempo para preparar uma equipa coesa, formada, entre outros, por elementos ligados ao turismo da zona que poderá ser factor decisivo no relançamento do clube.

Ainda não está marcada a assembleia geral que decidirá quando serão as eleições, mas de acordo com elementos ligados ao clube tal reunião deverá ocorrer em meados de Fevereiro.

Jorge Figueiredo criticou a actuação do conselho geral do Estoril-Praia (órgão que reune antigos dirigentes do clube e aconselha a direcção em determinados assuntos) referindo que o juiz Rui Mira, depois de ter admitido em Outubro a hipotese-Figueiredo para a presidência do clube, achou conveniente, dois meses depois, que os primos chegassem a acordo.

«O juiz Rui Mira concordou que eu presidisse a uma comissão administrativa, órgão que iria dirigir toda a actividade administrativa do clube e que o meu primo continuasse como presidente da direcção», disse Figueiredo.

«Nesse sentido desenvolvi uma série de contactos, consegui o apoio, no decorrer de um jantar em que o juiz Rui Mira esteve presente, de Cristiano de Freitas, director-geral do Turismo e Licínio Cunha, presidente da junta de Turismo da Costa do Sol, mas o meu primo fez gorar esses contactos».

Contactado Rui Mira afirmou que o conselho geral vai apoiar a recandidatura de Benito Garcia e sublinhou que «Jorge Figueiredo manteve até há pouco tempo a candidatura, mas depois não se mostrou disposto a candidatar este ano».

«Mas Jorge Figueiredo não iria para um conselho administrativo mas para uma comissão de angariação de apoios para o clube», acrescentou Mira.

Figueiredo desmentiu a versão de Rui Mira e uma fonte estorilista confirmou a posição do empresário ao mesmo tempo que acrescentou **«ser muito difícil incluir os primos no mesmo elenco dada a incompatibilidade existente entre eles».**

«A massa associativa está dividida, aquela que acompanha de perto a vida do clube apoia Benito Garcia, o homem que tem suportado o Estoril, enquanto aquele sector que vai ao domingo à bola opta por Jorge Figueiredo, um empresário de reconhecidos méritos», frisou o mesmo informador.

A «reserva de luxo» que bateu o Sporting

Filipovic (adversários para trás) deu brilharete

Amadeu José de Freitas

O corpo do jornalista Amadeu José de Freitas, que faleceu ontem no Hospital de S. José, vítima de «intoxicação medicamentosa», sairá hoje daquele estabelecimento hospitalar, após autópsia, para a Igreja dos Anjos.

O funeral realiza-se amanhã, às 10 horas, para o cemitério do Alto de S. João.

Corta-mato europeu

Sporting sem Mamede mas com Lopes

A ausência de uma condição física a cem por cento arredará o atleta Fernando Mamede da equipa de atletismo do Sporting que no próximo sábado, em Clusone, Itália, participará na 19.ª edição da Taça dos Clubes Campeões Europeus de Corta-Mato.

Hoje, à partida de avião para Milão, seguirão os seguintes atletas: Carlos Lopes, José Sena, Rafael Marques, Joaquim Pinheiro e Bernardo Manuel. Acompanham-nos o técnico da equipa, professor Moniz Pereira.

Inquéritos para Capítulo

A utilização do «doping» por Carlos Capitulo, que viria a desistir da sua participação no Cross das Amendoeiras em Flor, vai ser objecto de um inquérito da Federação Portuguesa de Atletismo. Idêntico procedimento será também seguido pelo Benfica, como se sabe, clube a que pertence o atleta.

Nacional de basquetebol

Quarteto de finalistas à vista

Parece não haver voltas a dar, não obstante alguma aproximação pontual, ao quarteto de finalistas (na terceira fase) do capeonato nacional da I divisão de basquetebol. As equipas que triunfaram ontem – FC Porto, Benfica, Sporting e Barreisense serão as quatro «magníficas» que no decurso do mês de Março, em dois fins-de-semana, disputarão no Pavilhão das Antas (em seis jornadas) a «poule» decisiva da prova. Como já tivemos oportunidade de esclarecer os leitores menos integrados no regulamento da prova deste ano, a fase final disputa-se no recinto do vencedor do conjunto das duas primeiras fases que, tudo se conjuga para isso, venha a ser o FC Porto. A vantagem dos portistas é de três pontos em relação aos competidores mais próximos e não vemos hipóteses de a actual classificação ser virada do avesso até porque o FC Porto disputará em casa a esmagadora maioria dos jogos da segunda volta desta fase.

O Ginásio, perdendo ontem com o Benfica em casa e o Atlético, batido pelo Sporting «condenaram-se» em termos de aspirações a um dos primeiros quatro lugares. Isto porque, para além de portistas, benfiquistas e leoninos também o Barreirense venceu, como era de esperar, o Queluz e são exactamente as equipas (a despeito, como já se disse, de alguma proximidade pontual) a desfrutar de maior parcela de probabilidades de comparacerem nas Antas na «poule» decisiva da prova.

As dificuldades, apenas aparentes, do FC Porto, ontem, perante o Sangalhos, que continua sem vencer, estavam «previstas» nos cálculos do reputado técnico Jorge Araújo. Para quê «puxar» após um fim-de-semana desgastante ao que sucederá outro fim-de-semana igualmente «quente» na Figueira e na Luz? O Benfica, sim, esforçou-se até ao limite das forças para vencer, enquanto o Barreirense e o Sporting não foram coagidos a esforços de maior para triunfarem com toda a clareza.

Resultados: FC Porto - Sangalhos, 79-75; Ginásio - Benfica, 81-85; Sporting - Atlético, 105-76 e Barreirense - Queluz, 92-68. Pontuação após a 5.ª jornada da segunda fase (mas no conjunto da 1.ª e 2.ª fases): 1.º FC Porto, 25 jogos e 46 pontos; 2.º Benfica, 25-43; 3.º Sporting, 25-42; 4.º Ginásio, 25-41; 5.º Barreirense, 25-40; 6.º Atlético, 25-39; 7.º Queluz, 25-35 e 8.º Sangalhos, 25-33.

A. Abel

Moniz Pereira responsável pela alta competição

A notícia tem origem num jornal desportivo hoje dado à estampa e refere-se à constituição da Comissão de Apoio ao Desporto de Alta Competição.

Ficámos assim a saber que foi encarregado de assumir a sua presidência, em representação da Direcção-Geral dos Desportos, o prof. Moniz Pereira. Os restantes membros são: Boa de Jesus, Orlando Azinhais, José Esteves, Vieira da Bernarda, Leonel Carvalho, Castelo Branco, Costa Matos, Maroos Barroca e Celorico Moreira, este útlimo representando o Comité Olímpico Português.

"Da Alemanha" a branco e preto

Estreia de Kagel em Berlim-Ocidental

Mignon (David Knutson): «Só Quem a Saudade Conhece Sabe Quanto Sofro» (Goethe, «Lied der Mignon»)

A trajectória criadora de Maurício Kagel, assinalada por uma constante **remise-en-question** do complexo de processos de produção e recepção que constituem a «tradição» musical, encontra um dos seus pontos culminantes na **Lieder-Oper** (ópera de canções») intitulada **Aus Deutschland** («Da Alemanha»), estreada no ano passado na Ópera de Berlim-Ocidental e cujo regresso está previsto para a temporada em curso.

Em que medida é que Kagel se repõe a si próprio em questão, quanto tomamos como ponto de referência outra das suas monumentais partituras para o teatro terminada há mais de dez anos – **Staatstheater,** isto é, «Teatro Nacional» ou «Teatro do Estado» (1970) – eis um ponto que mereceria ser abordado a propósito de «Aus Deutschland». Aparentemente, «a irredutibilidade ao espectáculo tradicional», «o espectáculo total que articula em prática social a própria rejeição do espectáculo tradicional», «o trabalho real concreto pela transformação da realidade social», «a prática envolvente que se renova até ao infinito através da destruição da grande ópera» – assim caracteriza Ivanka Stoianova **Staatstheater** (1) – tudo isso se transforma em reconciliação com o palco de ópera, a sua plateia e o seu fosso de orquestra tradicionais. Os fragmentos que vi e ouvi de **Staatstheater** num dos festivais de Royan (1972 ou 73) organizavam a relação homem-instrumento numa sequência de acontecimentos teatrais que tinham a ver com a própria essência da execução musical e com a sua decomposição em gestos sonoros que o compositor desenvolvia fantasiava ou encadeava segundo uma lógica, por vezes de implacável ironia, onde a representação de impulsos elementares da libido era por assim dizer o motivo condutor. Não era um espectáculo recuperável por qualquer ópera de Estado. Era, de facto, a «antióperа».

Maurício Kagel propõe agora um espectáculo não apenas suportável mas até sedutor, do ponto de vista de qualquer grande teatro de ópera – a começar pelos alemães, evidentemente –, e essa sua atitude de anexação da ópera, e a bem dizer da «grande ópera» (dada a complexidade dos meios vocais-instrumentais-cénicos utilizados), é confessada desde logo no subtítulo: **Lieder-Oper.**

A cartomante (Dorothea Weiss): «Que tenho a esperar, Qual Será o Meu Fim?» (Adalbert von Chamise, «Die Kartenlegerin»)

Música que lembra Schubert

Aqui começa a consciência dialéctica dos problemas que faz de Kagel não um compositor «recuperado» pelos mecanismos tradicionais mas um compositor que está em condições de recuperar esses mecanismos na medida em que podem ser postos ao serviço dos seus próprios desígnios. Kagel concebe uma «grande ópera» com base na «ópera-miniatura», que é o **Lied.** Já Liszt chamava às canções de Schubert «óperas-miniatura» – lembra o compositor – e «basta explicitar-lhes a dramaturgia para demonstrar a sua eficácia cénica».

Uma ópera baseada em **Lieder,** intitulada **Aus Deutschland,** inculca de imediato uma terceira relação, com um determinado tempo histórico: o século XIX. De facto, o «assunto» é o romantismo alemão, os seus símbolos, os seus mitos, a sua concepção do mundo, vistos do ponto de vista crítico de um artista do nosso tempo. Não se trata de «rejeitar» o romantismo mas de procurar uma reaproximação, tão penetrante quanto rigorosos são os instrumentos de «distanciação» musicais-cénicos utilizados.

O libreto da ópera, dedicada a Heinrich Heine, é inteiramente constituído por fragmentos de poemas musicados por compositores alemães oitocentistas e muito especialmente Schubert. O importante na elaboração do texto, «precisamente por obedecer à técnica da **collage,** era que não funcionasse como um **pot-pourri** de diferentes poemas, mas antes produzisse a impressão de ter saído todo da mesma mão». Em contraste com esta montagem do libreto não há praticamente citações musicais: a linguagem musical, de estrutura rapsódica, é de uma grande homogeneidade e coerência do princípio ao fim da obra, e tem razão o compositor quando afirma que ela «soa como Kagel mas faz lembrar Schubert».

A Natureza, a Noite, a Morte, figuras familiares como os dois granadeiros, «Margarida a fiar» ou o próprio Goethe, Schubert, este mais presente do que tudo o mais também sobre o palco cénico – **Schubert-ele-mesmo,** no círculo dos seus **Davidsbundler,** símbolo da dialéctica entre **privacidade** da recepção musical e **visão do mundo** no romantismo – desfilam numa sequência de imagens onde a cada passo a nostalgia de um mundo e de uma época perdidas é marcada pela ironia.

Entre Europa e América

Cada um destes símbolos, destas personagens, destes conceitos, se baseia numa dramaturgia extremamente precisa, a partir da análise da sua posição na constelação do ideário romântico. Também aqui a perspectiva dialéctica domina: natureza real e reinventada, morte «figura familiar do medo» e «morte redentora», eterna juventude do sujeito romântico contraposta ao envelhecimento gradual das personagens que percorrem a peça...

A ironia inerente a Kagel exprime-se, por vezes, ao nível das explicações com que pretende ilustrar ideias ou conceitos com que trabalhou durante a composição da obra: «A noite do romantismo corresponde mais ou menos à Rádio: não se vê nada. (A Televisão seria, pelo contrário, comparável ao dia). Como com a noite acaba o mundo do visível e pode começar a percepção do cosmos e da sua infinidade, torna-se possível um estado de transcendência.»

Eixo central da obra é a contraposição entre alemão e inglês (isto é, versos alemães que Kagel traduziu para inglês): Kagel propõe a tese de que, cantados em inglês, fragmentos de **Lieder** alemães assumem o espírito dos **blues.** Ao mesmo tempo, a linguagem musical transforma-se em imitação da música negro-americana. Alemão e inglês são assim pólos de constantes processos de transição entre **branco** e **negro,** entre **Europa** e **América,** entre o esforço por tornar público o que é privado (Europa) e o aniquilamento do individual (América), aspectos diferentes mas convergentes de uma situação de opressão social. (Restauração de Metternich, escravatura). Esta a filosofia que o próprio Kagel (como se sabe, de origem argentina) desenvolve num texto de apresentação da obra.

O «fosso do piano»

Na componente instrumental, o piano é o ponto de partida. Motivou Kagel nesta opção a sua praxis nos teatros argentinos: a experiência dos ensaios gerais só com piano, antes da junção da orquestra. Para além de uma atmosfera muito particular (que dava mais prazer aos executantes e que, devido também à simplificação de processos cénicos, oscilava por vezes entre «o cómico e o surrealismo»), o piano criava **toda a necessária eficácia teatral.** A orquestra satisfaria tão só sobretudo uma necessidade de **composição.**

Do «caminho de Kagel para o piano» se ocupa Aloys Kontarsky (um intérprete-chave desta obra no fosso da orquestra) em artigo inserido no programa. Mas o próprio compositor se encarrega de precisar os planos em que o utilizou: as maiores exigências no sentido sinfónico do romantismo, efeitos tímbricos diferenciados, imitação de outros instrumentos, forma de acompanhamento, cadências, estudos, peças de carácter, tudo isto permitindo a exploração de uma série de possibilidades «que só o piano e outros instrumentos de tecla utilizados podem realizar». Acrescente-se a participação de mais dois pianos verticais há muito em desuso (e não previamente reparados para não estragar a **patine** característica) gravada em banda magnética e de outros pianos, nos bastidores, que funcionam como «um segundo, terceiro ego, dos instrumentos na sala – como eco anónimo» – interlocutores de «um diálogo com o invisível». É claro que um papel tão preponderante do piano está relacionado com a tradição do **Lied.**

Daí também a ideia de transformar o fosso da orquestra em «fosso do piano».

Eis os instrumentos de tecla instalados no fosso: piano de cauda, piano (de cauda ou vertical) desafinado, órgão eléctrico (com gerador rítmico), harmonium (bastante desafinado), celesta. Nos bastidores: piano de cauda, piano desafinado, harmonium ou órgão eléctrico, órgão, corninglês, requinta, clarinete, saxofone alto, quatro trompas, trompete, trombone, tuba, violino, viola, dois violoncelos, dois contrabaixos.

A percussão reparte-se pelo fosso e pelos bastidores. Alguns dos instrumentos e instrumentistas são chamados a representar, enquanto tais, em certas cenas (na cena dos granadeiros, por exemplo, como banda militar).

A solução cenográfica para a obra foi encontrada por Martin Rupprecht em Roma, na oficina do célebre Paraviccini: velhos **décors** de papel pintado restituídos em tela (conservando a «patine» de origem). Caspar David Friedrich, Carl Blechen e «Shubert no céu» de Otto Bohler

Continua na pág 19

primaz

Rossio, 115
Av. Roma, 17-A
R. Almeida e Sousa, 20-A

R. Frederico Arouca, 45 — Cascais
Av. 25 Abril, 48 — Almada

SALDA

ACEITAMOS CARTÕES SOTTO MAYOR E UNIBANCO

TRIBUNAL DE FAMÍLIA DE LISBOA

2.º JUÍZO

ANÚNCIO

Pelo 2.º Juízo do Tribunal de Família da comarca de Lisboa, na acção especial de Divórcio pendente na 2.ª secção movida pelo autor Adriano Baptista Mendes, residente na Rua dos Lusíadas-Lote 10-1.º-Esq.º-Baixa da Banheira, Moita contra a ré Maria Rosa Nunes de Almeida, ausente em parte incerta e com a última morada conhecida na Rua de Cabo Verde-132-R/C-Lisboa, é esta ré citada para contestar aquela acção no prazo de VINTE DIAS que começa a correr depois de finda a dilação de TRINTA DIAS contada da data da segunda e última publicação deste anúncio. O autor pede que seja decretado o divórcio entre ambos, baseando o seu pedido na alínea a) do artigo 1781 do Código Civil.

Lisboa, 16 de Dezembro de 1981

O Juiz de Direito
(Francisco Maria D'Orey de Oliveira Pires)

O Escrivão Adjunto
(Joaquim Rosa Fernandes Figueiredo)

TRIBUNAL JUDICIAL DA COMARCA DE TORRES VEDRAS

ANÚNCIO

No dia 11 do próximo mês de Fevereiro, pelas 11 horas, no Tribunal Judicial de Torres Vedras – 2.ª Secção nos autos de carta Precatória vinda do 10.º Juízo Cível de Lisboa e extraída dos autos de Execução Sumária que Comp.ª Seguros Império, E.P. move contra o executado Vítor Miguel, casado, residente em Santa Cruz, há-de ser posta em praça pela 1.ª vez, para se arrematar ao maior lanço oferecido acima do valor indicado nos aludidos autos uma mobília de quarto completa referência 2.017, a qual foi avaliada em 30.000$00, para garantia e pagamento da quantia exequenda de 22.153$00 mais custas acrescidas.

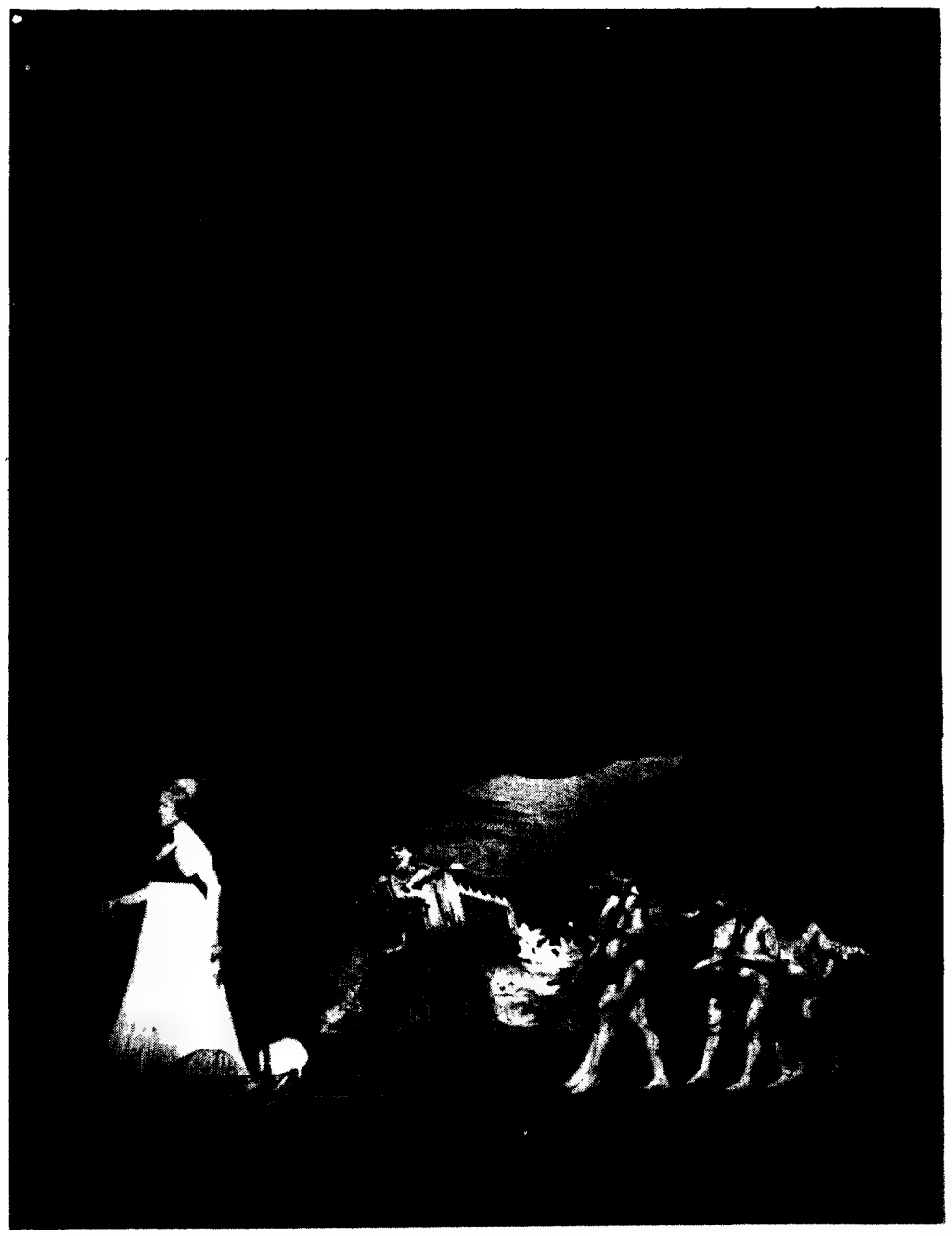
Torres Vedras, 8 de Janeiro de 1982

O Juiz de Direito

HENRIQUE MANUEL DA CRUZ SERRA BATISTA

O Escrivão adjunto

MARIA DA PIEDADE SANTOS SILVA



O tocador de realejo (Barry Mc Daniel) e a Música (Gerti Zeumer): «só agora reparo como estou cansado» (Wilhelm Mülher, «A Viagem de Inverno»)

"Da Alemanha" a branco e preto

Continuação da pág. 18

completaram a contribuição cenográfica.

Além das colaborações já citadas mencione-se ainda Maurício Kagel como encenador e Michael Gielen, director musical. O numeroso elenco era o da Ópera Alemã de Berlim-Ocidental. Elementos do coro e da orquestra do mesmo teatro.

Burguesia entediada

Fui dos que aplaudiram com entusiasmo a obra de Kagel no espectáculo da estreia, abandonado no final da primeira parte por mais de metade da grande burguesia que esgotava a lotação da sala. Voltei à segunda representação e fiquei ainda mais fascinado.

As notas que aqui deixo registadas são sobretudo uma informação. Limitadas disponibilidades de tempo impuseram-me que abdicasse do testemunho mais pessoal e vivido que desejaria dar e que, por isso mesmo, me levou a adiar alguns meses a divulgação desta notícia

Mas no dealbar de 82 não podia deixar de lembrar este acontecimento de 81, que fará data na história do teatro musical.

Berlim, Janeiro de 1981

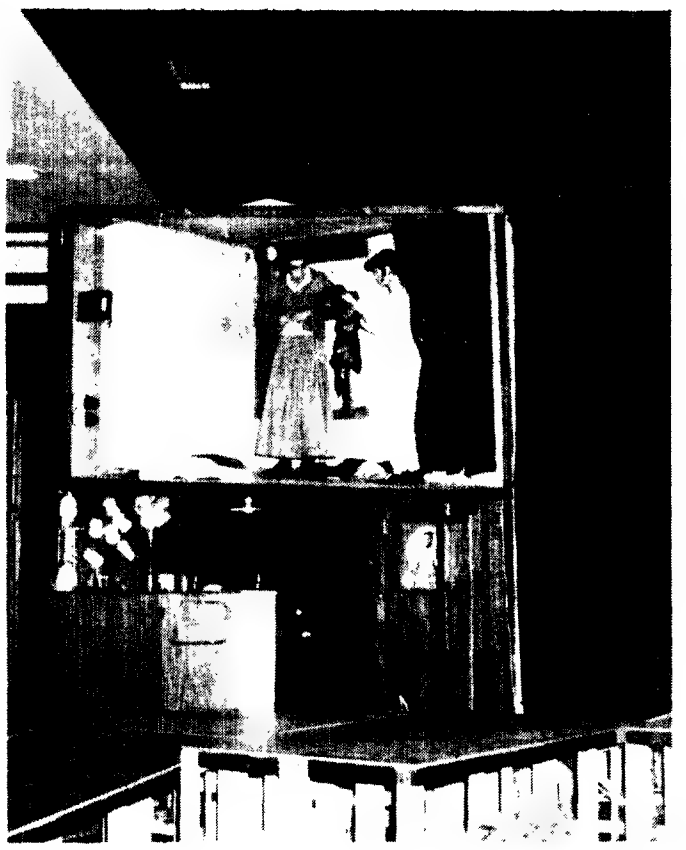
Mário Vieira de Carvalho

(1) Ivanca Stoinova, «Geste-texte-musique», Paris, 1978, p. 214

crítica de teatro

Caras ou coroas?

«CARAS OU COROAS». Texto: Cândido Ferreira. Dramaturgia: «O Bando». Encenação: João Brites. Cenografia: Brigitte Platière e Zé Carretas. Interpretação: Cândido Ferreira, José Caldas, Horácio Manuel, José Pedro, Isabel Roxo, Maruga e Wanda Barros. Grupo «O Bando». Teatro do Bairro Alto. 12-1981.



Uma cena de «Caras ou Coroas», espectáculo recentemente apresentado pelo «Bando» no Teatro do Bairro Alto

Há lugares-comuns em que convém insistir. Este, por exemplo: espectáculos falhados podem ser bem mais estimulantes do que outros porventura correctos.

«Caras ou Coroas» é disso exemplo. Ao fim e ao cabo, talvez porque é um espectáculo contra o lugar-comum. Será para crianças? Pergunta um tanto académica, já que nem para adultos será fácil, embora jovens, bastante jovens, parecessem interessados nele.

Não sei se se trata de uma ideia original, sei que se trata de um desarrincanço, se o populismo passa. Não basta dizer, para o demonstrar, que o espectáculo decorre simultaneamente em dois espaços e em dois tempos. De um lado, uma determinada cena onde decorrem determinadas acções, que se vêem uma e outras na primeira parte do espectáculo (ou na segunda, depende do número do bilhete); do outro lado, há outra cena, outras personagens (embora haja uma mescla entre umas e outras).

As histórias completam-se pois os espectadores passam na segunda parte para o outro espaço, mas o mais intrigante, o mais audacioso, é que as histórias têm prolongamentos diversos, o que significa que vendo o espectador todo o espectáculo não consegue ver todas as cenas (embora as ouça, em parte, já que são contínuas), o que ajuda a enriquecer um espectáculo já suficientemente original.

As duas histórias põem em contraste situações geográficas, sociológicas, humanas (a cidade e o campo; o actor; o empresário; o taberneiro; a barrista, etc.), o que é dado através da simultaneidade das cenas; do uso de máscaras que substituem personagens – há actores que transportam várias máscaras que representam outras tantas personagens; da funcionalidade de um espaço extremamente bem arquitectado e aproveitado. Não faltam no espectáculo elementos que justificam algum entusiasmo já que constituiu, a meu ver, uma das surpresas do teatro português de 1981.

O espectáculo falha, parece-me, na ambição do seu projecto que só dificilmente poderia ser concretizado com aquela força verosímil, aquela clareza e intensidade que se pediriam; falha também por parte de um texto insuficientemente elaborado sob o ponto de vista dramatúrgico e literário: falha ainda no conflito proposto de campo-cidade, pois trata-se de um problema demasiado complexo para ser reduzido a um esquema simplista, como dificilmente poderia deixar de acontecer num espectáculo deste tipo.

Os intérpretes reflectem naturalmente as dificuldades de uma função como esta, mas essas dificuldades são saudáveis como se pode verificar no nível aceitável atingido, incluindo o caso de José Caldas que se integrou à última hora no grupo, e a quem coube um dos principais papéis.

Voltemos ao princípio: há espectáculos falhados que são apaixonantes. Salvo erro, este é um deles. Compete ao leitor fazer o seu juízo.

VISITE AS TRASEIRAS DO MUNDO

numa farsa musical pelas MARIONETAS DE S. LOURENÇO

SOCIEDADE PORTUGUESA DE AUTORES

ULTIMA serie de espectaculos 6.ªs as 18.30; Sabados as 21,45 Domingos às 18.30 Ate 14 Fevereiro Dia 6 nao ha espectaculo Sub SEC

Rua Ten. Raul Cascais, 1-A LISBOA teatro do bairro alto

Memórias de uma Mulher Fatal

de AUGUSTO SOBRAL

com ROGÉRIO VIEIRA

6.ªs e sábados às 21.30 domingos às 18 horas Sub. SEC.

BARDOT DENEUVE FONDA...

... ROGER VADIM apresentou-as ao Mundo. Agora descobriu uma nova estrela, Cindy Pickett, num filme americano que é elegante, erótico e livre.

ROGER VADIM em FANTASIAS NOCTURNAS ("Night Games")

N/ACONS. MEN. 18 A.

CINDY PICKETT numa real de ROGER VADIM · RIVUS

HOJE 21.30 ESTREIA XENON e SATÉLITE

NÃO BASTA CHEGARES PRIMEIRO, ...TENS DE CHEGAR VIVO !

GUERREIROS DE AÇO

Um filme de S. Masset

HOJE ÀS 21,30 ESTREIA NO ROXY

NÃO FUME EM RECINTOS FECHADOS

2.º MÊS

A EXCEPÇÃO E A REGRA

de BERTOLT BRECHT

encenação
PETER SCHROTH e
PETER KLEINERT

GRUPO DE CAMPOLIDE

SEXTAS E SÁBADOS ÀS 21.45 h.

DOMINGOS ÀS 16 h. E 21.45 h.

C.M.A./Gulbenkian
Sub. SEC

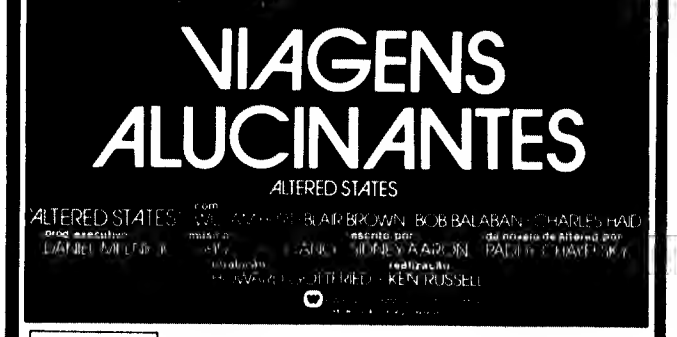
Um dos melhores espectáculos do ano.

A MAIS TERRÍVEL EXPERIÊNCIA DA HISTÓRIA DA CIENCIA

Um jovem cientista, candidato ao Prémio Nobel leva a efeito uma das mais perigosas experiências em que a cobaia é ele próprio

VIAGENS ALUCINANTES

ALTERED STATES



QUARTETO 3.ª SEMANA DE ÊXITO

INTERDITO A MENORES DE 18 ANOS

CENTRO BERNARDO SANTARENO

APRESENTA

DE 3.ª A SÁB. ÀS 21,30
SÁB. DOM. ÀS 16 HORAS

TEATRO ABERTO

PRAÇA DE ESPANHA
(Metro da Palhavã)
TELE. 770969

«CASAMENTO BRANCO»

De: TADEUZ ROSEWICZ. Enc.: FERNANDA LAPA. Real.: Plástica: MÁRIO ALBERTO. Música: CARLOS ZÍNGARO

PRÉMIO DA CRÍTICA 1981
S. JOSÉ LAPA — INTERPRETAÇÃO
C. ZINGARO — MÚSICA
PRÉMIO NOVA GENTE 81
S. JOSÉ LAPA — REVELAÇÃO-COMÉDIA
ÚLTIMAS REPRESENTAÇÕES SÓ ATÉ 31

Elenco por ordem de entrada em cena:
EUGÉNIA BETTENCOURT, SÃO JOSÉ LAPA, BAPTISTA FERNANDES, ISABEL DE CASTRO, LINA MORGADO, FERNANDO NASCIMENTO, RUY FURTADO, MÁRIO SARGEDAS, GLICÍNIA QUARTIM, PAULO MATOS, MARIA JOSÉ PASCOAL, NUNO FRANCO

PAPÉIS DE PAREDE

A MELHOR MANEIRA DE DECORAR O SEU AMBIENTE, NUMA COMBINAÇÃO DE COR E DESIGN VARIADOS. COM PREÇOS ACESSÍVEIS A QUALQUER BOLSA

BARROS & BARROS, LDA.

R. JOSÉ DURO, 22-B (Alvalade) 1700 LISBOA - T. 892057

---

um filme de
WALERIAN BOROWCZYK
o realizador de "CONTOS IMORAIS"

Margarida, Marcelina e Maria
três mulheres e o amor

AS HEROÍNAS DO MAL

LES HEROINES DU MAL

MARINA PIERRO GAËLLE LEGRAND
PASCALE CHRISTOPHE

estudio 444

2.ª SEMANA

EASTMANCOLOR INTERDITO A MENORES DE 18 ANOS sacil

26.ª SEMANA quarteto

um "best-seller" de Jeanne Cordelier
baseado na sua própria experiência

MIOU-MIOU
MARIA SCHNEIDER

corpo e prazer,
entrega e ilusão,
sorrisos sem vida.

um filme de
DANIEL DUVAL
la dérobade

CRÓNICA DA MAIS VELHA PROFISSÃO DO MUNDO

INTERDITO A MENORES DE 18 ANOS

sacil

A MAIS "CHANFRADA" COMÉDIA DE 1982!

Se achou graça a BILL MURRAY em "O Clube dos Malandrecos," vai delirar com ele neste filme

-Um sério optimista que se deprime quando o mundo não responde às suas ilusões.

O PELOTÃO "CHANFRADO"

UM FILME DE IVAN REITMAN

BILL MURRAY em STRIPES

★ HAROLD RAMIS ★ WARREN OATES ★ P.J. SOLES ★ JOHN CANDY ★

música de ELMER BERNSTEIN director de fotografia BILL BUTLER (A.S.C.)
argumento de LEN BLUM & DAN GOLDBERG e HAROLD RAMIS
produção de IVAN REITMAN e DAN GOLDBERG realização de IVAN REITMAN

© 1981 Columbia Pictures Industries Inc

Columbia Pictures

IMPÉRIO HOJE ÀS 21.30 H. ESTREIA TERMINAL

NÃO RECOMENDÁVEL A MENORES DE 13 ANOS

TRIBUNAL DO TRABALHO DO BARREIRO

(1.ª PUBLICAÇÃO)

ANÚNCIO

FAZ SABER que pela 2.ª Secção do Tribunal do Trabalho do Barreiro, correm seus termos uns autos de Contrato Individual de trabalho, com processo sumário, registados sob o numero 592-/78, em que e autor: RAUL DA SILVA PEDRAS CAMPANHA, residente na Rua Quinta dos Arcos, 8.º -1.º Esq. na Quinta da Lomba — Barreiro e réu SOMOSA — SOCIEDADE DE MOSAICOS E CONSTRUÇOES METÁLICAS, SARL., com última sede conhecida na Quinta dos Moinhos em Palhais - Barreiro e neles correm EDITOS DE TRINTA DIAS, citando a R. acima identificado para, no prazo de OITO findo o dos éditos, contando-se estes a partir da segunda e última publicação deste anúncio, contestar a referida acção, sob pena de, não o fazendo serem imediatamente condenados no pedido.

O pedido do AUTOR é do montante de 40.480$00 refere-se a férias e Subsídio de Férias e de Natal e salários.

O duplicado da petição encontra-se à disposição da citanda na secção acima indicada.

Para constar se lavrou o presente e outros de igual teor que serão afixados nos lugares que a lei determina.

Barreiro, 6 de Janeiro de 1982

O Juiz de Direito
Dr. ANTÓNIO GONÇALVES ROCHA

O Escrivão Adjunto
LUIS URBANO DA SILVA FURTADO

EVA

Cabeleireiro Eva

Praça Marquês de Pombal, 1 — Lisboa

AS SUAS SECÇÕES DE:

mise • brushing • corte • manicure • pedicure • depilações

FUNCIONAM DAS

8.30 h. às 20.30 h.

canal da crítica

MÁRIO CASTRIM

...Até já nem usa camisas castanhas...

Estava eu muito bem sentado na minha cadeira de entrevadinho sem remédio, quando uma voz amiga me telefona. Digo-lhe que me desculpe, que estou a trabalhar. E ela:

– Tens razão, olha a minha cabeça! Claro que estás a ver o «Diário de Governo Ilustrado»...

Estava, de facto, a ver o **Telejornal**. A miséria de todos os dias. Balsemão, Gonçalves Pereira, João Salgueiro e assim por diante. Sem esquecer, e-vi-den-te-men-te o «boss» deles, Reagan.

Reagan em grande reportagem, no seu discurso anual sobre o estado a que chegaram os americanos. Que os americanos o oiçam ou não, é lá com eles. Mas nós, a nós, em nome de quê nos querem impingir o discurso de um estrangeiro, para mais um estrangeiro chamado Reagan?

O **Telejornal**, sucursal do poder americano, quer-nos obrigar a participar da esperança reaganista de fazer sair os Estados Unidos da depressão económica, no decorrer deste ano – coisa em que ninguém acredita. Quer fazer-nos alinhar nas ameaças contra a União Soviética – ameaças que, bem vistas as coisas, são evidentes sinais de nervosismo. Quer-nos fazer acreditar no terrorismo (!) exportado de Cuba, insinuação de retaliações à beira do abismo, espada de fogo que pende sobre o heróico povo de Cuba...

«Diário do Governo Ilustrado», sim. Mas resta agora saber de que governo, afinal de contas...

Sabe-se que a mão da CIA (leia-se, à boa maneira da RTP **CI Ai Ei**, como sucedeu ainda antes de ontem) se encontra na alavanca do terrorismo internacional. Sabe-se que os Estados Unidos apoiam todas as formas e todas as forças que alimentam a guerra-fria. Reparem nos movimentos fascistas que obtiveram êxito, nos últimos tempos: não é preciso arranhar muito para encontrar o nervo ciático.

Infelizmente, algumas pessoas cândidas pensam (e há até quem o diga...) que não existem condições na Europa para a instauração de regimes totalitários. Essas teriam lucrado com o filme exibido ontem: «O Memorando Quiller». Oxalá não o perdessem.

O romance donde extraíram o filme foi publicado em Portugal com o título «Memorando de Berlim», título que tem, aliás, no original inglês. Corria o ano de 1966 e apenas o aspecto inocente de romance policial e de aventuras possibilitou a sua divulgação. «Memorando de Berlim» continha, inclusivamente, normas de segurança e de defesa contra a repressão policial, de muita utilidade a quem encetasse, na prática, a luta política.

Conta-nos o romance de Adam Hall como se conseguiu desmembrar uma organização nazi com rede em Berlim Ocidental, **Fenix**, de seu nome, referência ao nazismo que, como a Fénix lendária, também haveria de renascer das cinzas. O empreendimento é levado a cabo por uma organização inglesa que tinha como objectivo descobrir o paradeiro de muitos criminosos de guerra cujo rasto se perdera depois de 1945. O desenvolvimento da acção permite-nos ajuizar da infiltração neo-nazi no próprio aparelho de Estado e do Exército, cerca de vinte anos depois da guerra. Estas informações em Portugal, no ano de 1966, só mesmo num romance policial e de espionagem...

O filme de ontem, com argumento de Pinter, segue por vezes o livro a par e passo, como uma sombra, nos mínimos pormenores. Mas, como sempre acontece nas traduções cinematográficas, não o esgota, sucedendo até que o elemento aventura se avantaja à intuição de denúncia política. Há menos antinazismo e mais «suspense», mais sinal de perigo.

No entanto, o sabor antinazi não desaparece no fortíssimo refugado, espectacular por vezes. Está presente para nos lembrar quanto é perigoso supor que a ideologia capaz de desencadear a pior de todas as guerras, desapareceu. Não, de forma nenhuma – diz-nos o «Memorando Quiller» – apenas ele hoje nos confunde mais, até já nem usa camisas castanhas...

O fenómeno da Alemanha pode extrapolar-se, podemos pensar em Portugal. O terrorismo que assolou o nosso país tinha a mão na actualidade, mas o cotovelo estava assente nos anos que precederam 1974.

Nesses actos criminosos, conforme documentação publicada em **o diário**, aparece envolvido, na totalidade das suas vinte letras, o nome de um dirigente político e membro do Governo. Apesar da gravidade do caso, a televisão silencia completamente – e qualquer cidadão está no seu pleno direito de considerar este silêncio um acto muito perturbador de verdadeira cumplicidade.

Até quando será possível, num país democrático, manter em funções alguém tão dura e tão concretamente apontado como inimigo da democracia?

A pergunta acode com a maior naturalidade quando, depois de ver o «Memorando de Berlim», pensamos em como seria útil filmar o memorando – de Lisboa.

Manuel Rafael, Lda.
TUDO EM MATERIAL ELECTRICO
TV. DO FORNO, 7-A (AO ROSSIO) T. 371001/2

Hoje

Uma cena de «O Pirata», que inicia esta noite na RTP-1 a exibição

17.37 Sumário
17.40 Tempo dos Mais Novos
18.15 País, País
18.45 Res-Pública – Marinha Grande.
19.15 «Olhai os Lírios do Campo» – 72.º episódio.
19.55 O Tempo
20.00 Telejornal
20.30 Direito de Antena – PS (Partido Socialista).
20.40 «O Pirata» – 1.º episódio. Intérpretes: Christopher Lee, Eli Wallach, Franco Nero e Jeff Corey. Realizador: Kenneth Annakin.
21.35 Primeira Página
22.30 24 Horas

O episódio desta noite na RTP-2, da série «O Exército Secreto», intitula-se «A Isca»

18.15 País, País
18.40 «Sítio do Pica/au Amarelo»
19.10 Êxitos de Ontem na RTP – na Estrada do Êxito com Amália Rodrigues.
19.35 Desenhando Sobre Música
20.00 Informação/2
20.30 Museu do Cinema –
21.00 Complemento Directo
22.00 «O Exército Secreto» – «A Isca» (13.º episódio).

Amanhã

Das **12.20** às **17.20**: Ciclo Preparatório TV; **17.32**: Sumário, **17.37**: Tempo dos Mais Novos; **18.15**: País, País; **18.45**: Pergunte Connosco; **19.15**: Olhai os Lírios do Campo episódio n.º 73.º; **19.55**: O Tempo; **20.00**: Telejornal, **20.30**: «A Balada de Hill Street» – 12.º episódio; **21.30**: Noves Fora . Nada; **22.55**: 24 Horas

18.15: País, País, **18.45**: «Sítio do Picapau Amarelo»; **19.10**: No Mundo dos Animais – o lince; **19.30**: Jerto e Efeito; **20.00**: Informação/2; **20.30**: Os Grandes Maestros – Karl Boehm; **21.30**: Animação/2; **22.00**: À Margem; **22.30**: Benny Hill.

SALDOS
NA STOP
RUA DO OURO, 260
MALHAS ☆ PRONTO-A-VESTIR ☆ LINGERIE
SÓ VENDO PODERÁ ACREDITAR!

BIKINIS	desde	35$00
CAMISAS DE NOITE	»	197$50
PIJAMAS	»	497$50
ROBES	»	397$50
BLUSAS DE LA	»	480$00
SAIAS	»	280$00
VESTIDOS C/ MANGA	»	780$00

VENDAS

ALVARÁ DE TRANSPORTE DE MERCADORIAS COMPOSTO POR 100 TONELADAS, REGIME DE ALUGUER GERAL, SEM LIMITE, CENTRALIZADO NO PORTO.

INFORMA PELO TELEFONE 9481451
(HORAS DE EXPEDIENTE)

RN

AZEITÃO — CEP 08
SERVIÇO EXPRESSO
«PRAIAS DO ALENTEJO»
Início em 14 de Dezembro de 1981
HORÁRIO

17.00	Lisboa	12.45
17.45 C	Setúbal	P 12.00
17.50 P		C 12.00
19.37 C	Santiago	P 10.13
19.40P		C 10.05
20.20	Cercal Alentejo	09.25
20.35	V. N. Milfontes	09.10
20.50	Almograve	08.55
21.00	Cavaleiro	08.45
21.20	S. Teotónio	08.25
21.30	Praia Zambujeira	08.15

(Efectua-se diariamente)

RN
INFORMAÇÕES E VENDA DE BILHETES:

PRAIA DA ZAMBUJEIRA	T. 95211	Agência da RN – Café Estrela do Mar
S. TEOTÓNIO	T. 94152	Agência da RN
CAVALEIRO	T. 94116	Agência da RN
ALMOGRAVE	T. 96109	Agência da RN
VILA NOVA DE MILFONTES	T. 94135	Agência da RN – Sr. Gonçalo Raminhos
CERCAL DO ALENTEJO	T. 22625	Estação da RN – Largo dos Castros
SANTIAGO DO CACÉM	T. 25051	Estação da RN – R. Cidade de Setúbal
SETÚBAL	T. 559217	Estação da RN – Av. 5 de Outubro
LISBOA		Estação da RN – Av. 5 de Outubro, 75 C

CAFÉ TEATRO DA COMUNA
Praça de Espanha (metro Palhava) telefone 762624
Última semana
¡O APOLLONi

viver mulher
6.ª e Sáb. às 22,30
Domingos às 17 horas
Espectáculo Musical
Só em Janeiro
Serviço de jantar e ceia
Viver, contar, cantar a mulher

2 RODAS 2 vezes mais atenção!

GRUNDIG
qualidade em toda a linha!
1 RTP «O Pirata» (20.40)
«O Exército Secreto» (22.00) 2 RTP
Alem de um programa a escolha oferece-lhe
Resumo do episódio de hoje
No jornal, Florismal, Olívia e Madalena lêem que Eugénio e Eunice já regressaram da viagem de lua-de-mel pelo litoral brasileiro.
Em Nova Itália, Frida conversa longamente com Olívia e diz à amiga que o filho que espera é o que de mais concreto existe na vida da médica.
ASSISTENCIA TECNICA GRUNDIG
NACIONAL RADIO – Rua B. Jesus Carreia 17 Cruz Quebrada – Tel. 2112871

3.ª A DOM: 21h30
DOM (tb): 16h

FERNÃO, MENTES?
encenação HELDER COSTA
R. ALEXANDRE HERCULANO, 70
tel. 686300 (m/13) Sub. SEC.
A BARRACA

TRIBUNAL CÍVEL
DA COMARCA
DE LISBOA
4.º JUÍZO
ANUNCIO

Por este Tribunal correm éditos de trinta dias, que começarão a contar-se da data da segunda e última publicação do anúncio citando o réu JORGE NATÁLIO PEREIRA MARTINS CARRASQUEIRA para no prazo de DEZ dias, findo o dos éditos, contestar querendo a acção, na qual a Autora Companhia de Seguros Império, E. P., pede que o citando seja condenado a pagar-lhe a quantia de 263 979$50 referente a prémios de seguros vencidos e não pagos e juros de mora já vencidos sobre os mesmos prémios e ainda nos juros vincendos até integral pagamento.

Acção SUMÁRIA n.º 401 3.ª Secção

Autor COMPANHIA DE SEGUROS IMPÉRIO, EP, com sede na Rua Garrett, N.º 56 em Lisboa.

Réu JORGE NATÁLIO PEREIRA MARTINS CARRASQUEIRA, com última residência conhecida em Galeão — Olhão, actualmente ausente em parte incerta.

Lisboa, 12 de Janeiro de 1982.

O JUIZ DE DIREITO,
Alípio Duarte Calheiros
Pel' O ESCRIVAO DE DIREITO
Manuel Gomes Ferreira

roteiro cultural

Música

Esta tarde, pelas 18 e 30, no Auditório da SPA (Avenida Duque de Loulé, 31), efectua-se um concerto pelo Coro de Câmara do Conservatório Nacional, sob a direcção de Teresita Gutierrez Marques. Constam do programa obras de H. Bright, A. Gabrieli, Fauré-Berthelot, T. de Victoria, E. Widmann, J. Milton, T. Morley, C. Jansquin, E. Varter, Frederico de Freitas, Lopes Graça, M. Van Cristy, H. Simeone e F. Gruber. Entrada livre.

Colóquios e conferências

A obra literária da escritora Maria Judite de Carvalho, autora de «Tanta Gente Mariana», «Armários Vazios», «Paisagem sem Barcos» e outros livros de notória qualidade, vai ser analisada pela prof.ª e ensaísta Maria da Glória Padrão numa sessão a realizar amanhã, pelas 21.30, na sede da APE (R. do Loreto, 13-2.º).

Um colóqio sobre a peça e o projecto «Rei Ramiro» vai decorrer hoje, às 17.30, no Teatro da Universidade Nova (à Av. de Berna, em Lisboa). Participam o prof. dr. Adriano Duarte Rodruigues e a dr.ª Maria Augusta Babo. Esta sessão é aberta aos alunos da FCSH e ao público em geral.

Pintura de Thomaz de Mello (Tom), em exposição na Galeria de S. Francisco

A Cooperativa Arvore, em colaboração com a Sociedade Portuguesa de Autores, vai iniciar uma nova série do seu «Jornal Falado» que há anos tanto êxito obteve. Hoje, pelas 21.30, estarão na sede daquela Cooperativa (à R. Azevedo de Albuquerque, 1, no Porto), para falar da actividade artística e literária, Eduardo Prado Coelho (cinema), Cândido Lima (música), Bernardo Pinto de Almeida (artes plásticas) e Maria da Glória Padrão (literatura). As intervenções serão seguidas de debate, moderado por Arnaldo Saraiva.

Cinema

Com a apresentação de **De Mayerlig à Saravejo,** de Max Ophuls, o AR.CO prossegue hoje uma programação de cinema inteiramente dedicada a 50 filmes franceses, produzidos entre 1931 e 1978 e assinados por 29 dos mais importantes cineastas de sempre, iniciativa que conta com o apoio dos Serviços Culturais da Embaixada de França.

O mesmo filme voltará a ser apresentado amanhã. Para sábado, o AR.CO programou **Lis Disparus de Saint Agil,** um dos filmes mais célebres de Christian-Jacques. As sessões iniciam-se, como habitualmente, às 21.45.

Exposições

Está patente ao público, na Galeria de S. Francisco, uma exposição dos artistas Álvaro Perdigão, Arlindo Teixeira Lopes, Bernardo Marques, Celestino Alves, Jaime Murteira, João Hogan, Silva Lino e Thomaz de Melo (Tom). Horário: 2.ª a 6.ª feira, das 10 às 13 horas e das 15 às 19; aos sábados das 10 às 13. Encerra a 9 de Fevereiro.

Teatro

A Bonifrates – Unidade de Infância e Juventude estreia hoje em Coimbra, às 21.45, no Grémio Operário, um espectáculo com os Bonnecos de Santo Aleixo. O espectáculo volta a ser apresentado amanhã no mesmo local e à mesma hora.

«O Lírio do Inferno», espectáculo musical que evoca o jovem Brecht através das suas canções e que tem obtido grande êxito de público e de crítica, está domingo em Lisboa no Teatro S. Luiz, com espectáculos hoje, amanhã e no sábado, às 21.30, e no domingo às 18 horas. Depois partirá em digressão pelo Alentejo.

O TELA, grupo de teatro de Leiria, vai estar em Coimbra amanhã e no sábado para apresentar, às 16 e às 21.30, no Teatro de Bolso do TEUC, «Como é bonita a cidade».

A revista «Ai a Tola» entrou em terceiro mês de representações, agora com lo Apolloni e Adelaide João, que substituem a sua colega Maria Dulce, em fase de recuperação de uma grave doença. Todos os dias às 21.30, e aos domingos só às 16 horas (descanso às segundas-feiras), o pano sobe na Filarmónica da Amadora onde artistas e público cantam em coro o «Ai a Tola!» – a dor de cabeça dos portugueses.

TEATRO
VASCO SANTANA
(Entrecampos T. 768609)

Que significa ser português?
Veja

O HOMEM QUE SE JULGAVA CAMÕES

Texto e Encenação de Luzia Maria Martins.
NOVO ESPAÇO CÉNICO — ÚNICO NO PAÍS
Proj. do Arq. António Alfredo)
Mat. Sáb. e Dom. às 16
Sub. Sec. e Gulbenkian

A 50 m da Estação do Metro da Alameda

CARTA DE CONDUÇÃO

Ligeiros ★ Pesados — Amador — Profissional

TRATA DE TODA A DOCUMENTAÇÃO

ESCOLA DE CONDUÇÃO I.D.A.L.
Alameda D. Afonso Henriques, 64, r/c Esq. e R. Carlos Mardel, 93-Tel. 88 55 88

CRÉDITO PREDIAL PORTUGUÊS
BANCO FUNDADO EM 1864

PAGA OS MAIS ALTOS JUROS DA BANCA

COTAÇÕES DE NOTAS	(Por unidade) COMPRA	VENDA
AFRICA DO SUL (rand)	60$75	65$75
ALEMANHA FED (marco)	28$65	29$75
AUSTRIA (xelm)	4$00	4$20
BELGICA (franco)	1$525	1$725
BRASIL (cruzeiro)	$292	$542
CANADA (dólar – notas de 1 e 2)	55$10	57$10
(notas de 5 a 1000)	55$60	57$60
DINAMARCA (coroa)	8$75	9$15
ESPANHA (peseta)	$638	$738
EUA (dólar – notas de 1 e 2)	65$90	67$90
(notas de 5 a 1000)	66$40	68$40
FINLÂNDIA (marka)	14$90	15$50
FRANÇA (franco)	11$20	11$85
HOLANDA (florim)	26$10	27$10
INGLATERRA (libra)	124$65	128$65
IRLANDA (libra)	101$10	105$10
ITALIA (lira)	$049	$059
JAPAO (iene)	$264	$299
NORUEGA (coroa)	11$20	11$70
SUECIA (coroa)	11$65	12$25
SUIÇA (franco)	35$75	36$85
VENEZUELA (bolivar)	13$30	14$30

Observações:
1. – **No respeitante a moedas, estas cotações devem ser consideradas a título meramente informativo.**
2. – **Todas as operações de venda estão sujeitas ao imposto de 3 por mil.**

STAR TURISMO VIAGENS
UMA AGENCIA DE VIAGENS DE SERVIÇO COMPLETO
Lisboa Estoril Porto Guimarães Faro Portimão Madeira e Açores

rádio

Antena Um

15.30: Paralelo 4; **17.00**: Ovo de Colombo; **1705**: Figuras e figurantes; **17.30**: Ontem, manchete de amanhã; **18.15**: A década prodigiosa; **19.00**: Música; **20.00**: Ler, ouvir e falar – silábico; **21.00**: A viver também se aprende; **21.30**: Livre e directo; **23.30**: Ultimo jornal.

Programa 2

15.30: Que quer ouvir?; **16.15**: «Scherazade», op. 35, de Rimsky Korsakov; **17.00**: Os olhos férteis; **17.30**: Músicas de todosos os quadrantes; **18.05**: Música sinfónica; **19.00**: Para além da leitura; **19.45**: «Les Djinns», de César Franck; **20.10**: Sinfonia op. 58, «Manfredo», de Tschaikovsky; **21.00**: Transmissão directa do Teatro Nacional de S. Carlos da ópera em 3 actos «Lucia de Lammermoor», de Gaetano Donizetti; **01.00**: Fecho. Noticiários de hora a hora.

Rádio Comercial (283, 290 e 397m)

15.15: Espelho meu; **15.45**: Teatro trágico; **16.15**: Os meus segredos de cozinha; **17.03**: Todos no top; **18.08**; Hora de ponta; **18.10**: Espaço 3 P; **20.03** Diversos; **21.03**: Quando o telefone toca (1.ª edição); **21.30**: Quando o telefone toca (2.ª edição); **22.03**: Portugal e a CEE; **22.20**: Mensagens bíblicas; **22.25**: Diálogo; **22.40**: Tempo de desporto; **23.08**: 24.ª hora. Noticiários de hora a hora.

RC-FM-Estéreo (97,4 MHz)

15.05: Espaço 3 P; **16.03**: Rock em stock; **18.03**: Círculo em FM; **19.03**; Em órbita; **20.03**: Rolls rock; **21.03**: Abandajazz; **22.03**: Café concerto. Noticiários de hora a hora.

RÁDIO RENASCENÇA

16.00: Aqui e agora; **17.00**: Jornal da mulher; **18.15**: Igreja em notícia – palavra do dia; **18.30**: Transmissão do terço; **19.00**: Programa da LAR; **19.30**: Nota de abertura; **20.00**: Dê no vinte; **21.00**: Quando o telefone toca; **21.30**: O som da noite; **22.00**: Diálogo e vida; **22.30**: Automobilismo; **23.05**: Musical; **23.30**: Nota de abertura; **23.55**: Meditando. Grandes blocos informativos às **19.30** e **23.30**. «Flashes» noticiosos de hora a hora.

OM Nacional

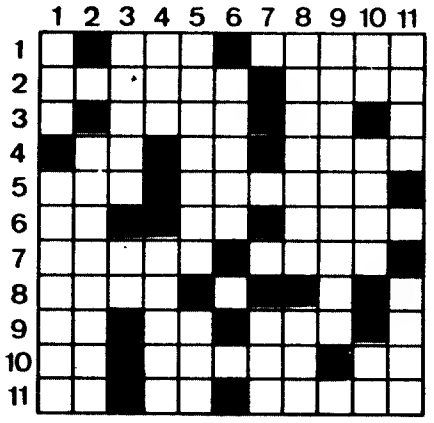
O Programa de Onda Média de Muge (Nacional) é igual ao OM e FM de Lisoa, excepto nos seguintes programas: **21.00**: Programa cultural; **21.30**: Via láctea.

Tiragem média diária do mês anterior: 43 493 exs.

palavras cruzadas

COM PROVÉRBIO PROBLEMA N.º 13 339

HORIZONTAIS:
1 Artigo definido. Cabo do nordeste da Tunísia, no mar Mediterrâneo. Aldeia da Judeia, perto de Jerusalém, onde Jesus Cristo apareceu pela primeira vez aos seus discípulos, depois da Ressurreição.
2 Lebres (Prov. alent). Prendei.
3 Deus do vinho. Pronome reflexo.
4 Plutónio (s.q). Nota musical (inv). Educo.
5 Óxido de cálcio. Gerara.
6 Abreviatura que se usa em música. O mesmo que oh! (Bras). Bocado.
7 Nome de frutos. O mesmo que órobo.
8 Serra de Portugal.
9 Cloro (s.q). Medida itinerária do Japão. Bondosa.
10 Autores. Enganos. Quarto.
11 Ósmio (s.q). O sono das crianças. Termo da existência.

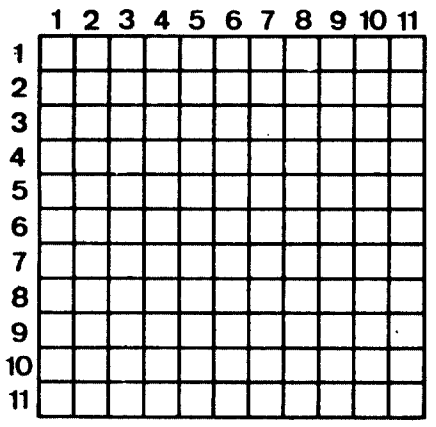


VERTICAIS:
1 Espécie de mata. Sensibilidade moral.
2 O mesmo que leitão (peixe e pl).
3 Cidade da Pérsia, porto no mar Cáspio. Abreviatura da palavra inglesa mister (senhor).
4 Freguesia do concelho de Alenquer. Que é do ar.
5 Rabiscos sem nexo feitos geralmente pelas crianças. Enguia.
6 Padece. Artigo definido.
7 Bondoso.
8 Cidade da Arábia. Sufixo que designa abundância.
9 Aterrorizaria.
10 O mesmo que uma (ant e pop). Nome místico de Baco. Item.
11 Juízo. Escuta.

Resolveu completamente este problema? Procure agora, em segundo passatempo, o provérbio nele inscrito.

NOVA MODALIDADE PROBLEMA N.º 9 199

HORIZONTAIS:
1 Freguesia do concelho de Vila Nova de Gaia; Depois de Cristo.
2 Preveniram; Miriare.
3 Cobalto (s.q.); Esteiros.
4 Mendigar; Espécie de formiga.
5 Afecto; Entre os semitas ocidentais, nome dado a Madad, deus da Atmosfera.
6 Borrifar; Homem ilustre pelos seus feitos.
7 Seduziras.
8 Messe.
9 O mais; Género de formigas em que se inclui a saúva; Filha de Ínaco, seduzida por Zeus e transformada por ele em novilha.
10 Momice; Oásis do Sará, ao S. de Gadamés, na Líbia.
11 Comprometo seriamente; Mestre.



VERTICAIS:
1 Freguesia do concelho e distrito de Leiria; Concessão da vida a um inimigo vencido.
2 Antepassaoos; Sobrinha de Abraão e pai de Moab e Amon.
3 Quinhentos e um em romano; Feiticeiras; Cânhamo de Manila.
4 Irritaremos.
5 Nota musical; Patego.
6 Vaguear; Oráculo.
7 Undécimo mês do calendário árabe; Partido socialista fundado em 1952 pelo sírio Michel Aflak.
8 Gosta muito de ; Cidade da Ucrânia; Rio da Suíça.
9 Transpiraras; Basta!
10 Decímetro; Nome de algumas tribos indígenas do Brasil, em Mato Grosso.
11 Peça do jogo do xadrez; Génio do mal na mitologia escandinava.

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 13 338

HORIZONTAIS:
1 A; RIQUEZA.
2 Nios; Miarem.
3 Inçar.
4 Vararam; Or.
5 Beras; Saída.
6 Eja; PS; Reis.
7 Assacam.
8 Ar; Dom.
9 Rb; Lis; Tela.
10 Ia; Tântalo.
11 Arcos; Asoto.

VERTICAIS:
1 ANI; Be; CRIA
2 INVEJA; Bar.
3 Roçaras.
4 Isara; Salto
5 Rasparias.
6 Um; SC; SN.
7 Eiras; Ad; Ta.
8 Za; Marmotas.
9 Aro; IE; Melo.
10 E; ÓDIO; Lot.
11 Amoras; Fa.

Provérbio: A riqueza cria inveja e ódio.

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 9 198

HORIZONTAIS:
1 Torrozelo.
2 Rio Rasto.
3 Armamar. Oom.
4 Noas. Uai! Ce.
5 Saldaram.
6 Ecou. Aaro.
7 Irem. SS. Cás.
8 Ri. Im. Cava
9 Amorosa. Rir.
10 Selaram. Asa.
11 Sás. Lesmas.

VERTICAIS:
1 Trandeiras.
2 Oiro. Crimes.
3 Roma. Oé. Olá.
4 Assumiras.
5 Mio. Mor.
6 Aulas. Sal.
7 Erradas. Ame.
8 La. Iar.
9 Oso. Roçaram.
10 Toca. Avisa.
11 Comem. Saras.

cartaz de cinemas e teatros

abCINE 803055

Centro Comercial de Alvalade

SALA A

Às 14.30, 16.30, 18.30, 21.45 e 24
– N. ac. men. 13 a.
OUTLAND, ATMOSFERA ZERO
c/ Sean Connery

SALA B

Às 14.45, 17, 19, 21.30 e 23.45
– 18 a.
O BURACO DA AGULHA
c/ Donald Sutherland
Às 24
O LADRÃO PROFISSIONAL

ALVALADE 897480

Av. de Roma

Às 14, 16.30, 19 e 21.30
– Para Todos
Walt Disney Productions apresenta
O grande espectáculo das festas!
OS ARISTOGATOS
Falado em português
8.ª Semana

APOLO 763319

Av. Julio Dinis, 10-A

Às 13.30, 15.30, 17.30, 19.30, 21.30 e 23.30 – N. ac. men. 13 a.
VAI TRABALHAR MALANDRO
e Roger C. Carmel
Um filme de Jerry Lewis
13.ª Semana

AVIS 547163

Av. Duque de Avila, 45

Estreia às 15.30, 18.30 e 21.30
– Int. men. 13 a
Só seria herdeiro universal se fosse pai no prazo de um ano!
Custou .. mas foi!
MULHER IMACULADA...
AMANTE APIMENTADA

BERNA 776098

Av. Marquês de Tomar

Às 14, 16.30, 19 e 21.30
OS SALTEADORES DA ARCA PERDIDA
c/ Harrison Ford, Karen Allen e Paul Freeman
Um filme de Steven Spielberg
36.ª semana

CALEIDOSCÓPIO 795093

Campo Grande

Às 14, 16.30, 19 e 21.30
– Para Todos
O mais fabuloso marinheiro de todos os tempos
POPEYE
Um filme de Robert Altman
6.ª Semana

CASTIL 530194

Rua Castilho

Estreia às 21.30 – N. ac. men. 13 a.
O ÓRFÃO
c/ William Holden e Ricky Schroder
Um filme de Peter Collinson

CINE 222 579460

Av. Pr. da Vitória, 37 (ao Saldanha)

Às 14.15, 16.30, 19 e 21.30
– N. ac. men. 13 a.
O QUE HÁ DE NOVO GATINHA?
Às 24
O SUPERESPIÃO

CINEBOLSO 573407

R. Actor Taborda, 27-B

Às 12.30, 14.30, 16.45, 19 e 21.30
– Int. men. 18 a.
O correio não era postal, era sexual...
CARIMBE-ME SR. CARTEIRO
Pornográfico – Hardcore
Às 24
OS NOIVOS SANGRENTOS

CINE BLOCO 556824

Gaveto Av. 5 de Out. e Pinh. Chagas

Às 14.30 16.45 19.00 21.30
– N. ac. men. 13 a.
ROBERT E ROBERT
Às 24 – N. ac. men. 13 a.
CAÇA AO HOMEM

CINE CAMÕES 324194

Rua do Loreto, 15

Às 14.15, 16.30 e 21.30
– Grupo D
OS DISCÍPULOS DO DRAGAO
c/ Nanai Sit, Jason Pai Pian e Tomamy Loo Chung

CONDES 322523

Av. da Liberdade, 2

Às 14, 16.30, 19 e 21.30

A NOITE DO FALCÃO
int. men. 13 anos
com James Brolin, Clif Goman

EDEN 320768

P. dos Restauradores, 21

Às 14, 16.30, 19 e 21.30
– Int. men. 18 a.
DESIDERIA, INICIAÇÃO DE UMA VIRGEM
Um filme de Gianni Barcelloni Colorido

ESTÚDIO 555134

Alam. Afonso Henriques, 35

Às 15.30, 18.30 e 21.30
– N. ac. men. 18 a.
MADALENA A PECADORA
c/ Lisa Gastoni e Eric Woofe

ESTÚDIO 444 779095

Av. Defensores de Chaves, 83-B

Às 15.30, 18.30 e 21.30
– Int. men. 18 a.
Walenan Borowczyw o realizador de «Contos Imorais».
Margarida, Marcelina e Maria três mulheres e o amor!
AS HEROÍNAS DO MAL

IMPÉRIO 555134-5

Al. Afonso Henriques, 35

Estreia às 21.30 – N. ac. men. 13 a.
A mais «chanfrada» comédia de 1982!
O PELOTÃO «CHANFRADO»
c/ Bill Murray e Warren Oates
Às 15.15 e 18.30 – Ultimas
OS OLHOS DA TESTEMUNHA

LONDRES 801313

Av. de Roma, 7-A

Às 14, 16.30, 19 e 21.30
– Int. men. 13 a.
Na romântica Budapeste dos anos 30...
AS HERDEIRAS
c/ Isabelle Hubert e Lili Monori
Filme de qualidade

LUMIAR 79 52 96

Calçada de Carriche, 38

Às 21.30 – Int. men. 13 a.
As forças da Natureza em fúria!
MORTE NO SOL NASCENTE
Sábado 30 – Meia-Noite
– Int. men. 18 a.
QUANDO ACABA A INOCÊNCIA

MONTECARLO 681117

Av. Pedro Alvares Cabral, 37

Às 15.30, 18.30 e 21.30
– N. ac. men. 18 a.
O CAMPEÃO DOS LUTADORES
c/ Bruce Lee, Cheung Lac e Yang See
2.ª Semana

MONUMENTAL 555131

P. Duque de Saldanha

Às 15.15, 18.15 e 21.30
O AMANTE DE LADY CHATTERLEY
c/ Sylvia Kristel e Nicholas Clay

NIMAS 574362

Av. 5 de Outubro, 42-B

Às 14, 16.15, 18.30 e 21.30
– N. ac. men. 13 a.
SEM CULPA FORMADA
c/ Romy Schneider, Lino Ventura e Michel Serrault
Um filme de Claude Miller

ODEON 328283/4

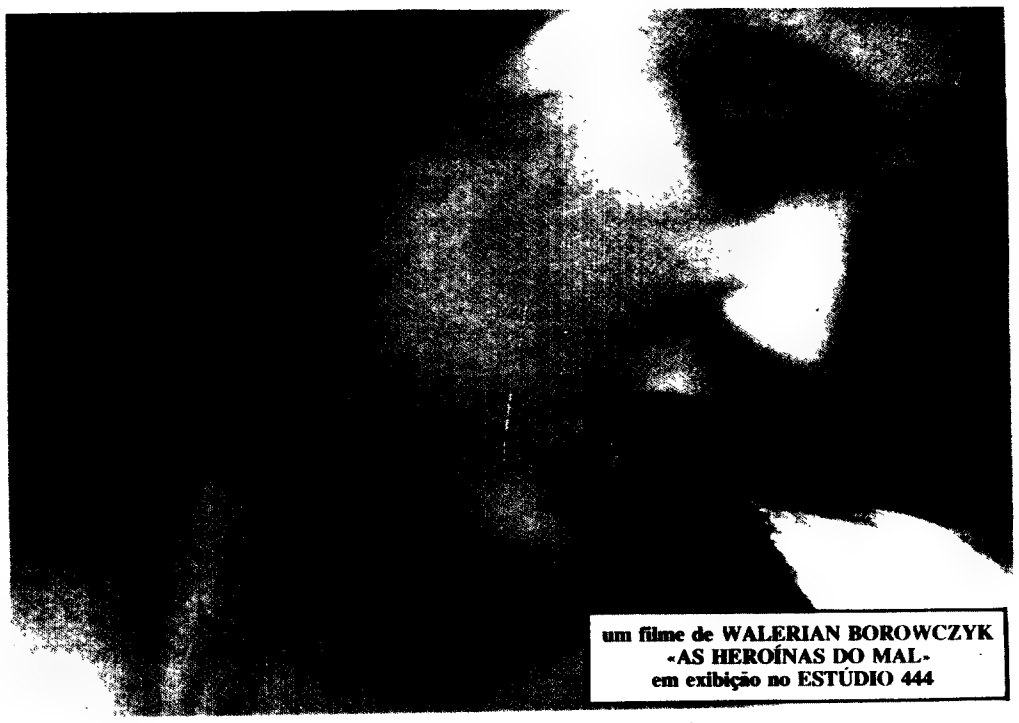
R. Condes, 12 a 20

15.15, 18.15, 21.30
int. men. 18 anos
CANIBAL FEROZ
contém cenas eventualmente chocantes

PATHE 821933

R. Francisco Sanches, 122

Às 14, 17.30 e 21.30
Para todos m. 6 anos
MÚSICA NO CORAÇÃO
Colondo com Julie Andrews e Christopher Plummer
Colorido



QUARTETO 771378

R. Flores de Lima, 16

SALA 1
As 14.30, 16.45, 19, 21.15 e 23.30
– Int. men. 18 a.
CRONICA DA MAIS VELHA PROFISSÃO DO MUNDO
Realizaçao de Daniel Duval

SALA 2
Às 14.30, 16.45, 19 e 23.15
– Int. men. 13 a
VIAGENS ALUCINANTES

SALA 3
As 14, 16.30, 19 e 21.45
– N. ac. men. 13 a.
MISTÉRIO D'OBERWALD

SALA 4
As 14, 16.30, 19 e 21.45
– M. 18 a.
AMOR E RAIVA
de Lizzani, Bellochio, Pasolini e Godard

ROMA 887778

Av. de Roma, 14 M-N

Às 14.45, 17, 19.15 e 21.30

– Para Todos

OS GUERREIROS DA FÓRMULA 1

ROXY 548560

Av. Almirante Reis, 20

Às 14, 16.30, 19 e 21.30
– N. ac. men. 18 a.
A FORTALEZA SECRETA
c/ Chuck Norris e Lee Van Cleef
Colorido

S. JORGE 579144-579344

Av. da Liberdade, 175

S. JORGE SALA 1

As 15.15, 18.30 e 21.30
– N. ac. men. 13 a.
A AMANTE DO TENENTE FRANCÊS
c/ Meryl Steep e Jeremy Irons
5.ª Semana

S. JORGE SALA 2

Às 14.15, 16.45, 19.15 e 21.45
– Int. men. 13 a.
007 MISSÃO ULTRA-SECRETA
c/ Roger Moore e Carole Bouquet
18.ª Semana

S. JORGE SALA 3

Às 14, 17.30 e 21
– Int. men. 18 a.
FRANCISCA
Um filme de Manoel de Oliveira
8.ª Semana

SATELITE 562632

Av. Fontes Pereira de Melo, 61

Estreia às 21.30 – N. ac. men. 18 a
FANTASIAS NOCTURNAS
c/ Cindy Pickett e Barry Primus
Um filme de Roger Vadim
Às 14, 16.30 e 19 –13 a.
– Ultimas
A FILHA DO MINEIRO

7.ª ARTE 730715

Av. República, à Est. de Entre Campos

Às 14.45, 17, 19.10, 21.30 e 24
– N. ac. men. 13 a.
A AMANTE DO TENENTE FRANCÊS
c/ Meryl Streep
Domingo às 11.15
FESTIVAL POPEYE

STAR 804210

Av. Guerra Junqueiro, 14-C

Às 14.30, 18 e 21.30
– N. ac. men. 13 a.
UNS E... OS OUTROS
70 actores de primeiro plano
10.ª Semana

TERMINAL 371573

Estaçao do Rossio

Às 11, 13, 15, 17, 19, 21.30 e 23.30
– Int. men. 13 a.
Bem-vindos ao «Clube dos Malandrecos». Frequência altamente selecta
O CLUBE DOS MALANDRECOS
c/ Chevy Chase e Rodney Danger Field

TIVOLI 570595

Av. da Liberdade, 188

As 14, 16.30, 19 e 21.30
– N. ac. men. 13 a.
ROBERT E ROBERT
c/ Charles Denner, Jean-Claude Brialy e Jacques Villeret
Um filme de Claude Lelouche
Colondo

VOX 880808

Av. Fr. Miguel Contreiras, Lote 879

Às 14.15, 16.30, 18.45 e 21.30

– Int. men. 13 a.

NAO HA NADA P'RA NINGUEM

XENON 368480

Av. da Liberdade, 9

Às 14.15, 16.30, 19 e 21.30

– N. ac. men. 18 a

O HEMEDEIRO

12.ª Semana

outros cinemas

Lisboa

ALFA 1 – «Fuga para a Vitória», às 21.30 (13 anos)
ALFA 2 – «Os Salteadores da Arca Perdida», às 21.30 (13 anos)
ALFA 3 – «Tudo Boa Gente», 21.30 (13 anos)
CITY CINE – «O Pequeno Lord», às 21.30 (13 anos)
POLITEAMA – «A Fortaleza Secreta», 21.30 (13 anos)
MUNDIAL – «Não Há Nada P'ra Ninguém», às 21.30 (13 anos)
OLÍMPIA – «Escravatura do Sexo», sessões permanentes (18 anos)
CAPITÓLIO – «Sexo Fora da Lei», às 21.00 e 23.00 (18 anos)
RESTELO – «Dupla Suspeita», às 21.30 (13 anos)
2000 – «A Casa do Exorcismo», às 21.30 (18 anos)
PROMOTORA – «Capitão América», às 21.30 (6 anos)
ROYAL – «Desforra Apache», às 21.30 (13 anos)

Outra banda

ALMADA – Incrível – «Um Polícia dos Duros», às 21.15 (18 anos)
ALMADA – Academia – «Dever e Amizade», às 21.15 (13 anos)
ALMADA – Cine-Almada – «O Expresso da Meia-Noite», às 21.30 (18 anos)
COSTA DA CAPARICA – Silcine – «A Lei do Ódio», às 21.30 (13 anos)
SETÚBAL – Júpiter – «Perdido e Achado», às 21.15 (13 anos)

Linha de Cascais

ALGÉS – Stadium – «Divina Loucura», às 21.30 (13 anos)
PAÇO DE ARCOS – Chaplin – «Passo de Dança Sobre uma Lâmina de Barbear», às 21.15 (18 anos)
OEIRAS – Oeiras-Cine – «16 Anos», às 21.15 (13 anos)
ESTORIL – Casino – «Fuga para a Vitória», às 17.00 e 21.15 (13 anos)
CASCAIS – Impala – «A Dama das Camélias», às 21.30 (18 anos)
CASCAIS – Oxford – «Tom Horn, o Cowboy», às 21.30 (13 anos)

Linha de Sintra

DAMAIA – D. João V – «Trombetas de Apocalipse», às 21.30 (18 anos)
AMADORA – Cine Plaza – «Charlie Chan e a Maldição da Rainha», às 21.30 (13 anos)
AMADORA – Lido – «Aniversário Macabro», às 21.30 (18 anos)
AMADORA – Cinestúdio – Espectáculo de Variedades, às 21.30 (6 anos)
CACÉM – Cine-Estúdio Flores – «Aventura nas Caraíbas», às 21.30 (18 anos)
MEM MARTINS – Cine Chaby – «Horror Show», às 21.30 (18 anos)
SINTRA – Carlos Manuel – «O Magnífico Agente Secreto», às 21.30 (13 anos)

MOSCAVIDE – Stop – «Porteiro da Caixa», às 21.30 (18 anos)
MAFRA – Cine-Teatro – «Yanks», às 21.30 (13 anos)

Porto

ÁGUIA – «Acidente no Luna Park», às 21.30 (18 anos)
OLÍMPIA – «Pede Perdão a Deus», às 21.30 (13 anos)
VALE FORMOSO – «Mandigo II», às 21.30 (18 anos)
RIVOLI – «Almas Perdidas», às 21.30 (13 anos)
SÁ DA BANDEIRA – «Lisa, Sexo Fatal», às 19.00 (18 anos)
FOCO – «O Homem Elefante», às 21.30 (18 anos)
JÚLIO DINIS – «A Erva do Prazer», às 21.30 (18 anos)
TRINDADE – «Da Vida das Marionnettes», às 21.30 (18 anos)
BATALHA – «Taxi Girl», às 21.30 (13 anos)
ESTÚDIO – «Reencontro de Amor», às 21.30 (13 anos)
S. JOÃO – «Amigos e Amantes», às 21.30 (13 anos)
COLISEU – «O Samurai Negro», às 21.30 (18 anos)
PASSOS MANUEL – «Os Salteadores da Arca Perdida», às 21.45 (13 anos)
CHARLOT – «Das 9 às 5», às 21.30 (13 anos)
BÉBÉ – «Crónica da Mais Velha Profissão do Mundo», às 21.45 (18 anos)
PEDRO CEM – «O Pequeno Lord», às 21.30 (13 anos)
LUMIÈRE-SALA A – «Francisca», às 21.30 (13 anos)
LUMIÈRE-SALA L – «Vamos Voltar a Viver», às 21.45 (13 anos)

teatros

Lisboa

CAFÉ TEATRO DA COMUNA – «Viver Mulher», às 22.30 (13 anos)
VARIEDADES – «Virgem Até Certo Ponto», às 21.30 (13 anos)
MARIA MATOS – «A Tragédia da Rua das Flores», às 21.30 (13 anos)
S. LUIZ – «O Lino do Inferno», às 21.30 (13 anos)
TRINDADE – «Amor Profano», às 21.30 (13 anos)
FILARMONICA DA AMADORA – «A Tola», às 21.30 (18 anos)
TEATRO ABERTO – «Casamento Branco», às 21.30 (13 anos)
ABC – «O Escabeche», às 20.30 e 23.00 (18 anos)
MARIA VITÓRIA – «Não Há Nada p'ra Ninguém», às 20.30 e 22.45 (18 anos)
MONUMENTAL – «Não Há Nada que Não Me Aconteça», às 21.30 (13 anos)
LAURA ALVES – «Estórias de Pouca Vergonha», às 21.30 (13 anos)
BARRACA – «Fernão Mentes», às 21.30 (13 anos)

Porto

CARLOS ALBERTO – «Inês Pereira», às 22.00 (13 anos)

farmácias

Lisboa

PERMANENTE

IBÉRIA, R. Barão Sabrosa, 235-235-A (T. 888277); **ALVALADE**, Av. da Igreja, 18-A (T. 892070); **SÃO JOSÉ**, R. dos Anjos, 41-A (T. 570730); **VERITAS**, R. da Misencórda, 135 (T. 327564); **MACEDO**, E. Poço do Chão, 69-C (T. 703697); **IVONE**, R. Silva Carvalho, 232-C (T. 650760); **TAGUS**, R. Possidónio da Silva, 162-A (T. 669485); **GRIJÓ**, R. do Grilo, 25 (T. 385264); **OCIDENTAL**, R. D. Jerónimo Osório, 18-D (T. 610256); **CRUZ NUNES**, P. Duque Saldanha, 14-15 (T. 41845); **CABRITA**, Parque Residencial Miraflores, lote 12 (T. 2101486); **MONSERRATE**, R. Guilherme Gomes Fernandes, 31-A (T. 911139); **CRUZ CORREIA**, E. Santo Eloi, 41-A (T. 992453).

REFORÇO

PROBIDADE, R. de Alcântara, 15-A-B (T. 638589); **DÉLIO**, R. Açores, 32-34 (T. 572388); **NOVA LISBOA**, R. Guilhermina Suggia, 12 (T. 887721); **AURÉLIO REGO**, C. da Estrela, 139 (T. 661758); **ALMEIDA DIAS**, L. da Graça, 38-39 (T. 661758); **MIRANDA**, Campo Pequeno, 36-B-C (T. 770776); **CENTRAL DO LUMIAR**, Al. das Linhas de Torres, 254-B (T. 798063); **OLIVAIS**, R. Alves Gouveia, 19 (T. 311237); **CURIE**, Av. Madame Curie, 15-A (T. 778439); **FERNANDES**, R. São José, 187 (T. 326476); **CORREIA**, E. Principal, lote 172 (T. 993148); **VAZ MARTINS**, R. António Ferro, 6-A (T. 970660); **NOVA**, R. Açores, 11-A (T. 910305); **MATOS**, T. Prioras (T. 2519939).

Linha de Sintra

AMADORA: Girassol, R. Elias Garcia, 17-C (T. 974161). Permanente; **Helénica**, R. Elias Garcia, 2 (T. 933613). Até às 22 horas; **DAMAIA: Confiança**, R. D. Maria II, lote D (T. 9710231). Até às 22 horas; **QUELUZ: Serra & Pinto**, Av. D. António C. Sá, 50-GE (T. 957619); **CACÉM: Araújo e Sá**, E. de Paço de Arcos, lote 1-B (T. 2940781); **MEM MARTINS: Miranda Garcia**, E. de Mem Martins, 172 (T. 2914103). Permanente; **MERCÊS: Claro Russo**, R. Abade Faria, 2-A (T. 2915275). Das 9 às 13 e das 15 às 21 horas; **RIO DE MOURO: Riomouro**, Av. Óscar Monteiro Torres, 8 (T. 2960194). Das 9 às 23 horas; **S. PEDRO DE SINTRA: Valentim** (T. 980456). Permanente; **COLARES: Abreja** (T. 299088).

Linha de Cascais

TIRES: Guimarães, L. Duartes, lote A-r/c (T. 2441616). Até às 22 horas; **ALCABIDECHE: Carvalho**, B. João P. Correia, 40-B (T. 2690363). Até às 22 horas; **PORTO SALVO: Ferreira Bastos**, R. D. Firmino Rebelo (T. 2421015). Até às 22 horas; **MALVEIRA DA SERRA: Luz**. Até às 22 horas; **OEIRAS: Mourão Vaz**, Av. Moçambique, 18-C (T. 2437196). Até às 22 horas; **NOVA OEIRAS: Leal**, Quinta das Palmeiras, lote 24-r/c (T. 2478737). Permanente; **CARCAVELOS: Vilar**, Av. Mana da Conceição, lote 8 (T. 2470777). Permanente; **S. DOMINGOS DE RANA: Godinho da Silveira**, Av. Sabóia, 29-B (T. 260085). Até às 22 horas; **PAREDE: Alsir**, Av. Gago Coutinho, B. Caixas de Previdência (T. 2472948). Permanente; **MURTAL: Primavera**, R. das Parreiras, 2 (T. 2472278). Até às 22 horas; **SASSOEIROS: Amaral Semblano**, Quinta das Encostas. Até às 22 horas; **MADORNA: Madeira**. Até às 22 horas; **AMOREIRA: Abrantes**, Vivenda Maria Carlos Anj. (T. 2682313). Até às 22 horas; **MONTE ESTORIL: Ostende**, R. de Espinho (T. 260391). Até às 22 horas; **CASCAIS: A. Costa**, R. Freitas Reis, 24-C (T. 280214) Permanente.

Outra banda

ALMADA: Macedo Henriques, R. Bernardo F. Costa. Até às 22 horas; **LARANJEIRO: Feijó** (T. 2490911). Até às 22 horas; **COSTA DA CAPARICA: Higiénica**, Av. da República (T. 2400020). Até às 19 horas; **BARREIRO: Normal** (T. 2073035). Permanente; **SETÚBAL: Costa**, R. da Misericórdia, 48; **Brasil**, P. do Brasil, 14.
SESIMBRA: Lopes, R. Cândido dos Reis, 21 (T. 2233028); **AMORA: Nobre Guerreiro**, R. Dr. Emídio G. Mendes, 314 (T. 2212923); **SEIXAL: Godinho**, L. da Igreja, 51 (T. 2218580); **MONTIJO: Giraldes**, R. Almirante Reis, 45 (T. 2310008); **MOITA: Silva Rocha**, P. da República, 16 (T. 239029); **ALHOS VEDROS: Portugal**, Av. da Bela Rosa, 8 (T. 204250); **ALCOCHETE: Nunes**, L. Coronel Ramos da Costa, 10 (T. 234137).

LOURES: Saraiva, Av. da República, 86 (T. 2530029). Permanente; **MOSCAVIDE: Pedro Gomes**. Permanente; **SACAVÉM: Lourenço**, R. Almirante Reis, 31 (T. 2518151) Até às 22 horas.
CAMARATE: Batalha (T. 2518669). Até às 19 horas.

Porto

DE DIA E SO ATÉ ÀS 22 HORAS

PEREIRÓ, R. da Preciosa, 35; **ORDEM DA TRINDADE**, R. Heróis e Mártires de Angola; **CARNEIRO BARBOSA**, R. Firmeza, 99-A; **DA AREOSA**, R. D. Afonso Henriques, 1-5, Areosa; **MIRAPAULO**, R. Castelo de Numão, 37.

DE DIA E TODA A NOITE

HERCULANO, R. Alexandre Herculano, 384; **TERREIRO**, R. da Rebolera, 21; **BARROS**, R. do Bonjardim, 1292; **VITÓRIA**, R. S. Roque da Lameira, 756; **MAIA**, R. do Campo Alegre, 192

Coimbra

DAS 9 HORAS ÀS 9 DO DIA SEGUINTE

BAPTISTA, P. da República, 9-10 (T. 23747); **RAINHA SANTA**, R. Figueira da Foz, 11-B (T. 24737).

PORTE PAGO

DL

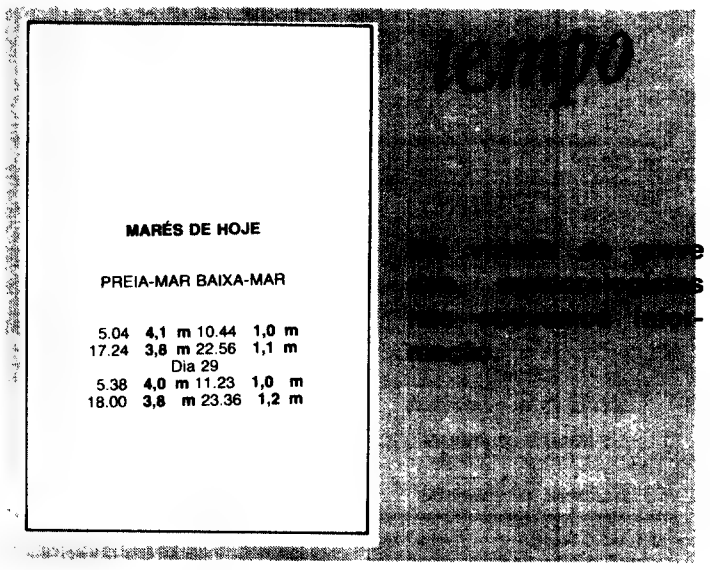
PROPRIEDADE, COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO:
RENASCENÇA GRÁFICA, SARL
Administração, Redacção, Serviços Técnicos e Publicidade:
RUA LUZ SORIANO, 44 – 1200 LISBOA
Telefones: 321154/5 – 320271/2/3
Publicidade: 368740

Agentes, Assinaturas e Contabilidade:
Rua Castilho, 165-1.º – 1100 LISBOA
Telefones: 854531/2/3

Serviço de noite (depois das 21)
Porteiro: 321154
Redacção: 320271/2/3
Mensagens gravadas: 320229

Endereço telegráfico DIBOA
Telex 12363 LISBOA PORTUGAL

Delegação do Porto:
Rua do Almada, 30-2.º – 4000 PORTO
Telefones: 20954/5



últimas

MARIA DE LURDES PINTASILGO, ex-primeira-ministra falará amanhã pelas 21 e 30 sobre «Esperança na Cidade» numa conferência do Graal (Movimento Internacional de Mulheres Cristãs), que terá lugar no Porto na igreja de Cristo-Rei.

MÁRIO TOMÉ (UDP) disse hoje no Parlamento que o Governo se «confronta com o repúdio dos trabalhadores» e que «é necessário atirá-lo pela borda fora». O deputado da UDP apelou à unidade dos trabalhadores para a greve geral de 12 de Fevereiro e defendeu que a UGT deve também convocá-la «para não ficar ainda mais isolada». Mário Raposo (PSD) evocou a seguir António Sérgio e o pensamento sergiano que considerou a inspiração europeia do povo português.

CONDENADO POR ATENTADO À SAÚDE PÚBLICA em apenas 15 dias de prisão, naturalmente remíveis a dinheiro, e 120 contos de multa, o comerciante de hotelaria Manuel Pereira do Couto, de 52 anos, que respondeu no Tribunal de Polícia do Porto. Na qualidade de sócio-gerente do restaurante «Solar da Beira» situado no Largo Soares dos Reis, assumiu a responsabilidade pelo elevado número de produtos alimentares putrefactos que foram encontrados no frigorífico do estabelecimento pelas brigadas da D-G da Fiscalização Económica. Recorreu da sentença.

RECLUSO AGREDIDO NA CADEIA por parte de três guardas prisionais deu origem a um inquérito pelo director da cadeia de Custóias. Seria a mãe do jovem detido, Abel Justino Leite Veloso, de 19 anos, quem ao visitá-lo o encontrou em lastimoso estado. No dia seguinte nem seria autorizada a vê-lo com falsas desculpas apresentadas pelos funcionários carcerários.

Desempregados da Reforma Agrária desembarcaram em S. Bento

Quem passasse ontem por S. Bento, ao princípio da tarde, deparava com umas centenas de pessoas concentradas junto às escadarias que dão acesso à Assembleia da República. O que não tem nada de original, pois desde que a AD se tornou Governo o descontentamento multiplica-se em cadeia, ganhando foros de cidade. Daí o protesto, a manifestação e a greve, direitos que se exprimem quase diariamente.

Só que aqueles trabalhadores calcurriaram quilómetros para estar ali. Vieram do Sul – da zona da Reforma Agrária. Eram desempregados e, na maioria, mulheres. Da Salvada, uma povoação do distrito de Beja, vieram onze operárias agrícolas, o que não significa que sejam as únicas na situação de desemprego. Há muitíssimas mais. «Mas os meios de transporte eram escassos e o dinheiro também não havia suficiente para a deslocação a Lisboa...», disse Maria Adelaide, da cooperativa «Terra de Pão».

Por leviandade, talvez, ainda existem cidadãos portuguesas que jlugam os actos dos trabalhadores da Reforma Agrária como puro folclore ou ditados por forças que os manipulam como se fossem títeres. É uma triste ideia da realidade. A propósito Maria Adelaide, um tanto moída perante a incompreensão que certa gente demonstra face ao drama dos assalariados rurais contou que um jornalista lhe perguntara o que «tinham vindo fazer os alentejanos a Lisboa». Este deve ter caído de pára-quedas de qualquer sítio. Talvez de Marte, pensou. «Então não sabe que nos empurraram para o desemprego e que nos roubam as terras? Não sabe que andamos já há uma data de anos à bulha com os Governos que não respeitam a Constituição?», pensou. «Agora já não fastam as reservas como, ainda, os agrários enterram a azeitona para evitarem contratar os trabalhadores», afirmou ao «DL».

Entretanto, uma delegação dos desempregados, constituída por representantes dos Sindicatos Agrícolas de Beja, Évora, Portalegre, Santarém e Setúbal, foi recebida pelos grupos parlamentares da UEDS, MDP, PS e do PCP, a quem forneceram explicações sobre o motivo que trouxe os trabalhadores a Lisboa. Com os deputados comunistas e socialistas demoraram uns minutos à conversa, tendo encontrado neles a receptividade e a solidariedade que esperavam. Também a UEDS lhes manifestou o seu apoio verbal, tendo o seu porta-voz adiantado que embora «sendo um grupo pequenino e sem grande força» não deixava, por isso, de considerar que os trabalhadores da Reforma Agrária tinham toda a razão.

Ao PSD e à ASDI limitaram-se a entregar um memorando. E ao CDS não deram qualquer cavaco. Ignoraram-no, rigorosamente. Lá sabem porquê. «O Partido Comunista mostrou-se preocupado com o desemprego que grassa na zona da Reforma Agrária até porque conhece bem a questão... e o Partido Socialista garantiu-nos que iria fazer tudo o que estivesse ao seu alcance. Sobre a Constituição o deputado Manuel da Costa disse que, de início, o seu partido ainda admitira algumas alterações na matéria da Reforma Agrária mas que, agora, vão lutar para que as coisas fiquem como estavam. Esta foi a versão que nos transmitiu Maria Luísa Salsinha, dirigente do Sindicato Agrícola de Évora.

Por sua vez, Manuel da Costa a quem tivemos a oportunidade de contactar nos corredores de S. Bento, revelou qual era a disposição do seu partido, neste momento relativamente à Reforma Agrária. **«Não há dúvida que a política do Governo é anticonstitucional e ilegal como provam as resoluções do Supremo Tribunal Administrativo no referente aos recursos apresentados pelos trabalhadores.»**

Manuel da Costa acha que o problema da Reforma Agrária não pode ser encarado em termos meramente economicistas. Trata-se, antes de tudo, de um problema de carácter social. **«Todas as transformações deverão ser encaminhadas com vista à satisfação das necessidades básicas das populações. A experiência vivida nos campos do Alentejo, após o processo revolucionário, com todos os defeitos que lhe possam ser imputados (e nós pensamos que os tem), resolveu o problema daqueles a que eu costumo chamar as «gentes» da Reforma Agrária que não são somente os que trabalham a terra mas ainda os comerciantes, pequenos industriais, proprietários de tascas e casas de comes e bebes...»**

Quanto à revisão constitucional, o PS, segundo Manuel da Costa, pretende **«deixar as coisas como estão»** no tocante à matéria da Reforma Agrária. **«Será a maneira de manifestar a nossa contestação ao comportamento deste Governo...»** O deputado socialista não nega ter havido uma ligeira viragem na atitude do seu partido. **«Na verdade admitíamos introduzir algumas alterações correctivas que não se propunham pôr em causa as expropriações e a nacionalização dos solos mas sim com vista a um melhor aproveitamento dos mesmos. Eram apenas alterações de ordem técnica...»** Mas agora nem isso. Nem uma vírgula será alterada. Esta posição do PS tem, portanto, um cariz de protesto moral. «A proposta da AD é no sentido de que a Reforma Agrária acabe mais dia menos dia.» frisou Manuel da Costa. No seu entender a AD esconde cartas na manga. Sobretudo no que diz respeito à entrega de terras a «pequenos agricultores e pessoas sem terra» nos termos de direito pleno. Não defende isto por questões de justiça. Quem vai acreditar? **«Eles sabem que os alentejanos não sentem grande apego à terra e que facilmente, numa situação difícil, são capazes de ceder às tentações de a vender se as propostas forem sedutoras. Essa seria a maneira de os agrários reconstituírem os antigos latifúndios. Iam comprando, comprando... até atingir o seu objectivo.»**

Com que dinheiro? Perguntámos, sem ponta de ingenuidade. Havia intencionalidade, da nossa parte. **«O capital não tem pátria nem cor. Alguém estará interessado em financiar este tipo de operação sobretudo se, por detrás dela, houver um objectivo de índole política mais amplo.»**

Constou-nos que a AD se anda a preparar para a ataque à Companhia das Lezírias. Evidentemente, que o fará de uma forma hipócrita e subtil, com pezinhos de lã. Não entrará logo a matar. Virá possivelmente, com a máscara de «amor» pelos pequenos agricultores. Com a benemérita proposta da divisão da terra em lotes por muitos. De formar empresários agrícolas, a granel. Quanto mais melhor. **«Ainda não sabemos, ao certo, o que se passa mas temos informações nesse sentido. É previsível que o faça pois a sua vocação é reprivatizar tudo, directa ou indirectamente.»**

Manuel da Costa, na qualidade de deputado do PS pensa ir ao distrito de Évora, em princípios de Fevereiro, a fim de se inteirar de algumas situações (terras abandonadas, azeitona perdida e desleixo de culturas) apontadas no «dossier» que os trabalhadores lhe entregaram. E fá-lo porque para ele a Reforma Agrária funciona como «o emblema do 25 de Abril».

L.F.

Para debater actividade futura

Comissão Política do PS reúne amanhã no Rato

A Comissão Política do Partido Socialista reúne-se amanhã, na sede do Largo do Rato, com uma agenda sobrecarregada, mas virada fundamentalmente para o interior do partido.

Os membros daquele órgão do PS vão debater a situação política; aprovar documentos já debatidos na Comissão Nacional, (o orçamento e o plano de acção para 1982, a actualização de quotas e o Estatuto e carreira dos funcionários); receber informações sobre as comissões especializadas da Comissão Nacional; analisar o documento apresentado pela comissão organizadora da Convenção Nacional sobre Estratégica Autárquica e conhecer as actividades da Comissão Teécnica Eleitoral.

No ponto referente à situação política é provável que se comecem a analisar propostas para a «campanha de Inverno» do PS, nomeadamente que se estabeleça a data para a apresentação na Assembleia da República de uma moção de censura, na sequência do debate de política geral...

Objecção

Fontes socialistas confirmaram à ANOP a notícia revelada no «Tempo», segundo a qual os deputados do PS se comprometeram a avisar com antecedência a direcção parlamentar caso faltem às votações da revisão constitucional.

O compromisso foi tomado na reunião da Comissão Política da última segunda-feira para obviar a casos de consciência dos deputados afectos ao ex-Secretariado que contestam a linha política da direcção do partido.

Nos termos do compromisso, a objecção de consciência terá de ser comunicada à direcção do grupo parlamentar com oito dias de antecedência de maneira a conseguir-se a substituição dos «deputados refractários».

«Os substitutos entram na condição de cumprirem a disciplina partidária» – afirmou à ANOP a fonte socialista que disse acreditar que «não vai haver qualquer deputado com objecções».

Reunião

Delegações da UEDS e da ASDI reuniram-se em S. Bento para apreciação da actual situação política e social.

As delegações constituídas por Lopes Cardoso (UEDS),I Hasse Ferreira (UEDS) e Magalhães Mota (ASDI) trataram também das actuações a desenvolver no âmbito de cada um dos partidos tendo em conta a presente situação.

Um comunicado conjunto dos grupos parlamentares dos dois partidos distribuído ao fim da tarde não adianta qualquer informação detalhada sobre os pontos focados no encontro.

CASA DA SORTE

Informação dos números mais premiados na extracção de hoje da LOTARIA NACIONAL

1.º PRÉMIO – 57 570 – 42 000 CONTOS
2.º PRÉMIO – 10 – 6 000 CONTOS
3.º PRÉMIO – 29 541 – 3 000 CONTOS

Consulte a Lista Oficial e habilite-se para a próxima extracção aos balcões da CASA DA SORTE em LISBOA · PORTO · COIMBRA · BRAGA · SETUBAL · FARO

OUTROS PRÉMIOS

APROXIMAÇÕES AO 1º PRÉMIO
57.569 – 330.000$00
57.571 – 330.000$00

PRÉMIOS DE 120 CONTOS

1.166; 3.109; 4.222; 7.159; 8.142; 9.132; 10.435
14.295; 16.257; 16.923; 18.189; 19.466; 21.006; 24.544
26.264; 27.468; 28.142; 28.807; 29.236; 30.269; 39.6..
42.654; 48.502; 50.935; 51.748; 57.680; 60.599; 60.912
61.642; 62.429; 63.333; 63.959; 64.623; 67.527; 69.227
69.372; 71.697; 71.770; 75.713 e 77.358.

PRÉMIOS AOS ALGARISMOS FINAIS

18.000$00 – 065, 222, 252, 262, 553, 558, 690, 697, 841 e 955
15.000$00 – 010, 541 e 570
6.000$00 – 42 e 52
3.000$00 – 0 (terminação)

PRÉMIOS DE 9.000$00 (CENTENAS)

1 a 100; 29.501 a 29.600 e 57.501 a 57.600

NOTA: O direito aos prémios prescreve em 28/07/82

ESTA INFORMAÇÃO NÃO CONTEMPLA A ACUMULAÇÃO DE PRÉMIOS, NEM DISPENSA A CONSULTA DA LISTA OFICIAL

Lotaria Especial de Fevereiro — 42.000 contos
Apenas por 3.000$00
CASA VIOLA — Lotarias Ld.ª
Rua da Assunção, 67, Lisboa/Av. Central, 87 Braga

FÉRIAS NA MADEIRA
1 SEMANA
PARTIDAS:
Semanais aos Domingos (todo o ano)
Preços desde: 10.980$
INCLUINDO:
• Viagem em avião a jacto da ap
• Estadia no Hotel
• Transportes em terra
• Visita turística
• Seguro de viagem 1000 contos
• Assistência de delegado
PROGRAMAS E INSCRIÇÕES
abreu
Fundada em 1840
LISBOA Av. Liberdade 160 Telef. 371341
» Av. Roma 66 B Telefs. 803609
PORTO Av. Aliados 207 Telef. 317921
COIMBRA Rua Sota 2 Telefs. 27011 2
FARO Av. Repúblico 124 Telefs. 25035 6
FUNCHAL Rua Gorgulho 1 Telefs. 31077 8
CONSULTE SEU AGENTE DE VIAGENS

LONDRES
FÉRIAS OU NEGÓCIOS
PARTIDAS SEMANAIS EM AVIÃO ESPECIAL ap
SÉRIE A - Domingos (todo o ano)
Preços excepcionais desde * 14.900$
* a vantagem dos voos especiais
Reduções especiais: Famílias, Noivos, Terceira idade, Crianças e Jovens
Peça-nos também o programa LONDRES E ESCÓCIA
PROGRAMAS E INSCRIÇÕES
abreu
Fundada em 1840
LISBOA Av. Liberdade 160 Telef. 371341
» Av. Roma 66 B Telefs. 803609
PORTO Av. Aliados 207 Telef. 317921
COIMBRA Rua Sota 2 Telefs. 27011 2
FARO Av. Repúblico 124 Telefs. 25035 6
FUNCHAL Rua Gorgulho 1 Telefs. 31077 8
CONSULTE SEU AGENTE DE VIAGENS

DL ler/escrever

N.º 46 ● 28 de Janeiro de 1982

Suplemento Literário

«LEVANTADO DO CHÃO»
Espaços e movimentos

Maria Lúcia Lepecki

«A complexidade é (...) um fenómeno (...) imposto pelo real **e que** não pode ser repelido. **O que deve ser combatida é a** simplificação arrogante, que oculta o ser e a existência em proveito da formalização, **que** reduz **as entidades globais aos seus elementos constitutivos, que julga ter isolado um objecto do seu meio ambiente e do seu observador quando isso é impossível. (...) ponho (...) o** problema incontornável da complexidade.»

As palavras de Edgar Morin, tomadas à entrevista reproduzida em Sete Ponto Sete (Diário de Lisboa, **11/12/1981), servem-me simultaneamente de introdução e a justificativa para um novo artigo sobre** Levantado do Chão, **de José Saramago. Motiva-me o retorno ao convívio do romance, a consciência de uma complexidade que ainda se me impõe e que recuso repelir. Justifica-me o receio de, tendo construído uma leitura em função das vozes narrativas, ter nela simplificado (com involuntária arrogância?) o ser e a existência do livro. Quero tentar ultrapassar a possível dimensão reducionista da minha análise anterior (publicada em** JL **nos finais de Outubro passado) apontando um outro modo pelo qual eu, «observadora», posso novamente – e quero dizer 'de novo' e 'em nova perspectiva' – procurar sentidos para a escrita cujo corpo tenho diante de mim. Vou, já o sabia, mas aceitei o apoio de Morin para o dizer, pôr o «incontornável problema da complexidade» de qualquer texto literário, representado na complexidade de** Levantado do Chão.

1

NO artigo publicado em **JL**, analisei o romance de Saramago como tecido de vozes que, narrando e documentando, criam dimensão histórico-política e pedagógica para a história contada. Hoje pretendo descrever a problemática espacial e visual, outro modo como o histórico-político («verdades» ficcionais, mas não só) e o pedagógico (percurso orientado para o conhecimento da «verdade») se constroem, reiteram, reforçam.

Foi difícil encontrar o melhor modo de abordar a questão do espaço. Fiz-me ajudar, então, de Piaget, em **A Construção do Real na Criança,** especificamente no capítulo «O Campo Espacial» onde se pode ler que, no início da elaboração das relações espaciais, para a criança «apenas existe um espaço prático ou, mais precisamente, tantos espaços práticos quantos os supostos pelas diversas actividades do sujeito, que **permanece fora do espaço na justa medida em que se ignora a si mesmo.** No outro extremo, o espaço é uma **propriedade das coisas,** o quadro de um universo **em que se situam todos os deslocamentos, incluindo aqueles que definem as acções do sujeito como tal;** portanto o **sujeito compreende-se no espaço** e **relaciona os seus próprioe deslocamentos com todos os outros, em conjunto** (...)». A citação, cujos sublinhados são da minha responsabilidade, tirei-a da página 94 da obra citada de Piaget, e interessa-me agora por permitir um início de análise da construção espacial de um texto cujo efeito de leitura, sendo auditivo (é produto das «vozes») será também óptico, visual e, mais ainda, cinemático por resultar da **minha** (leitora) percepção de **corpos em movimento.** Anoto que não tratarei aqui a problemática específica da construção do sujeito narrador de **Levantado do Chão** enquanto sujeito de socialização do próprio espaço. Não posso, contudo, deixar de dizer que esta seria, ainda, uma forma de respeitar e apontar a incontornável complexidade do romance de Saramago.

Diria, liminarmente, que o efeito espacial-cinemático em **Levantado do Chão** dimana do modo como o Narrador principal se inclui no espaço («quadro», «universo») do narrado, nele percebendo tanto os próprios deslocamentos como os de outros. São estes últimos, por **percebidos,** a origem da necessidade narrativa. Como quem **vê primeiro** as deslocações (o Narrador principal) está próximo dos que se deslocam, é testemunha presencial de grande número de factos, surge a necessidade e verosimilhança de que a narração se faça em primeira pessoa. Desde aqui institui-se **a movimentação do sujeito narrador.** Numa primeira instância, aquela será **deslocação consciente** ao longo do discurso que a outras deslocações contém.

Visualizando a própria deslocação, sabendo-se parte do espaço socializado no encontro-desencontro de vários movimentos, porque se documenta a si mesmo enquanto o faz ao outro, o Narrador principal contamina-se do estatuto de personagem. Sujeito do e no espaço que durante a leitura vamos visualizando, ele não vê apenas os deslocamentos interiores ao texto (os seus e os das personagens). Conhece também os do Leitor, cujos percursos simultaneamente diversifica a disciplina para que «quadro» e «universo» – espaço – produzam, com possíveis variantes, apenas um tipo-base de mensagem.

Porque conhece deslocações **mais** e **menos** internas ao texto em si, o Narrador principal cria macro-espacialidade, extensão cósmica onde cabem os três vértices da comunicação: emissor, mensagem, receptor. Criador, por o fazer e compreender (entender e ter dentro de si), do espaço onde todos nos envolvemos, o Narrador é também **estrada,** organizador de percursos e de sentidos no espaço. Sua voz e subjectividade – estatuto de sujeito activo – trazem-me a história. Do mesmo passo, conduzem-me para dentro do narrado até porque lá me coloca, representada de várias formas (por exmplo, nas apóstrofes que me dirige). Sabedora, também eu, da inteireza e complexidade dos deslocamentos, inclusivamente dos meus próprios, posso ser, então, também sujeito de constituição consciente de espaço.

Estrada por onde transito, o Narrador principal é simultaneamente meu guia, iniciador. Sinto-lhe a posição intermédia, por sua mão caminho e, sabendo-o a meu lado, objectivo-o e sei que ele se desloca também junto com os outros corpos do texto. Em outra perspectiva o posso objectivar. E ele é, agora, o **ponto** de onde partirão as linhas-limites do espaço cósmico. Plural e plurívoco, o Narrador principal é alternadamente personagem, sujeito de narração ou, achegando-se ao leitor, sujeito de leitura (e «finge» habitar, comigo, o espaço «exterior» ao texto). Daqui, do lugar externo, e sempre como incontornável complexidade, o Narrador prin-

Continua na pag 2

O «PRÉMIO CIDADE DE LISBOA» ATRIBUÍDO QUATRO VEZES

Uma cidade é cidade quando se reconhece nos seus cidadãos. Quando os menospreza, e neles não se sabe reconhecer, é um mero ponto obscuro no mapa de um país. Ora Lisboa, mais clara depois de Abril, começou a ter o hábito de reconhecer-se naqueles que a habitam. E logo se tornou mais cidade e os seus cidadãos mais cidadãos. Um mútuo encontro...? Antes a busca de um encontro demorado. Que horas são...? Cedo ainda para que cidadãos e cidade sejam um espelho recíproco.

Sucede, no entanto, que os olhos da Democracia já lêem. E, lendo, optam livremente por este e aquele título. Assinam, por assim dizer, a palavra escrita dos escritores. **Distinguem.** Dizem (se é que os olhos falam): «Eis aqui o vosso prémio!» E eis que então surge, por exemplo, o «Prémio Cidade de Lisboa!» É todo um processo de escolha e, por fim, a síntese de um nome só.

Que nomes até agora...? Maria Velho da Costa («Casas Pardas»), Carlos de Oliveira («Finisterra»), Augusto Abelaira («Sem tecto entre ruínas») e José Saramago («Levantado do chão»). E porque a cidade a todos deu o nome luminoso que é o seu, mais claras se tornam as letras pelas quais os cidadãos se buscam, se encontram, se confrontam. Aqui, numa esquina do mundo, numa esquina de Lisboa. ●

«LEVANTADO DO CHÃO» • «LEVANTADO DO CHÃO» • «LEVANTA

Continuação da pág. 1

cipal produz o efeito de autenticidade histórica.

Nesta ainda muito inicial exploração da problemática da espacialidade em **Levantado do Chão,** retomo Piaget: «o espaço não é, de modo algum, a **percepção de um continente** mas a de **conteúdos,** isto é, dos **próprios corpos;** e se o espaço se torna, em certa acepção, em **continente,** isto ocorre apenas **na medida em que as relações que constituem a própria objectivação desses corpos logram coordenar-se entre si até formarem um todo coerente».** Dois aspectos são de destacar neste passo: a coordenação entre os corpos e a percepção (coordenada) dos mesmos corpos. O primeiro ponto pode conduzir à indagação da natureza e da conformação do «todo coerente» no romance. Ele parece configurar-se a partir da coordenação de três tipos de objectos: o Narrador enquanto tal, as personagens (história) e o Narrador como personagem e, finalmente, o Leitor. Criam-se os três objectos no **discurso** o qual, por seu turno, é também criatura do Narrador na sua qualidade de discursador. E eis com este se localiza 'mais de dentro' e 'mais de fora' do texto enquanto narração. Eis como o Narrador se faz personagem **cuja função é falar.** Eis como ele é origem do inteiro espaço textual, de onde e sobre o qual nos irá falar.

Criados pelo Narrador principal, os objectos dão-se também mutuamente origem – eles coordenam-se, são espaço – em **aparente autonomia,** na qual se vai fundamentar, creio a pro funda **ilusão de realidade** d romance.

A (ilusória) criação mútua e autónoma dos objectos faz-se de forma tão íntima, tão indestrinçável que é mesmo o caso de, novamente, evocar a «incontornável complexidade». Um todo coerente e complexo, alargado «para fora», para o seu lugar de leitor, ultrapassa as fronteiras físicas da escrita – das letras nas páginas – e cria macro-espaço pela coordenação (inusitada? ou naturalmente literária?) de corpos em princípio definíveis como inteiramente interiores ao narrado, a ele simultaneamente interiores e «MAIS EXTERIORES» e, finalmente, «totalmente – em aparência – exteriores». O macro-espaço, parecendo ultrapassar o território do texto é, afinal, sempre a escrita, pois só aqui podem existir sujeitos narradores, sujeitos narrados e sujeitos a quem se narra.

Cada objecto que, existindo «de per si» cria a espacialidade em **Levantado do Chão** é simultaneamente sujeito, pois está em situação de perceber a outros e a si mesmo, consequentemente estando em processo de construção de espaços . . . e de real. O leitor percebe o objecto-texto, como discurso e como narração. O Narrador principal visualiza as personagens, a si mesmo e ao Leitor. As próprias personagens, quando assumem vozes narrativas, vêm às outras personagens, ao Narrador principal e a si mesmas, pois todo o discurso institui o **eu.**

Uma nítida cadeia de visualizações vai-se criando, origem do efeito **óptico** do romance. Como tudo o que se vê está em movimento, o efeito óptico especifica-se em **cinemático.** Para além disto, cada objecto em deslocação produz (e é) fonte energética que vai modificar tanto a posição quanto o modo de percepção espacial de outros corpos. Convergem as fontes energéticas em pontos privilegiados do espaço, onde se dão choques («conflitos» entre personagens, entre Narrador e história contada, entre Narrador e discurso, entre Narrador e Leitor). No que concerne à leitura, o influxo energético do texto obriga a um determinado sentido, mas a minha energia leitora – efeito da minha movimentação perceptiva – retroage e eu posso obrigar, até certo ponto, o texto a organizar-se de acordo com o meu desejo. No ponto preciso onde se chocam as energias cinéticas do texto e minhas, produzo o sentido, síntese do percurso de dois movimentos. E o espaço que então «represento» (Piaget) compreende-me a mim mesma, Leitora, energia em produção tanto quanto produtiva.

2

NASCIDO da atenção a corpos e movimentos, o efeito cinemático em **Levantado do Chão** apresenta duas variantes: a cinematográfica e a televisiva, configuradas por processo contrastivo pois só me apercebo do televisivo por diferença em relação ao cinematográfico e vice-versa. Além disto, todo o efeito cinemático existe como oposição e diferença em relação aos efeitos auditivos também presentes – e como! – na leitura. O percurso da voz ao ouvido é, como tentei demonstrar no meu outro artigo já aqui citado – um dos modos como **Levantado do Chão** produz efeito de veracidade.

Se o percurso do objecto ao olhar só se percebe em função (oposição) do auditivo, é natural haver entre os dois **trânsitos** uma comunidade de funções. E, realmente, parece defensável a idéia de que a impressão de cinemática é o segundo modo como o romance documenta a verdade e a ensina, reproponde-se, assim, como histórico, político, ideológico e pedagógico.

Cinema e televisão, artes visuais e cinemáticas, têm evidentes traços comuns no modo de feitura e de recepção. Semelhantes em alguns aspectos (imagem, som, movimentação, limitação no **écran),** em outros, contudo, se diferenciam. E fazem-no, principalmente em termos da **qualidade** do efeito de realidade e das **resultantes** que o mesmo efeito potencia.

Num primeiro momento de aproximação do problema, importará pôr em relevo a indiscutível – embora diversa, para cada caso – função **criadora de efeito de autenticidade** tanto de cinema quanto de televisão. Ambos os discursos, por outro lado, além de **«produzir real autêntico»,** produzem-no de modo inarredavelmente persuasivo, convincente, susceptível de compelir o espectador a reacção (recepção) sem paralelo em outro tipo de comunicação.

Lotman, em **Estética e Semiótica do Cinema,** falando embora apenas do último, sintetiza a questão de base do modo de comunicação dos dois **meios** quando afirma ser «a ilusão de realidade (...) propriedade inalienável do cinema» cuja proposta de conteúdo e valor «o espectador vive emocionalmente como um acontecimento real» e em cuja «autenticidade» tem «crença emocional». Os caracteres de comunicação apontados por Lotman aplicam-se perfeitamente – e desde que se mude o que deve mudar-se para a especificidade de cada caso – ao cinema, à televisão e ... a **Levantado do Chão.** De facto, o romance joga com clareza na ilusão de realidade (e por este lado toca a grande tradição da narrativa de representação) para produzir efeito de veracidade e «História».

O espectador «crê **emocionalmente»** na autenticidade da comunicação cinematográfica – e, acrescento eu, mais emocionalmente ainda crê na TV – vivendo **emocionalmente,** como real, o que vai no **écran.** Realçando a repetição por Lotman, do valor da emocionalidade na comunicação cinematográfica, anoto que em **Levantado do Chão** ela é sistematicamente solicitada, reiteradamente pedida de variadíssimos modos. Emocional o texto é por dialogal. A troca de palavras cria, entre Narrador, personagens e Leitor uma peculiar cumplicidade afectiva decorrente da aproximação dos espaços, da **distância pouca** entre os **olhos** de um e a **figura** de outros, construída a partir da transformação metonímica de vozes em corpos. De novo será emocional a escrita quando o Narrador nos pede um juízo de valor sobre o contado, juízo que só posso emitir (porque o texto a isto me compele) em estado de participação **compassiva** – e vai o termo com a carga etimológica que tem – nos acontecimentos. Retorna o vector emocional na escrita encantatória, feita de períodos longos, burilados, rítmicos, não raro melopeicos. E se acreditarmos, como Auerbach, ser a coordenação o modo privilegiado pelo qual se expressam as contradições dramáticas, a mesma coordenação, traço estilístico reiterado em **Levantado do Chão,** poderá ser ainda outra maneira de se construir em emotividade (em compulsão do **meu emocionar-me)** o romance.

A sabedoria com que o Narrador principal e, através dele o Autor, está no que nos conta parece ser o ponto de equilíbrio a partir do qual **Levantado do Chão** controla um possível excesso de emocionalidade. Sábio e criterioso sobre os limites da sua entrega àquilo mesmo que vai mostrando, o Narrador principal desde sempre limpou a sua história de qualquer sombra de melodrama. Nela a emoção de quem fala não e arroubo, sendo sentimento e participação; não é grito, sendo violenta e violência. É o harmónico estar, em sofrimento, do criador com a criatura.

Tendo uma das suas origens no modo afectivo da escrita, da voz que ouvimos, a nossa crença emocional reforça-se, cimenta-se quando **vemos** – lemos óptica e cinematicamente – os corpos em movimento. Desde este instante, o modo de ler vai transmudar **ouvido** em **visto** mantendo, no entanto, e necessariamente, a autonomia do olhar e da audição.

Muitos recursos permitem o trânsito do ouvir ao ver. Talvez o mais expressivo deles, porque mais absolutamente funde voz e corpo material, objecto, seja o recurso pelo qual as vozes dos narradores internos vão a estes transfigurar em materialidades icónicas. Por metonímia, com efeito, cada **voz** ouvida é **boca** vista. Por contiguidade-/continuidade, **boca** será **face** e logo **corpo humano inteiro** e visualizável. Segundo parece, a corporificação por metonímia dimana da atitude do Narrador principal para com quem lhe fala no interior do texto. Com efeito, ele ouve vozes que estão ao seu lado, com as quais eventualmente dialoga. A proximidade auditiva, a comunicação pela palavra entre Narrador principal e personagens narradores faz-se logo proximidade entre **corpos,** objectos no espaço que se desenham, nitidamente, diante dos olhos do Leitor.

Outro dado constitutivo do cinematismo será a sistemática deslocação no espaço ou do Narrador principal ou do seu olhar. Se a segunda deslocação provoca deslocamento do (meu) eixo visual, a primeira altera distâncias narrativas. São-nos, então, propostas diferentes proximidades em relação ao objecto, e eu **vejo** em grande plano (proximidade máxima), em plano de pormenor (e aqui está em causa o olhar superiormente selectivo ou a aproximação crítica), em plano de conjunto (e aparece-me o espaço narrado como tendo a sua sociabilidade própria, complexidade interna) ou em grande angular que abre, quase até ao infinito – e algumas vezes, como na cena final, em posição de **plongé –** os horizontes.

Nas metáforas dinâmicas vai o texto buscar outra fonte de cinemática. Metáforas em presença, adjectivas e verbais apontando simultaneamente a linguagem trasladada e o processo de traslação põem a criação de sentido como, também, um objecto em movimentação no espaço.

Uma das perspectivas possíveis de consideração da cinemática no romance de Saramago mereceria tratamento à parte e pormenorizado: a ritualística. No que me interessa por agora, ela pode ser entendida como causadora do efeito de corporificação/movimentação pois qualquer ritual serve para **materializar** (em pessoas, movimentos no espaço, instrumentos) uma relação de natureza não-material. Os rituais representam, fazem **visíveis,** a relação entre o homem (material) e o sagrado (imaterial). Em movimentação ritualística se pode inserir ao que parece, todo **Levantado do Chão.** Basta lembrar os rituais de nascimento e morte, o da tortura, os variadíssimos rituais do trabalho e, principalmente, a ritualização, feita pelo sujeito do discurso, do próprio modo como nos vai «falando».

Para além de decorrer da efectiva existência de corpos em movimentação, o efeito cinemático do romance estriba-se, ainda, no facto de todas as deslocações ocorreram dentro de lugar limitado («espaço como continente»): o discurso, **écran.** A consciência de que o discurso (narrativo mas não só) é **lugar delimitado** por linhas acompanha o narrador principal. Abordei o assunto, em outra perspectiva, no artigo publicado em JL:» **Quando denuncia o texto como selectivo, o Narrador principal levanta a questão da sinédoque como conatural não apenas da ficção mas de qualquer tipo de discurso. (...) Compreendendo (-o), coloca com a maior clareza, ao Leitor, a problemática da complementação do dito».**

Presença inarredável em qualquer discurso, a sinédoque, representação do todo pela parte no caso que agora me interessa, está também no discurso fílmico (cinematográfico e televisivo) onde a restrição sinedóquica materializa-se de modo evidente, palpável, no écran, limitação que como tal é simultaneamente percebida e esquecida. Sabendo que o **écran** secciona fisicamente a realidade, registamos, nas «franjas do consciente» – e adopto a feliz expressão de Claude-Edmonde Magny – a natureza artificial do que estamos a ver. Esquecendo-nos do **limitado,** cremos emocionalmente. Sobre o **écran,** recorte e restrição sinedóquicos da realidade, diz Lotman: «O mundo do cinema está extremamente próximo da vida. (...) Mas este mundo tem uma propriedade estranha: trata-se sempre não da realidade completa, mas somente de uma parte dela, talhada com as dimensões do **écran.** O mundo objectivo encontra-se aqui dividido em dois domínios: o visível e o invisível, e mal a câmara foca qualquer coisa, imediatamente se impõe a questão de saber não só o que ela vê mas também aquilo que, para ela, não existe. O problema da estrutura do mundo situado para além do **écran** também é, portanto, cinema». (op. cit., p.45).

As palavras de Lotman podem aplicar-se, com inteira propriedade, a **Levantado do Chão,** cujo «mundo» tambe tem a estranha propriedade de não ser a realidade completa e, o que é mais importante, o Narrador principal, sujeito de construção do «mundo» também tem a **estranha preocupação** de o dizer. Lembrando-nos a necessária, fatal (e incontornável?) incompletude do **dito,** o Narrador principal restringe tanto o número de objectos quanto o próprio **écran** – espaço/discurso onde veremos as deslocações. Continente da história, fatalmente delimitado, o discurso obedece a «urgências» – e o termo é de **Levantado do Chão.** Uma preocupação temporal – andar com certa pressa – disciplina o acto de contar. Delimitado, o **écran-**discurso aponta para **além do texto,** para qualquer coisa que, maior que a que leio, está aqui, diante dos meus olhos, sucintamente referida. Configura-se a ausência estruturante com clareza, na seguinte passagem: «Todos os dias têm a sua história, um só

TADO DO CHÃO» • «LEVANTADO DO CHÃO»

minuto levaria anos a contar, o mínimo gesto, o descasque miudinho duma palavra, duma sílaba, dum som, para já não falar dos pensamentos, que é coisa de muito estofo, pensar no que se pensa, ou pensou, ou está pensando, e que pensamento é este que pensa o outro pensamento, não acabaríamos nunca mais».

O território da «história contada» faz fronteira com o das «histórias potenciais», cuja existência as «urgências» impedem. E se, lendo, visualizo objectos coordenados, «mundo», cosmos coerente e pleno de sentido, o Narrador principal não me permite esquecer que a totalidade **desta história** é parte e sinal de totalidade maior. E eu posso complementar o dito, estruturar o visto com o não visto, alargar a minha movimentação muito para além do Continente – terra, paisagem e habitantes – de **Levantado do Chão.** Transpostos os limites da escrita, meus olhos e passos a ela imediatamente retornam. E por causa deste texto, «realidade», eu posso **ver** (e saber) o real histórico, concreto e objectivo que lhe deu raízes.

3

A capacidade de comunicar em imediatismo, intimidade, cumplicidade e aproximação quase absoluta é carácter fundamental da televisão e traço diferenciador entre o **clima** e o modo de recepção do televisivo e do cinematográfico propriamente dito. De imediatismo, intimismo, cumplicidade e proximidade decorre a força persuasiva, pedagógica no sentido lato do termo e, mesmo, **modeladora** que, na TV, é incomparavelmente maior que no cinema. Para além disto, a comunicação televisiva integra uma componente ética que faz o telespectador ideal considerar, por exemplo, toda a informação veiculada pelo pequeno **écran** não apenas como verdade mas como a boa verdade.

Ora, a narrativa de **Levantado do Chão** é, também ela, intimista, próxima, modeladora e envolvente por força do modo como nela se coloca o Narrador principal: muito perto tanto do seu assunto quanto do seu leitor. Por outro lado não está ausente do romance – antes é verdadeira a situação contrária – a componente ética. Propondo a construção de um conhecimento, o texto entende (e diz-nos) ser este o **bom conhecimento** pela simples razão de ter como objecto o concreto, real e objectivo da História tanto quanto da história que lemos. **Intimismo, proximidade, acção modeladora** (aqui entendida como a **pedagogia orientada** a que aludi no meu artigo publicado no **JL**) e **carga ética** seriam, assim, os pontos de contacto primaciais entre o modo de ser dos discursos televisivo e de **Levantado do Chão.** No pano especificamente espacial e visual, na cinemática, surgirão novas convergências entre o romance e a comunicação televisiva.

O primeiro traço basicamente televisual de **Levantado do Chão** – e falo já a nível de construção do **discurso icónico em movimentação** – será, creio, o ritmo lento da sucessão das imagens. Ao contrário do cinema, a TV suporta mal a velocidade, possível factor de eliminação do intimismo. É vagaroso o discurso do romance de Saramago. O tempo arrasta-se nas descrições circunstanciadas, nas metáforas dinâmicas, para quase paralisar, em relação ao que se narra, nos excursos meditativos do Narrador principal. Tudo tem tempo de chegar até nós, calmamente – para este primeiro efeito televisivo não são chamadas as «urgências» – o que nos permite a assimilação integral do modo de deslocação dos vários objectos com os quais, sem dúvida, nos fundimos. Fazêmo-nos, assim, **íntimos** tanto do mundo representado quanto do sujeito de representação. Um e outro penetram, 'televisivamente' no espaço da minha domesticidade e do meu quotidiano.

Televisual também, mais que cinematográfico – ou mais que **o cinematográfico deste romance** – será a selecção dos lugares físicos da acção. Sempre que se escolherem lugares restritos, reduzidos (na redução reduplicando-se o reduzido espaço da minha domesticidade) o efeito **mais televisivo** retorna, eventualmente até em oposição imediata, na sequência da narrativa, com espaços mais alargados, de função também **mais** cinematográfica. Restringido em casas, quartos, celas de prisão ou sendo apenas o lugar ultralimitado onde só visualizamos a face ou o corpo individual de uma personagem, o espaço é de todo semelhante ao da minha intimidade doméstica ou ao do filme tipicamente televisivo que domesticamente recebo. Com os sinais envolventes da voz, do rosto e do olhar, personagens e Narrador principal, todo o cosmos do narrado e da narração avançam no **écran** imaginário. Ficam ao alcance das mãos e coabitam connosco. Na «nossa casa».

Na estrutura dialogante do texto (e sempre porque **visualizamos,** por metonímia, os diferentes antagonistas que no espaço-tempo do diálogo se deslocam) enraíza outra fonte de efeito televisual. Efectivamente, o diálogo **artificial,** «fingido», é crucial para a estrutura e a função da comunicação televisiva. Uma pessoa telegénica fala com os olhos na objectiva, olhos nos olhos do espectador. Aqui, precisamente, produz-se o **sinal envolvente,** origem da impressão de conversa «real» e de presença «corpórea». A ilusão do estatuto dialogal entre a pessoa (imagem) do **écran** e o telespectador é de tal ordem que pode provocar, no consumidor ideal de TV (o espectador não-crítico, capaz de responder inteiramente às solicitações típicas do **meio**) um processo de verbalização de «respostas». São os «cala-te, pá!» ou os «tens razão, tens razão!» com que se acredita retrucar (ou ironizar, mas sempre retrucando) a uma interpretação ou a um modo discursivo de que discordamos ou a que damos anuência. Embora possa não responder verbalmente – e lembro: quem responde discordando já não é tão 'espectador ideal' como isso, pois está fugindo à **modelação** total – o telespectador ideal responde pela concordância não verbalizada. É este o circuito específico da modelagem televisiva: aquele onde, dócil, o telespectador passa a vida a dizer «sim, senhor!»

Ora bem, parece de todo evidente que **Levantado do Chão** não deseja nem procura o espectador(/leitor) não-crítico, dócil, antes anda em busca de quem ajude à construção de sentidos para o texto, a partir de participação tão profundamente emocional e intimista como crítica e produtivamente cooperante. Todavia, e por outro lado, o romance é inegavelmente 'modelador', pelo menos pelo facto de o diálogo pedagógico procurar a **construção orientada** do conhecimento. Desejando, em contrapartida à **modelagem,** que o leitor-espectador visualize **criticamente** os objectos em deslocação, a escrita de Saramago tem de propor, em oposição sistemática aos processos televisivos de modelagem-/aproximação, efeitos substancialmente cinematográficos, de comunicação mais afastada por mais ritualizada e menos 'doméstica'.

Familiaridade, à-vontade, intimismo e cumplicidade presentes no diálogo convergem num outro lado da comunicação televisiva: **a cotidianeidade.** Dialogal, o texto é **conversa** susceptível de passar-se **em qualquer dia e lugar.** Com a **dialogação** faz-se a cotidianização do modo de contar. Desde então, potencializa-se a verosimilhança de uma **cotidianização do contado,** de onde se afastarão os elementos possivelmente extraordinários. Quando **limpa** a narração do obviamente heróico, fora do normal, **Levantado do Chão** vai dar ao televisivo, não ao cinematográfico. (A cotidianização dos factores dramáticos é clara em séries tipicamente televisivas: vejam-se, por exemplo, as telenovelas brasileiras ou a banalização da violência em séries policiais ou de espionagem).

Trazendo tudo para a dimensão do dia-a-dia, a TV domestica (domina e faz **doméstico,** adaptado ao espaço onde recebemos as imagens do pequeno **écran** os assuntos. O Narrador principal de **Levantado do Chão** por vezes age com intuito análogo para que, sentindo a tudo e a todos em grande semelhança, em harmonia com a nossa vivência diária, possamos crer na autenticidade absoluta do que ouvimos e vemos. Em decorrência do desejo de contar em cotidiano, pode o Narrador principal dizer a certa altura: «seria precisa muita imaginação para inventar acontecimentos extraordinários». Sem sombra de paradoxo, contudo, e porque o efeito televisivo no romance de Saramago serve à consecução das finalidades consciencializadoras da escrita, a cotidianização do contado consegue inscrever, no pequeno, anónimo drama, a **dimensão superior.** Assim, **todos os dias** se sofreu fome e viveu miséria, todos os dias se foi lentamente crescendo para a consciência, ao longo de anos obscuros se aprendeu a actuar. Cotidianas e banais no sentido estrito dos dois termos foram misé-

Continua na pág. 4

UM POEMA INÉDITO de Carlos Leite «100 idées (duas) – Ezra Pound»

Anos depois de termos lido Ezra Pound
tu tens um comboio que me violenta
até Espinho Esmoriz ou Estarreja
e trazes neles os dias todos passam
pedagogicamente vazios.
Vou ao infantário buscar o Ramiro
e faço um como que jantar
pois não temos mordomos nem amigos e os inimigos
estabilizaram os ódios e os ócios
democratizaram-se-nos.
Quando vais dormir
(tens de não perder o das sete menos quatro?)
fico sentado horas à mesa compondo uma sombra
sob o cone da luz neutra, a tradução policial,
o rádio em stock, o sobretudo pelos ombros.
Os papéis amontoam-se, Penepola,
escrevo-te outra vez de longe
na segunda voz.

Carlos Leite

As letras em dia • A

ANTÓNIO TAVARES MANAÇAS **publicou (na Forja) o seu primeiro livro de poemas: «Estar ou a Cabeça na Barriga», é o título. Tavares Manaças tinha publicado, até esta estreia como poeta, dois livros de prosa narrativa: «Falar António» (76) e «As Recitações» (75).**

RAIZ&UTOPIA – **a homosexualidade, as prisões portuguesas, o fenómeno radical, a droga são alguns dos temas de um volumoso número triplo que «Raiz & Utopia» põe cá fora, a encerrar 81. Recheado de depoimentos – que vão de um manuscrito do Manuel Alentejano, enviado da Penitenciária, a confissões de homossexuais – o número Primavera/Verão/Outono da revista não se fica por aí. Inclui um inédito de Marguerite Yourcenar escrito em Sintra, durante a sua recente passagem em Portugal; uma entrevista de Maria Antonieta Macciochi, um texto de Umberto Eco e variadíssima correspondência. A revista prevê a realização de debates dos temas centrais deste número, nomeadamente Homossexualidade e Sistema Prisional. O n.º 17/18/19 inclui colaboração, entre outros, de Mário Baptista Coelho, Miguel Serras Pereira, Maria Regina Louro, João Fatela, Isabel de Sá, Maria Rosa Almeida, L. M. Miranda Pereira, Sá Nogueira. A capa é da autoria de Jorge Molder e a colaboração gráfica é de Vasco Rosa e Silva Westphalen.**

ADESTRAR A MÃO, **de António Barbedo, é o último título lançado pela Oiro do Dia na sua homónima colecção de plaquetes de poesia. O autor, não sendo um nome que se possa dizer muito conhecido, também não é um estreante. É este no entanto o primeiro título que publica individualmente, já que da sua bibliografia constam apenas duas presenças em antologias («Poesia 70» e «Poesia 71») e uma sequência num colectivo,**

Continua na pág 4

«LEVANTADO DO CHÃO» • «LEVANTADO

José Saramago

Continuação da pág 3

rias e grandezas de trabalhadores. Ou foi miséria capaz de construir grandeza.

Aproximar o contacto da normalidade, da rotina diária, é necessário à comunicação de tipo televisivo em **Levantado do Chão.** Todavia, o Narrador principal – que, criteriosamente, vai acumulando recursos para atingir finalidades – tem aguda consciência de que não pode arriscar-se a perder, por banalização, os verdadeiros significados, eticamente maiores, da história que nos vai contando. Evita, assim, a naturalização dos acontecimentos, anulando provisória e reversivelmente (por trânsito para a visualidade cinematográfica) a proximidade/intimidade-/domesticidade televisiva. Quando o faz, aumenta a distância entre o olhar (nosso) e a imagem, numa figuração evidente da perspectiva crítica que devemos ter sobre um dia-a-dia, que sendo real e autêntico, não é **fatal.** Pode ser transformado, como efectivamente é, no final feliz da história.

Serve de alertagem para o problema da naturalização a evitar-se o comentário ao modo como Sigismundo Canastro contava as aventuras de João Mau-Tempo: «dizia estas assustadoras coisas como se fossem naturais, dava a tudo um ar de tão perfeita simplicidade que nem as mulheres lacrimejavam de piedade, e os garotos afastavam-se desencantados (...)». O «ar de perfeita simplicidade», de naturalidade, linearidade, pode perfeitamente ser o mesmo que nos parece ter a imagem televisiva. E tal como a palavra de Sigismundo Canastro simplifica, também a palavra do Narrador principal, por muito próxima dos conflitos enquanto cotidianos, poderia correr o risco de o fazer. Sabe-o – e evita-o – o sujeito **inteligente** desta narração. E vai buscar, em outras alturas, a construção mais complexa, mais perceptível enquanto composição, do objecto da sua história. E diz-nos estar, no tempo da fala, em processo de criação consciente senão exactamente de um corpo artístico, pelo menos de um **artefacto de palavras.**

Quando nos **aponta** o discurso como feitura, fabrico, o Narrador principal alarga a distância entre os nossos olhos e o que vemos. Sabemos, agora, que há um **écran,** continente artificial onde cabem coisas **diferentes das do cotidiano.** Secciona-se o intimismo televisivo, surge o **espectáculo.** É já rigorosamente o cinematográfico que, em **Levantado do Chão** parece construir sobretudo as cenas perante as quais o leitor tem de manter viva a **consciência do seu próprio processo de recepção de imagens.**

Introduzindo o distanciamento crítico, o efeito cinematográfico equilibra a modelagem de tal forma que a aquisição do saber não é, de forma alguma, passiva, antes sendo **efeito do trabalho conjunto** de Narrador, texto e Leitor.

De vários modos o romance compete ao distanciamento relativamente maior da comunicação em cinema. Talvez o mais nuclear deles seja a ritualização da percepção do objecto. Consciencializando e alternadamente esquecendo que **vê** o **dito pelo verbo,** o leitor potencializa, na recepção, a capacidade produtora de sentidos que há no **ver** ao longe, no **ver** ao perto (e, logicamente, no **ouvir**). Já aqui está a ritualização do exercício visual. E sempre que ritualização do olhar ocorre, o efeito é de cinematografia.

Além da competente ritualística – modo de des-intimizar o objecto – outros traços especificamente cinematográficos ocorrem em **Levantado do Chão:** os **plongés** e contra-**plongés,** os **raccourcis,** determinados planos de conjunto, os **travellings** e, sobretudo, as grandes angulares. Todos estes traços (ou alguns deles (como os planos de conjunto) quando colocados em oposição contrastiva com o **mais televisivo** dos grandes planos, por exemplo) seccionam o intimismo maior e parecem ter uma função primacial: a de propiciar a visualização sempre em grande tensão emotiva mas também em grande abrangência espacial de determinadas cenas solenes, ética e historicamente superiores. Cenas a que deveremos «assistir» em atitude, diria, de respeito, quase de reverência.

O que **vejo** nestas circunstâncias é cinema porque **espectáculo enquanto tal percebido** e enquanto tal **diferente de mim,** do **meu espaço,** da **minha cotidianeidade.** Em discurso necessariamente cinematográfico é, asssim, verosímil que se construa a cena inicial, viagem dramática e exemplar (da miséria e exploração) de Domingos Mau-Tempo. Ou o encontro clandestino de trabalhadores, no meio do campo, para trabalho político. Ambas as cenas movem ao respeito e ao distanciamento. Na viagem, distancia-nos – diferencia-nos – o discurso visual da fome e da penúria. No encontro dos trabalhadores, sempre em diferença e admiração, vejo a solidariedade, o nascimento da aprendizagem comum. Na última cena do romance, cinema puro a lembrar Bertolucci do **900,** 'filmagem' em **plongé** e grande angular permite-me simultaneamente enxergar todo o **conjunto de movimentos no espaço actual** (trabalhadores entrando na herdade) e **todo o conjunto dos tempos passados** (sombras de mortos) que levaram a existência do tempo novo. **Plongé** e grande angular dão o **happy-end,** grande final do movimento (deslocação) de história e História. Recursos cinematográficos não televisivos fazem a apoteose em **distância** e **diferença** do cotidiano. Emocionada, encantada ainda, pois estou **vendo, sei** sempre o que me separa dos heróis que, ao longo de história e História, dentro de sucessivos pequenos cotidianos, se foram construindo. Para construirem a outros, num dia qualquer, também ele levantado e principal. ●

Lisboa, Dezembro de 1981

MARIA LÚCIA LEPECKI

As letras em dia • A

Continuação da pag 3

«Os Mecanismos da Alegria», com Licastro e Fernando Ruivo, aqui há três anos, editado pela Centelha. Esta sequência era parte dum livro que a Sociedade Portuguesa de Escritores Médicos (a que o autor pertence, médico psiquiatra, no Porto) distinguiu em 74 com um Prémio de Revelação de Poesia. A plaquete da Oiro do Dia traz um extratexto: é um desenho de Jorge Ulisses.

«GRITOS DA FORTALEZA» **é mais um livro de poemas de Vicente Campinas, numa edição de «Jornal do Algarve». É o décimo quinto livro de poesia do autor. Sempre dentro da mesma linha, muito directa e simples, Vicente Campinas**

(cujo último livro de ficção, «Homens e Cães», merece a atenção do leitor) escolheu, para capa de «Gritos...», a reprodução de um postal de protesto contra a repressão fascista em Portugal.

A IN-CM **publicou recentemente na sua colecção Autores Portugueses um volume com o «Teatro Completo» de António Pedro. Todas as peças que António Pedro escreveu (e não escreveu apenas peças para o palco, lembre-se, mas também cerca de uma dezena de poemas e pelo menos um texto de prosa narrativa que é referência inevitável na literatura portuguesa do século XX, «Apenas uma Narrativa»), estavam há muito fora do alcance de qualquer leitor interessado, e principalmente de qualquer grupo de teatro que porventura as quisesse levar à cena. Pois agora aí estão. «Mais do que dramaturgo, por certo, foi António Pedro um homem de teatro na plena acepção do termo – diz Luis Francisco Rebelo, numa apresentação –. Ou, mais exactamente, dramaturgo, tê-lo-á sido apenas na justa medida em que lhe era necessário para atingir essa plenitude. Vista a questão de outro ângulo: se**

António Pedro

tivesse limitado à escrita a sua actividade teatral, não ocuparia ele na história da arte dramática portuguesa o espaço que, por direito próprio – e irrecusável – é o seu; mas também este não seria o mesmo sem as peças que escreveu, e que neste volume meritoriamente se reúnem». Peças, que peças? «Theatre», «Teatro» (versão portuguesa), «Desimaginação», «Reginaldo Coral», «Andam Ladrões Cá em Casa», «Antígona», e «O Lorpa».

OS DESCOBRIMENTOS E A ECONOMIA MUNDIAL, **vasta obra de investigação de Vitorino de Magalhães Godinho, está a ser lançada em livro pela Presença. A obra toda sairá em três volumes, e trata-se duma reedição, já que tinha saído em fascículos entre 63 e 71. Trata-se, como se sabe, da tese de Doutoramento de Es-**

V. Magalhães Godinho

tado de Magalhães Godinho, em França, onde foi apresentada em 58 e publicada em 69. Em relação à edição francesa (que a anterior, feita em Portugal, reproduzia), há alterações, designadamente supressões e acrescentos. Parece desnecessário dizer que é uma obra de capital importância na historiografia portuguesa. ●

Os filhos de Roque Delton

Mario Benedetti

Roque e Juan José Dalton Canas, os dois filhos mais velhos do poeta salvadorenho Roque Dalton, desapareceram do seu país após um confronto com o exército na região de Chalatenango. O incidente ter-se-ia verificado em Outubro de 1981, mas só agora veio ao conhecimento público.

Assassinados como o pai...?

Não se sabe. Roque Dalton tinha quarenta anos quando foi morto em El Salvador, por Maio de 1975. Como os filhos, agora desaparecidos, Roque participava na luta revolucionária quando lhe tiraram a vida. A sua morte faz parte do tributo de sangue pago pela Cultura na árdua libertação da América Latina.

O seu nome passou a fazer parte da lista dos escritores assassinados ou desaparecidos por aquela fracção do mundo, como, por exemplo, os guatemaltecos Roberto Obregon e Otto René Castillo, os nicaraguenses Rigoberto Lopez Perez, Leonel Rugama e Ricardo Morales, os peruanos Edgardo Tello e Javier Meraud, o uruguaio Ibero Gutierrez, os haitianos Rony Lescouflair e Jacques Stephen Alexis...

Lista negra que iria ainda crescer com o assassínio do argentino Francisco Urondo – e o desaparecimento dos (também argentinos) Rodolfo Walsh e Haroldo Conti e Julio Castro (uruguaio). A repressão não se contenta com uma única geração. Quando Paco Urondo tombou, quando desapareceu Rodolfo Walsh, já tinham sido assassinadas as suas respectivas filhas. E também tinham perdido a vida os filhos do poeta Juan Gelman e do romancista David Vinas, um e outro presentemente no exílio.

Muitas vezes recordei as seguintes palavras de Heródoto: «Ninguém é tão insensato que escolha por sua própria vontade a guerra em vez da paz – e isso porque na paz os filhos enterram os pais enquanto na guerra os pais enterram os filhos.» Hoje Heródoto teria de acrescentar novas palavras àquelas palavras. E porquê...? Porque há tempos que não são de paz, nem exactamente de guerra. Há tempos, como este que ora vivemos, que são de puro massacre, e em que filhos e pais se juntam num imenso coro de morte...

Nada se sabe hoje dos dois filhos do poeta salvadorenho. Fui amigo pessoal de Roque e conheci esses filhos. Eram então tão meninos! Talvez sete, oito, nove anos. Mas já sentiam, e compreendiam, que havia bons e maus, vida e morte, flores e sangue.

Em 1975, quando Roque foi assassinado, mais me aproximei desses rapazes tão prematuramente órfãos – e hoje ignoro se estão mortos ou vivos, e tenho de aceitar (mas será que me contento...?) que ambos são dados como desaparecidos. E pensando nos dois, mortos, vivos, desaparecidos, recordo (vou recordando...) uma das composições do livro «Poemas clandestinos» que o pai logrou publicar: «Não esqueças nunca / que os menos fascistas / de entre os fascistas / são também / fascistas...» Quem os fez desaparecer é isso mesmo. ●